Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

DOMINGO, 4 DE FEVEREIRO DE 1973 — N.º 18 002 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

DRAMA DE UMA ILHA

Uma perspectiva geral da ilha de Heimaey, antes do vulcão Helgafell, que se vê ao fundo, reentrar em actividade. (Foto de José Teixeira).

O vulcão Helgafell, que despertou a 23 de Janeiro dum sono de pelo menos seis mil anos, continua a verter no mar rios de lava incandescente. Uma brecha de pelo menos dois quilómetros de comprimento abriu-se no flanco do Helgafell. Está cheia de lava em ebulição, donde irrompem umas quinze línguas de fogo que, de momento, sobem a uma centena de metros de altura. Até ao momento grandes torrentes de matéria em fusão atingiram a cidade e o porto. Algumas casas arderam antes de serem engolidas. Trezentas pessoas, das cinco mil que viviam na ilha de Heimaey ainda lá se encontram para tentarem salvar os bens dos insulares e os animais domésticos. Mesmo que a erupção pare ràpidamente, o que é imprevisível, as terras de Heimaey cobertas de cinzas vulcânicas, ficarão estéreis durante muito tempo. **(Ler nas centrais)**

EDIÇÃO DE 32 PÁGINAS

A CRISE DO DÓLAR

EXPECTATIVA NA EUROPA

A República Federal Alemã fechou ontem as suas bolsas de valores a estrangeiros não-autorizados numa medida de emergência que observadores financeiros prevêem que fará com que os preços das acções desçam acentuadamente amanhã de manha.

A decisão foi uma de uma série de medidas sobre contrôle de moeda estrangeira anunciadas num comunicado emitido pelo governo após a meia-noite, depois de uma sessão do gabinete apressadamente convocada para estabelecer a defesa do país contra a ameaça de especulação do dólar.

O Governo proibiu, também, todos os empréstimos substanciais no estrangeiro por parte de alemães ocidentais sem autorização especial do Banco Central. Além disso, fechou a porta das traseiras para impedir que firmas estrangeiras tragam para o país grandes importâncias em dinheiro através de filiais e de companhias subsidiárias.

As severas medidas de controle aos movimentos de capital foram consideradas em Bona como uma dissuasão tremenda para os especuladores. Embora elas não detenham estrangeiros de comprar marcos com dólares, podem tornar financeiramente pouco atraente fazê-lo visto os especuladores poderem apenas depositar os marcos em bancos onde não obtêm qualquer juro.

O ministro das Finanças, Helmut Schmidt, sublinhou que não havia qualquer questão do país mudar a paridade do marco quer revalorizando a moeda, quer pondo-a a flutuar.

Revelou que o Governo de Bona agira após consultar os Estados Unidos e os seus parceiros no Mercado Comum europeu e afirmou que alguns dos associados na Comunidade Económica Europeia poderiam seguir o exemplo após o fim da semana.

As decisões do gabinete de Bona seguiram-se a umas agitadas 48 horas nos mercados de câmbios estrangeiros do país, durante as quais o Banco Central se viu obrigado a comprar 1000 milhões de dólares para evitar que a moeda norte-americana descesse até ao seu preço mais baixo de 3,1500 marcos.

O Governo, que esteve reunido em sessão sem os seus dois principais dirigentes, o chanceler Willy Brandt e o vice-chanceler Walter ambos doentes, disse que as fiscalizações eram necessárias por causa das perturbações nos mercados de câmbios estrangeiros de todo o mundo.

MAIS HOMENS QUE MULHERES EMPREGADOS NO SECTOR DO TURISMO

O número de homens ao serviço do Turismo durante o ano findo, foi superior ao das suas colegas. Esta a principal conclusão a que se pode chegar pela análise das Estatísticas do Turismo, agora divulgadas pelo Instituto Nacional de Estatística, em «Informação Antecipada».

Entre pessoal remunerado e não remunerado trabalharam, no ano em referência, 27 494 indivíduos, dos quais 15 056 eram homens. O grosso deste número cabia, lògicamente, ao pessoal de hotelaria e o menor número estava empregado em pousadas. O pessoal remunerado somava 24 757 pessoas, o que significa a existência de 2737 trabalhadores não remunerados, no conjunto dos 2953 estabelecimentos existentes.

Em hotéis, ganharam o seu pão 17 663 trabalhadores, sendo 11 226 homens; em pousadas, 447 e 211 respectivamente; em Estalagens, 1121 e 506; e, em pensões, 5526 e 1788.

O distrito onde o Turismo empregou mais braços foi o de Lisboa, como é natural (8341 indivíduos). Logo a seguir vem o de Faro (4889), depois Porto (1154). No fim desta lista, tem lugar o distrito de Beja com 107 empregados, dos quais, apenas, 38 são homens. Idêntica situação se registava em Bragança onde dos 116 indivíduos ligados ao sector só 30 pertenciam ao sexo masculino.

A actividade turística que mais gente empregou, em 1972, foi o serviço de mesa (4018 pessoas). Nas cozinhas trabalharam 3585; nos andares 3854 e na direcção e administração 2422. A proporção mantinha-se quando se encarava esta divisão em relação a cada tipo de estabelecimento turístico.

As tabelas relativas à capacidade de alojamento dão como total geral 93 774. Em hotéis podiam alugar aposentos 33 703 turistas, enquanto o podiam fazer 3217 em pousadas e estalagens, 34 539 em pensões e 22 315 em casas de hóspedes. A classe de hotéis em que se registava maior capacidade era a de 1.ª, exactamente como acontecia em relação às pensões.

O concelho com maior capacidade era o de Lisboa, já que o País acusa, mesmo no Turismo, o vício da macrocefalia: 22 210. A seguir conseguia um lugar o concelho do Porto e depois Cascais, com capacidade para 6422 e 4157 pessoas respectivamente. Faro tinha capacidade para 1366 visitantes.

Havia, no mesmo ano, 1311 hotéis e 1506 casas de hóspedes no Continente, com um total de 35084 e 10971 quartos, respectivamente. O número de camas era, em hotéis, de 54 055 e, em casas de hóspedes, de 15 188. Dos quartos de hotéis só 19 425 tinham casa de banho privativa. Em casas de hóspedes, apenas 195.

O concelho com maior número de hotéis era o de Lisboa (246), o mesmo acontecendo quanto a casas de hóspedes (520).

A D. Quixote deixa de publicar poesia

A conhecida editora Publicações D. Quixote» resolveu deixar de publicar poesia, «devido ao pouco interesse do público em geral por este género de publicações», segundo informou um responsável da casa.

A decisão não pode, quanto a nós e ao público (em geral? em particular?), deixar de lamentar-se, já que a colecção «Cadernos de Poesia» da Dom Quixote era uma das (infelizmente poucas) iniciativas editoriais com interesse neste País, onde a publicação de autores nacionais não goza dos favores dos editores.

Segundo estes, há «pouco interesse do público». Mas é caso para perguntar: que fazem (eles, editores) para estimular esse interesse?

LUZ APENAS NAS RUAS

Mais um inverno está a passar e o populoso lugar de Cabeço de Boi, deste concelho, continua pràticamente às escuras. A falta de luz verifica-se sobretudo nas moradias, onde para obter uma luminosidade razoável, é necessário utilizar lâmpadas com, pelo menos, 150 voltios. Quanto aos frigoríficos e outros aparelhos electrodomésticos, devido à fraca intensidade da corrente, não funcionam.

Este problema, que se arrasta há vários anos, requere atenção urgente dos Serviços Municipalizados de Ílhavo, de quem depende a central eléctrica ali instalada.

ABATIDAS DEZASSEIS RAPOSAS

MONTARGIL — Foram abatidas dezasseis raposas, durante uma caçada àqueles animais, nas herdades de Vale de Cabecinhas, Sagolga, Serra e Porto Velho, deste concelho, em que tomaram parte vários caçadores locais.

Formação de contramestres

Está a decorrer na Associação Industrial Portuguesa, o primeiro curso da série «Formação Industrial de Contramestres», organizado pela Comissão de Produtividade desta entidade industrial.

Participam no curso, cuja parte geral tem a duração de 72 horas, 15 contramestres e encarregados de 10 empresas de Lisboa, Porto, Aveiro, Santarém e Setúbal.

Entre os temas apresentados pelos eng.os Reis dos Santos, Alberto Camacho e Antunes Frazão, contam-se as relações no trabalho, a arte de instruir, a gestão de pessoal e o controlo de qualidade.

OS
SALDOS
DOS
Tecidos Almirante, Lda.
— AV. ALMIRANTE REIS, 23-A
CONTINUAM POR MAIS UNS DIAS
E AGORA COM A GRANDE SENSAÇÃO
CAMISAS PARA HOMEM
67% POLYESTER (NÃO PASSA A FERRO)
UMA POR 75$00 — DUAS 130$00
E TRÊS POR 175$00 (O QUE É INCRÍVEL)
POIS O VALOR DE CADA CAMISA É 195$00
— E TAMBÉM AINDA —
VESTIDOS PARA SENHORA
PURA LÃ (EM CAXEMIRA)
Eram a 430$00
Agora a 175$00
ROBES PARA CRIANÇA
(EM PELUCHE)
Apenas por 55$00
E MILHARES DE TÚNICAS, SAIAS, CALÇAS E VESTIDOS (PARA SENHORA)
A PREÇOS DE VERDADEIRA LIQUIDAÇÃO
— VISITE-NOS E CONFRONTE —
POIS O SEU DINHEIRO TEM O DOBRO DO SEU VALOR

Dizem os leitores

Ainda os vencimentos dos professores agregados

O atraso no pagamento dos vencimentos aos professores agregados, é, mais uma vez,, tema para reparos. Desta vez, é um leitor de Lisboa, devidamente identificado, que nos apresenta a sua queixa, a qual se estende à perpetuidade do estatuto de professor agregado.

«O Diário de Lisboa publicou, em 25 de Janeiro, mais uma nota sobre o atraso nos pagamentos dos vencimentos aos professores primários agregados, desta vez verificado no concelho de Cascais.

A frequência com que últimamente têm sido apresentadas reclamações provenientes de diversos pontos do distrito de Lisboa é sintoma de que o sistema em vigor está sendo altamente inconveniente para milhares de pessoas que nesse sistema, aliás, só têm encontrado a confirmação de como a burocracia pode ser cega e absurda.

Também os professores da 23.ª Zona Escolar de Lisboa ainda hoje (26/1/73) não receberam o cencimento correspondente aos serviços prestados no mês de Dezembro. A explicação é esta: a folha de vencimentos continha um erro de vinte escudos nos elementos respeitantes a uma das professoras e foi devolvida à Zona para elaboração de uma nova folha. Quer dizer: todos os professores — e são vários — desta Zona, deixarem de receber os seus vencimentos na altura em que já se habituaram a considerar normal (isto é, entre aproximadamente 14 e 20 de cada mês, e respeitando o trabalho prestado no mês anterior) sòmente porque houve um lapso que dizia respeito a uma das suas colegas.

Que aconteceria se, numa empresa, todos os funcionários fossem obrigados a esperar que fosse corrigido o recibo mal elaborado de um seu colega, para só então receberem os respectivos vencimentos?

Acho que tal procedimento seria considerado ilegal, além de absurdo.

Pois esta situação repete-se várias vezes ao longo do ano, nos serviços do Ensino Primário (creio que não se verifica no ensino secundário) do Ministério da Educação Nacional. Na realidade, os processos burocráticos da Direcção Geral do Ensino Primário apresentam neste aspecto bastantes dificiências se os comparamos com os da Direcção Geral do Ensino Secundário, pois tenho falado com diversos professores **eventuais** deste último grau de ensino e nenhum deles me tem referido irregularidades ou atrasos no recebimento dos seus vencimentos.

E quando termina o artificialismo de chamar professor agregado a um funcionário que presta serviço, no caso presente, há mais de 12 anos? Se os milhares de professores ditos agregados são necessários, porque não os consierar difinitivamente contratados ou efectivos do quadro geral, digamos, ao fim de três anos de bons serviços? Acabar-se-ia assim com o malabarismo jurídico que, baseando-se na não existência de um vínculo de trabalho bem definido entre o Estado e o professor agregado, permite aos serviços elaborarem as folhas de vencimentos sòmente no mês seguinte àquele a que dizem respeito, com a agravante de, repito, isto não se verificar em relação aos professores **eventuais** do ensino secundário, cujo vínculo de prestação de trabalho ao Estado é de natureza idêntica à do professor primário agregado».

A leitora D. Maria Custódia Loureiro Rodrigues, moradora no Barreiro, escreveu-nos uma carta em que diz:

«Há 4 anos que desconto para a Caixa de Previdência dos Empregados de Escritório, mas de Maio até Outubro descontei para a Caixa dos Profissionais de Seguros, em virtude de mudança de emprego, e, ao arranjar novamente emprego, dei baixa na respectiva Caixa para se proceder à transferência necessária, vindo novamente a descontar para a Caixa dos Empregados de Escritório.

Ora, no passado dia 23, dirigi-me ao Posto da Rua Luz Soriano, disposta a marcar consulta, quando lá me disseram que essa consulta não podia ser marcada em virtude da minha ficha não se encontrar lá.

Fui à sede, (Av. Estados Unidos da América) onde me comunicaram que a transferência não estava completa por ser recente (3 meses), pelo que teria de ir à Caixa dos Profissionais de Seguros, para de lá mandarem então o respectivo processo. Fui à dita Caixa e lá, por sua vez, me disseram que tinha que endereçar uma carta à Caixa a pedir os elementos, que neste caso era «um extracto de conta». Perguntei à menina que me atendeu que tempo levaria depois de receberem a minha carta até à resposta da mesma, ao que ela me informou demorar só aí uns 4 a 5 dias.

Depois de receber em minha casa essa resposta é que poderei ir à sede da Caixa dos Empregados de Escritório, para com esses elementos me passarem uma credencial e com essa credencial poder ir então ao referido Posto da Rua Luz Soriano marcar uma consulta para daí não sei bem quantos dias.

E eu pergunto, então se o meu caso fosse aflitivo e não pudesse (monetàriamente) mandar chamar um médico a casa ou ir à própria clínica, se fosse necessário consulta urgente, qual a assistência que a Caixa me tinha prestado com tanta burocracia?

Como V. Ex.ª deve calcular continuo sem receber qualquer elemento da Caixa de Seguros, e por conseguinte sem poder marcar consulta.»

O nosso mundo

E do conhecimento público que a rede distribuidora de energia eléctrica da vila é absolutamente deficiente. Falta de potência para corresponder às crescentes necessidades não apenas do sector particular mas do industrial e comercial. Também é do conhecimento público que, após a transferência do sector electricidade para a Federação dos Municipios do Ribatejo, esta se tem esforçado para o ansiado melhoramento das condições de iluminação, o que não quer dizer que as mesmas já estejam em condições de corresponder devidamente. Porque, na realidade, não estão mesmo. Numa simples casa particular e mesmo no respeitante apenas a iluminação da mesma, por mais que aumentem a potência das lampadas, a luz continua a ser enfraquecida, ténue, o que representa uma contrariedade permanente. Nestas circuntâncias, este apontamento refere-se hoje a uma das muitas realidades que afectam a nossa população e se torna imperioso resolver, com a maior urgência possível. («Notícias do Cartaxo»).

ELEITORES

Divergem as opiniões quanto ao real valor do sufrágio universal como meio de obter a vontade consciente e esclarecida de uma comunidade em qualquer problema, sobretudo quando essa comunidade abrange amplas regiões ou um pais e, por consequência, envolve simultâneamente o voto de grandes massas. A verdade porém é que o processo fez (e faz) a sua carreira, estando tão normalizado do que é aplicado como regra, desde a eleição da gerência de qualquer modesto agrupamento desportivo até à da mais alta magistratura de um Estado. (...) Ter por lei direito de voto e não ter possibilidade de votar por se não encontrar inscrito é uma situação equívoca que importa evitar. (...) Decorre do acima dito que todo o cidadão nas condições de ser eleito deverá certificar-se da sua inscrição no recenseamento que ora se elabora e, no caso negativo, requerê-la, para, deste modo, ficar apto a, na devida oportunidade, cumprir, juntamente com os seus concidadãos, o respeitável **dever de escolher aqueles que forem** — segundo o aviso da sua consciência — os mais idóneos a representá-lo num dos superiores órgãos do Estado: a Assembleia Nacional. (Dr. Branco Machado, in «Correio dos Açores»).

SANTARÉM

A juventude dos nossos dias já não vai em romantismos, e se ainda vai em espectáculos de «violência» é porque muitas vezes não tem qualquer recurso de opção. Quando a coisa ppromete ou agrada, até porque é credenciada pela crítica objectiva e honesta, todos aceitamos a lição! O que enfada, o que é tedioso e saturante, é o espectáculo sem «miolo», aquele que outra expressão pitoresca define comparativamente , como o limão: «espreme-se, por fim, e não deita nada». Pelas salas de cinema da nossa cidade, têm passado os mais belos e dos mais válidos filmes da produção cinematográfica mundial. Tivemos ainda não há muitos meses uma temporada de exibições que marcou pela qualidade superior dos filmes, o que mereceu a apreciação e o elogio da cidade, porque se estava no caminho certo, com obras-primas ou de grande valor técnico e artístico. Na presente época vamos ter bom cinema, para satisfação de todos nós e da simpática empresa. («Diário do Ribatejo»).

Três governos para um pequeno País – Demasiado para o Vietname

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

Estava-se em 1868: uma frota de franceses atacava Annam. A era colonial começava na Indochina, no momento em que as potências imperiais europeias iniciavam a partilha da Asia. Hoje, pelo menos assim se poderia esperar, este longo período deveria ter chegado ao fim no que diz respeito ao Vietname. Se até ao último instante os combates foram selváticos e os bombardeamentos aterradores, seria de esperar que, no domingo seguinte à assinatura do acordo de cessar-fogo, um grande silêncio se estendesse finalmente por todo o país.

No Norte, os habitantes de Haiphong e de Thanh-Hoa já poderiam dormir em paz, mesmo que tivessem de o fazer no meio das ruínas. Agora, os de Da-Nang e de Can-Tho, de Ban-Me-Tuot e de Pleiku iriam compreender que a palavra «hoa-binh» — paz — pode ter um sentido. Durante mais de uma geração seria a primeira vez.

Teria sido necessário quase um século de resistência cultural, política e armada à colonização francesa, e dezanove anos consecutivos aos acordos de Genebra, para se chegar a este ponto. Como sempre, neste género de guerras, o balanço material é mais fácil de apresentar do que o balanço humano: 14 milhões de toneladas de bombas e de munições americanas, milhares de foguetões, para não falar do **napalm** e dos desfolhantes. Conhece-se, também, com um erro de poucas unidades, o número de mortos americanos. Como avaliar, porém, as perdas vietnamitas, militares e civis? E, por outro lado, neste género de conflito aonde se situa a linha de demarcação entre os soldados e os outros? Também, trata-se apenas de mortos. O verdadeiro balanço deverá um dia incluir as pessoas mutiladas e traumatizadas, os milhões de vietnamitas que deverão — a que preço? — não apenas reconverter-se à paz, mas, ainda, tentar reconciliar-se com uma cultura, tradições e um modo de vida que a guerra e os contributos estrangeiros profundamente degradaram.

O Vietname vai, sem dúvida alguma, uma vez alcançada a paz, ter de operar uma descolonização em profundidade. Porém, antes de alcançar o seu objectivo, terá de dobrar o cabo, muito difícil, da concórdia nacional. Cada um dos campos em luta concorda num ponto: o cessar-fogo não é a paz; representa apenas uma fase. Mas... uma fase para quê?

Três governos para um país tão pequeno em busca da sua unidade, é muito, é demasiado. O antagonismo entre o regime de Thieu e o G. R. P. é tal, que uma das partes deverá desaparecer ou, pelo menos, transformar-se radicalmente. E verdade que os dois ministros rivais do Sul, à custa de extraordinárias subtilezas de protocolo, acabaram por se encontrar na mesma sala e por apor uma assinatura, que significa a sua adesão ao mesmo acordo. E assim que muitas guerras acabam. Porém, a hostilidade continua de tal maneira que a reconstrução do Sul, o funcionamento das várias administrações, são indispensáveis ainda durante longos meses. O cessar-fogo deveria, também, em princípio, permitir a entrada em cena daquilo a que se chama a «terceira força», porém, esta encontra-se, em larga medida, encerrada nos campos de concentração e nas prisões do Sul, e pode-se duvidar de que o presidente Thieu venha a fazer «todo o possível» para lhe dar a liberdade, como o acordo prevê.

Nestas condições, o príncipe Sihanuk talvez não tivesse errado quando anunciou o princípio da terceira guerra da Indochina. Evidentemente, esta guerra será sobretudo política, mas poderá fazer-se acompanhar de novo tilintar das armas. O problema é saber se, o conflito ficará confinado ao quadro das forças locais ou se os Estados Unidos entrarão de novo na batalha, sob uma forma ou outra.

As constantes violações de um cessar-fogo até aqui apenas teórico, pois, os combates continuam entre vietnamitas, bem como o aviso já feito pelos Estados Unidos de que voltarão a intervir se o acordo não for respeitado, podem vir a dar razão ao príncipe Sihanuk e a outros menos crédulos quanto às intenções imediatas de todos os autorgantes de um cessar-fogo que ainda não cessou nem dá mostras de cessar.

OS BALÕES DE GÁS

Do leitor José Manuel Simões de Almeida, morador em Lisboa, recebemos uma carta, de que destacamos alguns passos:

«Ontem ao fim da tarde, ao regressar de automóvel a casa com meus quatro filhos, o mais velho com 7 anos e o mais novo com 2, explodiu dentro do carro um balão de borracha cheio de gás que tinha comprado ao mais novo, no mercado ambulante da Praça de Londres. Os efeitos desta explosão são quase inacreditáveis: as portas do carro ficaram empenadas e a abrir com dificuldade, o vidro da frente soltou-se parcialmente da calha de borracha que o prende, a porta de trás (trata-se de uma «station») abriu-se violentamente partindo o fecho que o prende... não houve, graças a Deus, acidentes pessoais a lamentar, excepto alguns cabelos chamuscados, mas faço notar que o carro se encontrava parado no momento da ocorrência; fácil é imaginar o que poderia ter acontecido se o carro se encontrasse em movimento, ou parado junto de uma bomba de gasolina.»

Remodelada a pavimentação de arruamentos de Coimbra

Na reunião da Câmara Municipal, sob a presidência do eng. Araújo Vieira, com a presença do vice-presidente-eng. Augusto Correia e de toda a vereação, foram apreciados diversos projectos de obras no meio rural, salientando-se a estrada de ligação da EM 568 (Ceira) ao Cabouco, cujos trabalhos importam em 808 500$00; a variante da EM 537 (travessia de Brasfemes), no montante de 550 /contos, etc, trabalhos que vão seguir os necessários trâmites para a obtenção das necessárias comparticipações do Estado.

Apreciado o recente concurso para a construção de casas de renda económica (que teve um único concorrente) foi deliberado considerá-lo nulo, recomendar novo estudo do projecto e abriram novo concurso, este, porém incluindo já a segunda fase, no total de 150 fogos, 6 presidente que espera submeter o novo projecto à aoreciação da Câmara em fins do próximo mês.

Depois, o eng. Araújo Vieira deu a conhecer um ofício da Junta de Freguesia de São Martinho do Bispo sobre a necessidade do saneamento naquela zona, conforme tem sido referido na Imprensa e disse que,, da informação que recebeu dos Serviços Municipalizados, o estudo do problema está entregue a técnicos, incluindo a zona de Taveiro e Ribeira de Frades, pois trata-se — disse — de uma obra necessária e muito onerosa em processo de formação, que tem de correr todos os necessários tramites, vincando a relevância da sua execução.

EXPOSIÇÃO CANINA EM LISBOA

Foi inaugurada na Feira Internacional de Lisboa, a 59.ª Exposição Internacional de Lisboa.

Encontram-se patentes ao público 57 raças diferentes num total de 306 cães, dos quais 58 são provenientes de vários países europeus.

Realizar-se-ão algumas provas de trabalho e obediência, além do concurso «A criança e o cão». A exposição encerra amanhã.

RESTAURO DE UMA IGREJA

ÍLHAVO — A comissão nomeada para a angariação de fundos destinados às obras de restauração da Igreja Matriz desta vila, cuja primeira fase, orçada em 870 contos, já teve início, vai promover, no dia 18 de Março, às 14 horas, um cortejo de oferendas para aquele fim.

A referida comissão, para a execução das obras, já recorreu a outras iniciativas. Agora, nomeou várias subcomissões, por bairros, para intensificar a colecta de fundos.

Espera-se, entretanto, que as entidades oficiais concedam um subsídio para a concretização dos trabalhos de reconstrução, que visa salvar da ruína um templo de grande valor artístico e com mais de duzentos anos de existência.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Rodrigues de Sousa. Rua Cândido dos Reis, 25 — ALVITO

PORQUÊ um relógio CAUNY vale mais do que custa?

PORQUE o seu slogan «Uma marca para toda a vida» não é uma utopia.

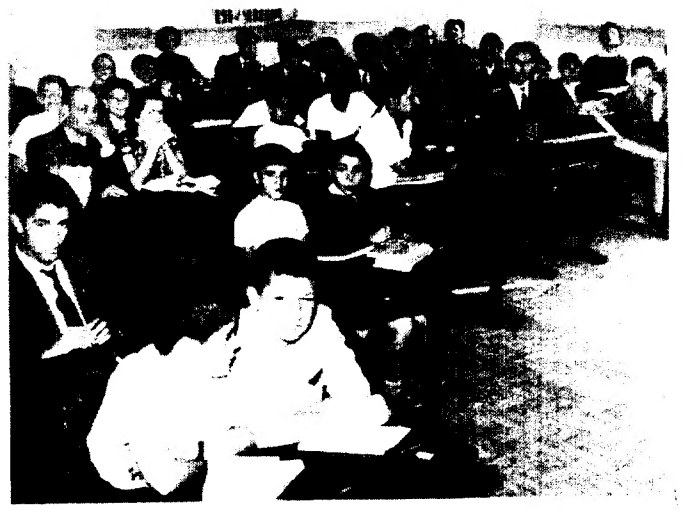
PORQUE desde há 45 anos oferece um bom relógio a preço popular.

PORQUE a sua produção permite fabricar relógios com uma pequena margem de benefício.

Compare a sua mecânica com outra marca de maior preço de venda e comprová-lo-á.

REGIONAL

• DEFICIENTE COBERTURA ESCOLAR NO CONCELHO DE SINTRA



. São inúmeras as carências do concelho de Sintra, difíceis as suas soluções e escassos os meios humanos e materiais à disposição da Câmara Municipal, como na última reunião o reconheceram os seus membros. O Plano de Actividades, referente ao ano findo, não foi integralmente cumprido, sobretudo por falta de meios financeiros e de execução. É o caso da falta de mão-de-obra qualificada com que se debatem os Serviços Técnicos de Obras e os Serviços Municipalizados, míngua essa que agrava o seu volume de trabalhos.

Entre outros problemas que dizem directamente respeito ao bem-estar dos munícipes, para os quais ainda se não encontrou a solução definitiva, estão o saneamento e o abastecimento de água do concelho. Tanto um como outro são objecto de paliativos; novas viaturas de recolha do lixo serão postas a funcionar, mas a solução final para o saneamento ainda está a ser pensada e sê-lo-á também pelas Câmaras de Oeiras e Cascais, conjuntamente. No que respeita ao problema das águas, para o qual já se tomaram «algumas providências», a Câmara vê-se igualmente obrigada a marcar um compasso de espera até que possa empreender a sua completa resolução. Sendo necessário, ao que parece, remodelar a conduta Carenque-Ranholas, obra sem qual a questão não será resolvida, e esperando-se ainda uma decisão das entidades competentes (apesar dos insistentes pedidos da edilidade) o município vê-se obrigado a semelhante atitude.

Mas nem só nestes aspectos se vê prejudicada a população deste concelho tão turístico e propagandeado, pois que também aí a cobertura escolar é deficiente: a Câmara não dispõe de instalações. «Em Sintra existem grandes deficiências nas instalações da sede do conselho que compreendem algumas salas do antigo casino e salas pré-fabricadas...» Não dispondo de qualquer outro edifício que minorize a actual insuficiência — que o crescimento da população estudantil poderá vir a agravar — pensa-se em utilizar um terreno, na Portela de Sintra, para definitivamente aí se levantarem as instalações de que o Ciclo Preparatório carece. Outro terreno, em Agualva-Cacém, cedido gratuitamente à Direcção das Instalações para o Ensino Secundário e Médio, espera a edificação de outra escola do ciclo. Já foi concedida a autorização à Direcção Geral das Construções Escolares para celebrar o contrato de execução das obras respectivas, estimadas em cerca de 20.000 contos. Ainda em Queluz, no Monte Abraão, outro terreno poderá ser utilizado com o mesmo fim.

Também o ensino liceal serve mal os munícipes. Decorrendo, naturalmente, do surto urbanístico que se vem registando no concelho, aumenta constantemente o número de alunos que atingiu já um nível muito superior ao que as instalações do liceu de Sintra podem suportar. E a mesma insuficiência se verifica na Escola Comercial e Industrial daquela vila, a funcionar há 13 anos em Agualva-Cacém, esperando-se vê-la atenuada quando se dispuser do edifício a ser construído no Monte Abraão, em Queluz. A cobertura escolar de algumas zonas do concelho foi também já objecto de sugestões dadas a conhecer à assembleia municipal. Frizou-se a importância e oportunidade de construir duas novas escolas técnicas, uma em Sintra ou em Algueirão-Mem Martins — a zona de maior volume industrial do concelho — e outra em Montalvar ou Pero Pinheiro, zonas habitadas por trabalhadores da indústria. Propôs-se igualmente a criação futura de mais três escolas do Ciclo Preparatório nas seguintes localidades: Montalvar, S. João das Lampas e Colares.

CARNAVAL SALOIO

LOURES — Intensificam-se nesta vila os preparativos para o «Carnaval Saloio», que terá os seus dias maiores a 4, 6 e 7 de Março. Haverá os mais diversos folguedos, entre os quais as famosas batalhas de flores e os bailes das chitas, «do alho e do pincel», «das hortas», bem como o «baile trapalhão».

NOVA UNIDADE AGRO-PECUÁRIA

LEIRIA — Foi inaugurado junto da estrada que desta cidade segue para Alcaidaria, e próximo do lugar de Milagres, um centro agro-pecuário modelar, que se dedicará à criação de gado suíno, produzindo anualmente 10 mil cabeças. O empreendimento pertence a uma firma local, que há muitos anos se dedica à criação daquela espécie de gado.

NEDLLOYD LINE

directo a

DILI (TIMOR)

escalando igualmente

DJAKARTA, SEMARANG, SURABAJA e BALIKPAPAN

o navio holandês «BATJAN»

em 17 do corrente

Os Agentes Gerais:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 4 — TEL. 36 60 56 / 36 22 66
LISBOA 2 PORTUGAL

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja (às Janelas Verdes)
Hoje e todos os dias, às 22 horas
Sábados e domingos, matinées às 16 horas
Últimos Dias
Só até ao dia 7
«ALICE NOS JARDINS DO LUXEMBURGO»
de Romain Weingartem, com Carmen Dolores, Ana de Sá e Augusto Figueiredo
Direcção de Jorge Listopad
Marc. Telef. 677299
Maiores 14 anos
Sub. Fundo Teatro

Informação económica

O PETRÓLEO DE ANGOLA

LUANDA, (L.) — Cifrou-se em 2 131 409 contos o produto dos 4 326 136 de toneladas de petróleo exportadas por Angola nos primeiors dez meses do ano findo, ao preço médio de 492 escudos por tonelada e num montante superior em 304 700 contos ao produto das exportações registadas em igual período de 1971.

O petróleo emparceira assim, na lista dos produtos cuja exportação conheceu mais significativos aumentos, com as farinhas de peixe que, devido à escassez de oferta verificada nos mercados internacionais, registou também um aumento de 251 200 contos em relação ao acumulado Janeiro-Outubro de 71. Efectivamente, foram exportadas 98.069 toneladas, que renderam 408.471 milhares de escudos, ao preço médio de 4165$00 por tonelada.

Em contrapartida, principalmente devido à quebra de produção motivada pelas secas que assolaram Angola em 1972, o algodão sofreu a mais importante das quebras registadas nas exportações angolanas, durante o mesmo período: menos 244 700 contos do que nos primeiros dez meses de 1971.

Café, petróleo, diamantes, ferro e farinha de peixe continuaram a ocupar cinco primeiros lugares entre as principais mercadorias exportadas por Angola, representando nada menos do que 74,4 por cento do total das exportações, cujos principais mercados de destino continuaram a ser constituídos pela Metrópole, Estados Unidos (cliente quase exclusivo do café, que preenche 85,3 por cento das suas compras a Angola), Japão, R. F. A. e Canadá, variando as respectivas compras entre 294 000 e 80 000 contos.

Por países, os Estados Unidos e o Japão, juntamente com o mercado metropolitano nacional, absorveram 53,5 por cento acumulado das exportações angolanas, entre Janeiro e Outubro do ano fundo.

TÍTULOS DA CARRIS

A Carris «estranha» que os títulos da Electric Tramways (Eléctricos de Lisboa-Carris) tenham na última semana subido de 35 «pence» para 185 «pence» na Bolsa de Londres. A notícia foi difundida pela agência ANI, a opinião da Carris foi por nós reconhecida junto daquela empresa. O porta voz da Carris admitiu que a subida dos títulos pode dever-se à acção de especuladores dado que seria mais de esperar que os títulos baixassem atendendo à situação financeira da empresa.

No telegrama afirma-se que «de acordo com os operadores, a razão desta subida reside de facto no interesse revelado por alguns compradores».

AÇORES EXPORTA GADO

PONTA DELGADA, (ANI) — Cerca de 33 000 cabeças de gado foram exportadas do Arquipélago dos Açores para o Continente em Dezembro de 1972. Quantitativo que permitiu exceder em 2317 cabeças o total de gado exportado naquele ano, relativamente a 1971.

A Ilha de S. Miguel foi a que contribuiu com maiores contingentes, tendo naquele mês, fornecido para exportação 16 833 unidades, seguida pela Ilha Terceira, com 5 250.

Prevê-se, entretanto, que as exportações de Janeiro tenham atingido as 45 000 cabeças de gado, o que constituirá sensível aumento em relação ao mesmo mês de ano transacto.

O DESEMPREGO NOS E. U. A.

WASHINGTON, (ANI) — A taxa de desemprego nos Estados Unidos desceu para cinco por cento em Janeiro — a mais baixa desde Julho de 1970 — informa o Governo.

Em Dezembro o nível era de 5,1 por cento verificado em Dezembro.

ECONOMIA DA R.D.A.

Berlim (ANI) — A Republica Democrática Alemã fez o ano passado um «claro progresso» na sua consolidação económica — revela o Instituto de Pesquisa Económica.

Esta organização de pesquisa, com sede em Berlim Ocidental, diz que o produto nacional bruto da República Democrática Alemã, com um aumento de 5,4 por cento, atingiu 199 milhares de milhões de marcos.

Segundo a mesma organização, este aumento é especialmente devido ao desenvolvimento da produção industrial.

CONTROLE DE MINÉRIOS

Camberra, Austrália (ANI) — A exportação de todos os minérios australianos vai passar a ser controlada pelo governo — declarou o ministro dos Minérios e Energia, Rex Connor.

Hayden salientou que o carvão está a ser vendido, muito barato ao Japão, podendo a Austrália perder 53 milhões de dólares australianos por os contratos não terem sido feitos devidamente.

Connor afirmou que o controle se aplica a todos os minérios quer em bruto ou semi-processados.

MEDICAMENTOSBRASILEIROS PARA ÁFRICA

Rio de Janeiro (ANI) — Com o objectivo de abrir um mercado para os produtos farmacêuticos brasileiros na África, seguiram para aquele continente os representantes da Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica (ABIFARMA) Aloisio Augusto Costa e Nelson Calafate.

Durante quarenta dias, vão visitar cinco países — Zaire, Costa do Marfim, Nigéria, Senegal e África do Sul — os Estados de Angola e Moçambique, fazendo estudos e levantamentos das possibilidades de exportação de medicamentos brasileios para o mercado africano e sua comercialização.

APARELHAGEM DOMÉSTICA

Paris (ANI) — A cifra de vendas da indústria francesa de aparelhagem doméstica subiu 14 por cento em 1972 para o valor de 4.10 milhões de francos, contra 3.650 milhões em 1971 — informa a respectiva federação.

O «deficit» do comércio externo deste sector industrial aumentou de 576 milhões de francos em 1971 para 625 milhões o ano passado, dado que as exportações não foram além de 825 milhões de francos, enquanto as importações atingiram 1 450 milhões.

FESTA DE CARIDADE

No campo de aviação de Gândara dos Olivais, deste concelho, realiza-se no dia 11 uma festa destinada à angariação de fundos para a catequese local. O programa, que é muito variado, inclui numerosos divertimentos.

LÍNGUA PORTUGUESA

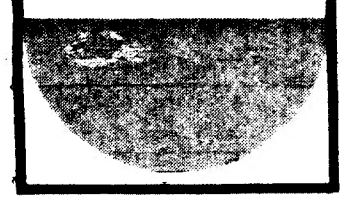
Foi nomeada, em comissão de serviço, para reger um curso de ensino básico de Português em Krefeld, República Federal da Alemanha, a professora da escola mista n.º 8 de Cacia (Aveiro), D. Maria Fernanda Dias Félix da Rocha.

OBRAS IMPORTANTES

A propósito da remodelação da Rua Dr. António José de Almeida, o Presidente, numa comunicação à Câmara, disse não ser prudente reconstruir o pavimento sem que os carros eléctricos circulassem pela sua mão, e por isso se fez a mudança dos carris, faltando, agora, a remodelação da rede de saneamento, uma vez que já foi feita a da água e de electricidade. A remodelação — acrescentou — ter agora a sua vez, com a adjudicação da empreitada das ruas Augusta, Antero de Quental, Tenente Valadim, Eça de Queirós, Saragoja, António de Vasconcelos, Trindade Coelho e Manutenção Militar. Porém — disse — , momento, trabalha-se na marginal do rio Mondego, para passar por lá o trânsito ligeiro Porto-Lisboa e depois desta obra concluida, deve iniciar-se o acesso ao Centro de Formação Acelerada, na Pedrulha, cuja inauguração — anunciou — está prevista para Maio ou Junho próximo. Assim, só em Junho ou Julho e depois do saneamento feito, se fará a reconstrução da parte final das ruas António José de Almeida e Nicolau Chanterenne.

A encerrar, o vereador dr. Augusto Soares Coimbra referiu-se às recentes declarações do Presidente da Câmara sobre a cobertura total do concelho com abastecimento de água, congratulando-se com o optimismo evidenciado, a longo prazo, conforme o estudo económico apresentado, mas que, todavia — acentuou — , as necessidades existentes são imperiosas e, nem por as dificuldades a vencer serem grandes, temos o direito de as considerar insuperáveis.

REPORTAGEM



NOVO MERCADO ABASTECEDOR DE FRUTAS

QUANDO E ONDE ?

Parece estar em estudo a construção de um novo Mercado Abastecedor de Frutas, na zona periférica da capital, o qual virá substituir o velho mercado que há tantos anos se situa no Cais do Sodré e cujas condições de salubridade e higiene, segundo as pessoas que ali trabalham e se abastecem, deixam muito a desejar. O problema já se ventila desde há muito. No entanto, tudo leva a crer que a ideia ganhou agora uma nova dinâmica e que não tardará a concretizar-se. Na reunião da Câmara Municipal do passado dia 28, ao expor o plano para 1973, o presidente do Munícipio disse, referindo-se a este facto: **«Encara-se ainda a transferência do actual Mercado Abastecedor de Produtos Hortícolas, junto da Avenida 28 de Maio, para a periferia da cidade...»**

O que pensam, porém, as pessoas para quem o Mercado Abastecedor de Frutas é local de trabalho? Como encaram os mandatários que ali se estabeleceram, (alguns desde há dezenas de anos) e os representantes de Grémios de Lavoura ou de firmas ligadas ao abastecimento de frutas, com banca no Mercado do Cais do Sodré?

O sr. Joaquim António Domingos, mandatário no Cais do Sodré há trinta e nove anos, disse-nos:

— **Acho que se impõe a construção do novo mercado, aliás há muito prometido. Só vejo vantagens nisso. É claro que terá de ser muito bem escolhida a sua localização para não afectar a demanda. De resto, a própria Junta Nacional das Frutas, fez o ano passado uma reunião com os mandatários, para discutir o problema. Somos, portanto, mutuamente interessados.**

Também outro mandatário, o sr. Carlos da Silva, nos declarou:

— **Precisamos de um mercado que nos ofereça melhor arrumação ao produto e maior comodidade aos que aqui trabalham. Não sei se alguém pensa que podem existir desvantagens pelo facto de irmos para os arredores, mas eu não penso assim. O bom era que o novo mercado já estivesse a funcionar. Claro, no que respeita à localização terá de ser pensada. Porém, desde que não nos mandem para trinta quilómetros fora de Lisboa...**

O sr. Eduardo Pedro dá a sua opinião: **«Na Damaia é que era bom.»**

«Com o lixo que aqui há» — desabafa uma das empregadas do Mercado da Ribeira — **«tenho de lavar a cabeça todos os dias.»**

A sra. Arlete da Conceição, representante do mandatário Carlos Joaquim, afirmou:

— **Realmente, aqui, não temos condições nenhumas. O novo mercado traria vantagens para todos.**

É do mesmo teor a opinião do sr. Eduardo Pedro, representate de uma firma de produtores, que se dedica à venda, exportação e importação de frutas:

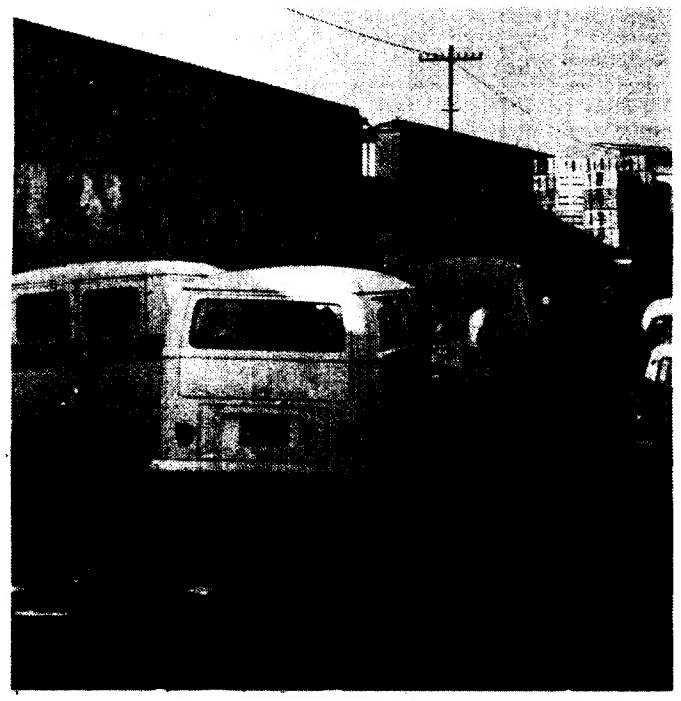
— **Pois o novo mercado é a aspiração de todos nós. No Inverno, sobretudo, torna-se impossível trabalhar neste local. Mas eu tenho uma ideia particular acerca da localização do futuro mercado. Acho que não deve ficar num ponto que afaste a clientela da zona de Cascais, que consideramos a de meior poder de compra em relação à nossa fruta. Entre os vários pontos já falados, pelo menos em conversa de tertúlia, eu preferia a Damaia. Olhe, ainda há dias estivemos a conversar acerca do caso e até começamos a deitar contas à vida, sobre rendas de casa, meios de transporte, etc. Quer dizer: creio que seria a zona ideal para nos e para os compradores. Além de que subsiste o problema do estacionamento dos veículos de carga e descarga, que numa zona como a Damaia era capaz de poder ser resolvido sem grandes dificuldades.**

Igualmente o sr. António Luis da Federação dos Grémios da Lavoura da Província da Estremadura, nos coloca a questão em termos muito semelhantes. Apenas difere no pormenor da localização:

— **Suponho que em Cabo Ruivo, junto do Matadouro, é que o mercado ficaria bem.**

Temos, pois, opiniões unânimes num ponto: o velho mercado da Ribeira, já não serve. E aguarda-se com alguma impaciência e concretização da ideia que há-de levar à construção do novo mercado.

O velho mercado já não serve.

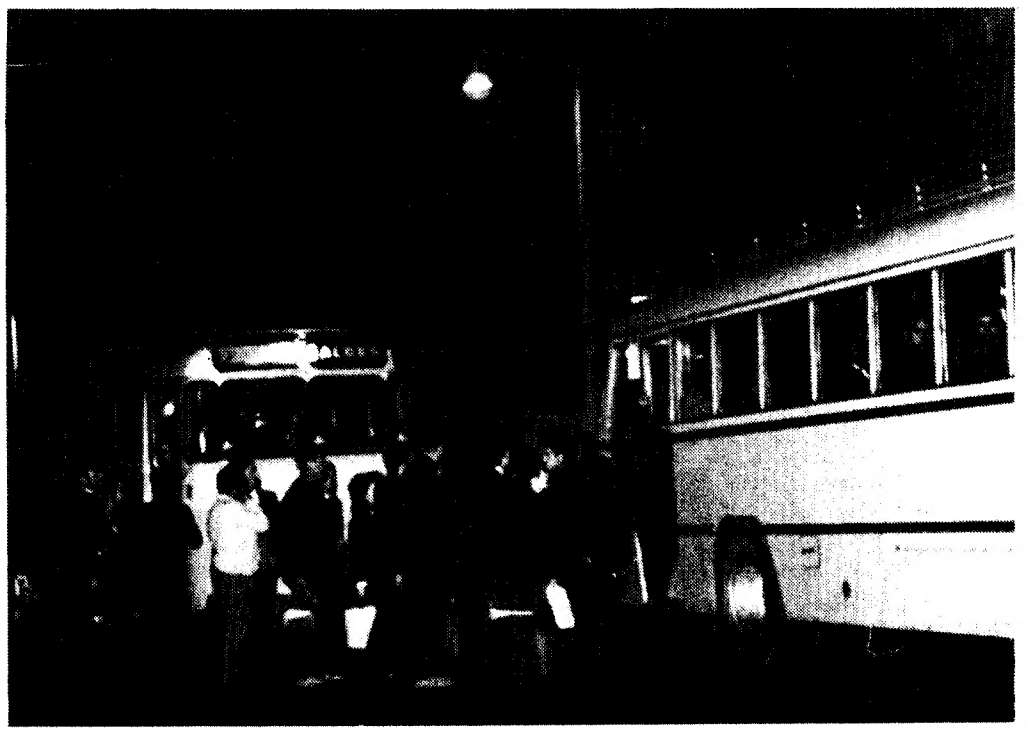


Um espectáculo de todos os dias: as cargas e as descargas.

CHAPAS ACRÍLICAS
VIDRO PLÁSTICO
Distribuição diária
PLÁSTICOS DO SADO, LDA.
Lisboa — Av. 28 de Maio, 51-A
Telef. 761783
Porto — Rua Faria Guimarães, 260
Telef. 490478

DINHEIRO
empresta-se
Sobre propriedades 20,30,50,100 contos e quantias superiores, ao juro da lei
A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
LISBOA - RUA DO OURO 292 1. Esquina com o Rossio Telf. 369384/5/6
PORTO - RUA PASSOS MANUEL 14 1 Telf. 20344-5-6

Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira
CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO
DE HOTELARIA DO ESTORIL
Estão abertas as inscrições para a frequência dos cursos do Estoril nas secções de
RECEPÇÃO
COZINHA
MESA
ANDARES
LÍNGUAS
Os interessados podem efectuar a inscrição até ao dia 9 de Fevereiro, na Avenida Portugal, 38-A, telefone 261480 das 14,30 às 19 horas, ou na Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Estoril), telefone 260113 durante as horas de expediente.



Maus transportes na Reboleira

À medida que a população da Reboleira aumenta os transportes vão ficando mais deficientes. Os veículos já não são novos e, por outro lado, não correspondem às necessidades da população. Com frequência passam uma, duas e três carreiras que não comportam mais passageiros. Acontece então que numerosas pessoas perdem dezenas de minutos preciosos, quando, de manhã, tentam chegar aos empregos o mais ràpidamente que lhes é possível. E como a uma longa espera pela camioneta se segue uma viagem de comboio em más condições, temos as circunstâncias ideais para que as pessoas cheguem ao local de trabalho cansadas antes mesmo de começarem a ocupar-se das tarefas profissionais.

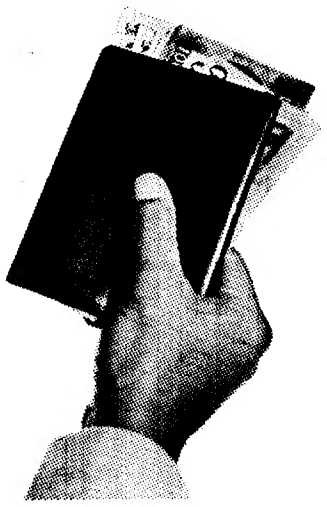
ponto final

uma vírgula!

Estamos resolvidos em 1973, a oferecer
ainda melhores preços e facilidades
que em 1972
Por isso lhe aconselhamos que

TENHA MÃO FIRME NO SEU DINHEIRO!

Venha admirar as novas linhas e a qualidade
das nossas máquinas de lavar roupa e loiça



Bardo
ELECTRODOMÉSTICOS · MOBÍLIAS

Av. da Liberdade, 131
Av. Almirante Reis, 124-B
Rua de S. Bento, 53 a 57

Praça de Londres, 7
Rua D. Estefânia, 193

Rua 1.º de Maio, 146-A
Rua Gonçalves Crespo, 26-A

A SEMANA

A VIAGEM DE MÉDICI

Deverá estar concluído no fim deste mês o programa da visita a Portugal do presidente Médici, em retribuição da efectuaça pelo almirante Américo Tomaz ao Brasil, no ano passado, Lisboa, Porto, Coimbra, Santarém e Guimarães serão, em princípio as cidades que o presidente visitará.

UM SIMPLES IMPOSTO

Caracterizado pela simplicidade com que se processa começou esta semana o prazo para o pagamento do novo imposto sobre veículos, barcos de recreio e aviões particulares. As tesourarias da Fazenda Pública já começaram, pois, a distribuir as vinhetas correspondentes ao pagamento da taxa ou à sua isenção. Apenas se exige ao contribuinte que saiba de antemão a quantia que lhe compete pagar. Uma vez esta entregue, é-lhe dada em troca o dístico correspondente. Um imposto tão simples como é complicado o imposto profissional.

O PRAZO DA PREVIDÊNCIA

O prazo de espera exigido aos trabalhadores inscritos nas Caixas de Previdência até poderem usufruir dos seus benefícios foi agora diminuído para seis meses. Até agora o prazo de garantia, durante o qual se descontava sem qualquer benefício, era de um ano. Termina pois assim uma prática com mais de 20 anos de idade e alargar-se grandemente o número de actuais beneficiários o que já não é sem tempo, nestes tempos de carestia de vida. As razões desta nova regulamentação colhem fundamento na «oportunidade» de nivelar o nosso sistema de Previdência com os de outros países europeus com os quais Portugal celebrou acordos relativos a segurança social.

ELECTRIFICAR O PAÍS

Três freguesias de Porto de Mós passaram a dispor de energia eléctrica sendo a cerimónia da ligação presidida pelo prof. Marcello Caetano que, na altura, afirmou a intenção do governo de intensificar a execução da política de electrificação rural. Para tal, revelou o Presidente do Concelho, decidiu-se este ano triplicar as verbas de comparticipação do Estado em obras de electrificação de aldeias ou lugares, procurando-se assim que haja electricidade em todo o país, no mais breve espaço de tempo. Faltam ainda electrificar umas poucas centenas de sedes de freguesia mas, uma vez conseguida a sua cobertura, será então possível planificar a curto prazo, a dotação de todos os lugares, para o que se dispõe de uma verba de 300 mil contos.

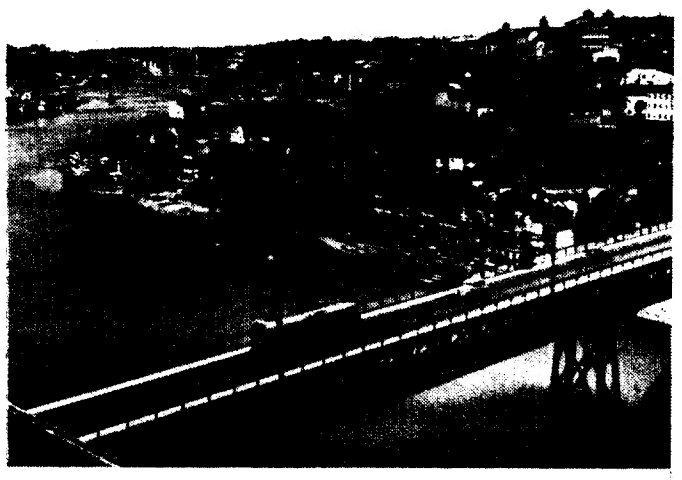
A MISSÃO DOS DELEGADOS

«A bondade das doutrinas sociais afere-se sobretudo pelos seus resultados práticos. O corporativismo é uma doutrina de justiça, de participação, de colaboração e de paz», afirmou o Presidente do Conselho ao agradecer os cumprimentos dos delegados do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência que esta semana o visitaram. A defesa da doutrina corporativa, ou melhor, da sua actualidade, ocupou uma parte importante das declarações do prof. Marcello Caetano que exortou cariz missionário dos primeiros delegados do I. N. T. P., nos tempos da implantação do corporativismo.

Sendo o corporativismo uma ideologia que refuta a existência da luta de classes e defende a reconciliação entre o capital e o trabalho, reconheceu-lhe o Presidente do Conselho uma missão — a levar a cabo pelos mesmos delegados — a de «combater as ideologias que, reanimadas por um impetuoso surto revolucionário, a partir sobretudo de Maio de 1968, procuram conquistar a juventude e penetrar no meio sindical». Sobre este aspecto, as palavras do Presidente do Conselho foram firmes e claras: «Temos que estar constantemente atentos e activos. Os senhores delegados não são só agentes de um instituto de trabalho: têm de enfileirar na primeira linha dos trabalhadores». Assim ficou esclarecida a função dos delegados que manifestamente ultrapassa os quadros burocráticos ou técnicos, ganhando em importância política. A importância do corporativismo dentro da sociedade portuguesa.

O prazo do imposto

As bichas cresceram à porta das sedes dos bairros fiscais no passado dia 31, o último dia do prazo para a entrega das declarações do importo profissional nas repartições de finanças de cada concelho



O PORTO PLANIFICADO

A região do Grande Porto será objecto dos estudos de planificação de uma equipa de especialistas em urbanização chefiada pelo prof. Percy Johnson-Marshall, director do departamento de Planeamento Regional e Urbano da Universidade de Edimburgo, segundo anunciou naquela cidade o secretário de Estado do Urbanismo e Habitação.

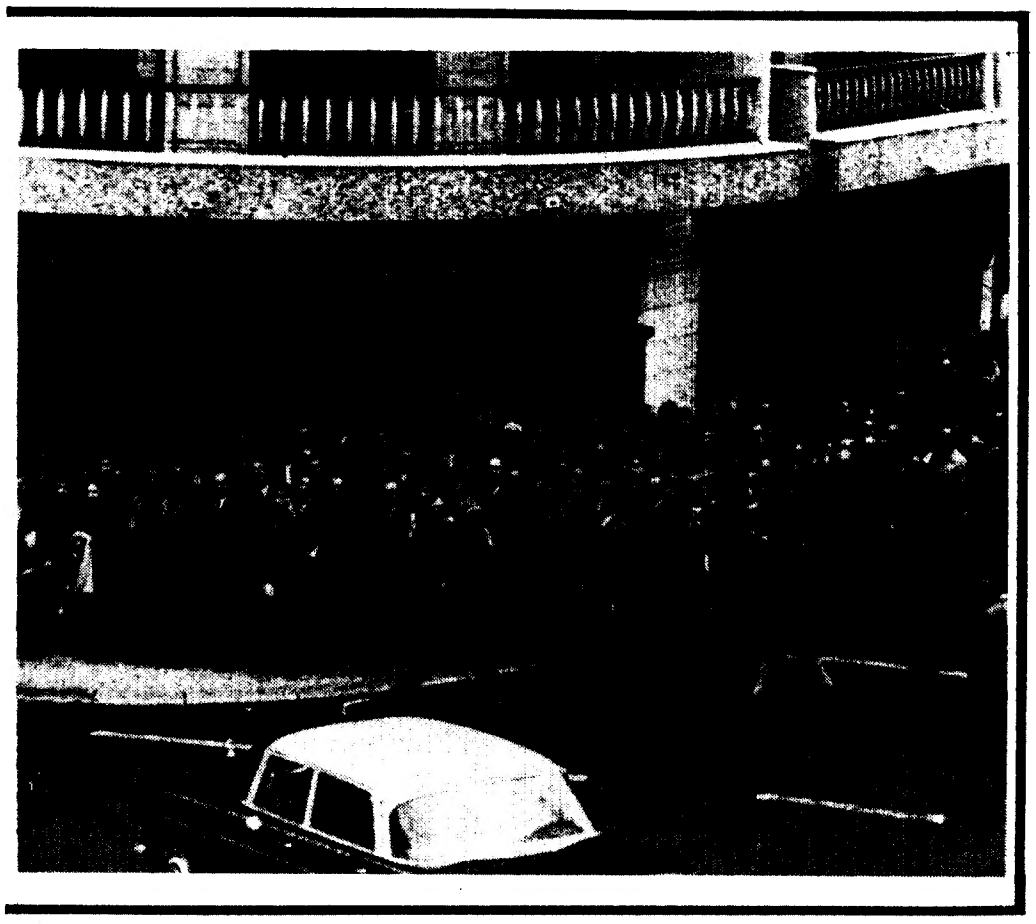
O plano, pensado à semelhança de Lisboa, abarca 20 concelhos e algumas das suas coordenadas foram dadas a conhecer pelo dr. Nogueira Pinto que afirmou haver a considerar, particularmente, «as correntes de emprego à luz das condições respeitantes à distribuição das actividades industriais, identificando as zonas consideradas mais adequadas à localização de novas indústrias; a natureza e a escala da estrutura comercial actual, esquematizando, .. , uma hierarquia dos centros comerciais; a avaliação das zonas com marcado potencial turístico e aptidão para satisfazer as actividades recreativas do conjunto da população da área; as qualidades relativas dos terrenos agrícolas;...as necessidades existentes em matéria de serviços públicos básicos e de habitação.»

NÚMEROS

O VOTO

A prática do voto não será das tradições mais arrelgadas dos portugueses. De facto assim o mostram os resultados de um inquérito que o semanário «Expresso» publicou e onde aparece como conclusão esclecedora a seguinte informação: 63 por cento dos portugueses nunca votaram e, mais concretamente, 59 por cento nunca participou em qualquer eleição presidencial. No que se refere a eleições para deputados à Assembleia Nacional, 67 por cento dos cidadãos de 24 anos, também nunca votaram. O abstencionismo, cujas razões um inquérito estatístico não pode oferecer, apresenta maior intensidade em Lisboa do que no Porto: 79 por cento dos lisboetas nunca exerceram o seu direito de voto e o mesmo acontece com 47 por cento dos habitantes do Porto.

O mesmo inquérito demonstrou a existência de uma opinião predominante quanto à concessão do direito aos 18 anos, num sentido afirmativo — 49 por cento da população defende que o direito de voto possa ser exercido aos 18 anos. Quanto ao mesmo problema, 34 por cento da população manifesta-se contra e 17 por cento não tem opinião.



ECONOMIA

PARA UM RETRATO DO ECONOMISTA (EN)QUANTO JOVEM

O dr. Mário Murteira veio, no «Expresso» de 27 de Janeiro, fazer o «retrato do economista quando jóvem». Se ainda tivéssemos dúvidas de que o retrato depende tanto do retratado como do «retratante», o interessante artigo do dr. Mário Murteira apagaria as que eventualmente existissem.

Nesse retrato, revimo-nos em Económicas, durante os anos 1953 a 1958, e se o dr. Mário Murteira invoca a vizinhança da Emissora Nacional, eu invocaria uma outra vizinhança, da empresa acima, onde trabalho há mais de 10 anos e de cujas janelas tenho tido a possibilidade de «retratar» o I. S. C. E. F. sem necessidade de tele-objectivas. Aliás, esta vizinhança facilitou um contacto muito estreito com os economistas enquanto-não-economistas, que, por causa da vizinhança, muitas vezes apareceram pelas salas de espera da empresa para conversar, ver de trabalhos e colaborações a concretizar, de colóquios a fazer. Assim, posso dizer que, nestes vinte anos, me senti no ambiente e na zona de influência do «velho Quelhas», capaz de fazer e refazer o retrato do economista quando jóvem. (Diga-se, em parênteses, na tentativa de não esquecer o tal «espelho da juventude» que não pode deixar de nos acompanhar, pois mesmo com esses cuidados envelhecemos sempre e cada dia...)

Mas esta não pode ser uma nota memorialista, e sim uns retoques, que reputo indispensáveis, num retrato de «gente» conhecida. Ou talvez uma contribuição para um outro retrato.

Quando acabei de ler (de viver) o artigo do dr. Mário Murteira, senti que faltavam muitos traços. E deu-me esta enorme e imparável vontade de escrever (ou, como diria o camarada e amigo Urbano, de escreviver).

A partir daqui — da leitura e da escrevivência — arrancaria para (talvez) uma página memorialista.

Evito-o, esperando outras oportunidades e melhor sedimentação para «pegar» neste tema doutra maneira. Por hoje, só quero anotá-lo e chamar a atenção para algumas daquelas «faltas» que, de imediato, me teriam chocado. Possìvelmente, porque andei pelo Quelas não nas viragens das décadas mas «dentro» da décadas...

Lembra-se: — a «Revista de Economia» e a enorme importância para quem «entrou nas economias» pelos anos cinquenta;

. — o Sindicato dos Comercialistas e ciclos de conferências e colóquios sobre caminhos da Europa no final desses anos;

. — (lembraria) os nomes que têm a ver com as alíneas acima, mas receio graves lacunas;

. — relativamente a «em 1961-62 surgia uma vaga inesperada, mero produto de circunstâncias fortuitas...», (relembraria) que houve um 40 900, lá por 1957, uma proposta de lei 48, um movimento associativo anterior que não era «brincadeira»;

. — ainda, e para acabar, uns «cursos de economia portuguesa», promovidos pela Associação Académica do I.S.C.E.F., pelos meados dos anos 60, que foram das coisas importantes (e esquecidas...) quanto a diagnóstico da vida portuguesa e sua sociedade.

Por hoje chega de lembrança, com a vontade de voltar, para melhor as «arrumar» e tirar delas outras ilações..

SÉRGIO RIBEIRO

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES

ENORME E COMPLETA EXISTÊNCIA NOVA DE

ELECTRODOMÉSTICOS,

e ainda, Fourgon-triciclo a motor, Quadros, METAIS, ARTIGOS SANITÁRIOS E DE «MÈNAGE», Loiças, Vidros, Artigos de Brinde, MÁQUINAS E UTENSÍLIOS P.ª CAFÉS E CHARCUTARIAS, Máquinas de Escritório, MÓVEIS, MAPLES, DECORAÇÕES, ETC., ETC.

IMPORTANTE

LEILÃO

Para venda rápida PELA MAIOR OFERTA E SEM QUALQUER BASE DE LICITAÇÃO

AMANHÃ 2.ª FEIRA E SEGUINTES, DAS 15 ÀS 20 HORAS

AVENIDA CASAL RIBEIRO, 17-B (Estefânia — Saldanha)

Da importantíssima existência a liquidar, destacamos:

ELECTRODOMÉSTICOS NOVOS: das melhores e mais variadas marcas, dezenas de: frigoríficos de todos os tipos e tamanhos, alguns de escritório, máquinas de lavar roupa e loiça, televisores portáteis e de mesa, rádios e rádio-gramofones alguns estereofónicos e outros portáteis, gira-discos, misturadores de som e colunas de altifalantes, caloríferos e fogões altos e baixos eléctricos e a gás butano, esquentadores a gás de cidade e butano, máquinas de cozinha, gravadores de cassettes e fita, relógios eléctricos, ventoinhas, máquinas de costura, chaminés exaustoras; candeeiros de tecto, mesa e chão; ferros de engomar e de soldar; altifalantes; batedeiras; secadores de cabelo; discos, cassettes; moinhos de café; balanças de cozinha; panelas de pressão; antenas de TV p.ª interior e exterior; centrifugadores; máquinas de café e de barbear; estabilizadores de corrente; aspiradores, enceradoras; máquinas de engomar; projectores de filmes; torradeiras; aspiradores p.ª automóvel; trituradores; relógios de cozinha; leitores-gravadores de cassettes p.ª automóvel; aparelhos geradores de rádio, frequência e osciloscópio e outros para afinação de TV; auto-rádios; fritadeiras, uma infinidade de material e aparelhos usados e acessórios para recuperação, e enorme quantidade de material e sobressalentes novos p.ª rádio e TV, electricistas, etc.

MÁQUINAS E UTENSÍLIOS P.ª CAFÉS E CHARCUTARIAS, novo e usado; máqs. de café de 1 e 2 grupos. registadoras NATIONAL manuais e eléctricas c/ 14 totalizadores, balanças p.ª 10 e 20 kg, moinhos, armário de talho RHENINGHAUF novo, forno eléctrico, carro congelador p.ª «hors-d'oeuvre», mesas e cadeiras em ferro e termolaminado, expositores p.ª tabacarias. etc.

MÁQUINAS E UTENSÍLIOS DE ESCRITÓRIO: máquinas de escrever, calcular e de contabilidade, fotocopiadores, duplicadores. etc. etc.

LOIÇAS E ARTIGOS DECORATIVOS EM METAL E VIDRO, artigos sanitários p.ª casas de banho; grande colecção de modernos armários electrificados; quadros a óleo; cadeiras de praia, artigos de menage, escadotes em alumínio anodisado, carpetes; alcatifas; cinzeiros de pé; espelhos de parede e de mesa; armários-bar p.ª TV c/ rodísios, tábuas de engomar metálicas; estatuetas; colunas e objectos decorativos em alabastro, gr. quantidade de fio de pesca, serviços de chá e café e outros artigos orientais e uma infinidade de artigos impossíveis de discriminar e que torna este leilão um dos mais importantes do género, já realizados.

EXPOSIÇÃO AMANHÃ DAS 10 ÀS 13 HORAS

SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, Nº 1
Telfs. P.P.C. (9 Linhas)
532929 51478 532446

AFRA FILHOS, Lda

CAMPANHA DE REGULARIZAÇÃO DE PREÇOS

Desde o mês passado o Ministério da Economia está promovendo, numa acção que, iniciada nos grandes centros, se estende a todo o País, a comercialização a preços **normais** de uma expressiva gama de produtos de características regularizadoras.

FRUTA E PRODUTOS HORTÍCOLAS

Continuando esta acção a Junta Nacional das Frutas assegura a venda **durante todo este mês de Fevereiro**, de frutas e produtos hortícolas aos seguintes preços:

	Preço máximo no mês de Fevereiro	Preços na semana 5/2 a 10/2
Banana	9$00	9$00
Laranja Baía	7$00	6$50
Laranja Comum	4$50	4$50
Maçã Golden	7$50	7$50
» Starking e Stayman	8$00	8$00
» Reineta e Rome Beauty	9$00	8$50
Tangerina	7$00	6$50
Agriões	11$00	9$00

	Preço máximo no mês de Fevereiro	Preços na semana 5/2 a 10/2
Alfaces	15$00	15$00
Batata	3$00	3$00
Cebolas	10$00	9$00
Cenouras	3$50	3$50
Couve portuguesa e lombardo	4$00	3$00
Couve-flor	9$00	8$00
Grelos	7$50	5$00
Nabos	2$50	2$50

Estes produtos encontram-se à venda nos

POSTOS REGULARIZADORES DE VENDA DE FRUTAS E PRODUTOS HORTÍCOLAS DA JUNTA NACIONAL DAS FRUTAS

ZONA DE LISBOA

LISBOA

— Av Vasco da Gama — Cruzamento c/ R. Jerónimo Osório
— Encosta do Restelo — Cruzamento da Rua Martins de Carvalho c/ R. Tristão Vaz
— Cruzamento da R. das Açucenas (Cemitério da Ajuda) c/ Calçada do Mirante
— Largo do Rio Seco — Junto do Lavadouro
— Rua João de Lemos — Cruzamento c/ a R. Luiz de Camões
— Largo da Estrela (Jardim) — Em frente do monumento ali existente
— Praça Príncipe Real — Do lado da Rua Escola Politécnica
— Jardim do Cais do Sodré — Do lado do Rio
— Praça do Comércio — Junto da Estação Sul e Sueste
— Largo Martim Moniz — Junto da entrada do Metropolitano
— Rua da Penha de França — Frente da Praça António Sardinha
— Bairro Lopes — im da R. Sousa Viterbo
— Topo da Alameda D. Afonso Henriques — Junto à R. Barão Sabrosa
— Rua Manuel da Nóbrega — Frente ao n.º 12
— Cruzamento da Av. Marquês de Tomar c/ a Av. Elias Garcia
— Rua Marquês da Fronteira — Próximo da R. de Campolide

LISBOA

— Cruzamento da Estrada de Benfica c/ Av. Marechal Carmona — Junto ao Restaurante «Califa»
— Bairro de S. João — Estrada da Luz, frente ao n.º 136-B
— Alameda das Linhas de Torres — Frente ao Estádio do Sporting
— Bairro da Madre de Deus — Praceta na R. Marquês de Olhão, frente à Escola Preparatória Luís António Verney
— Largo da Luz — Frente ao Colégio Militar
— Largo de S. Bartolomeu (Bairro da Charneca) — Junto à Sede de Freguesia

OEIRAS

— Amadora — Rua Elias Garcia, frente ao n.º 298
— Reboleira Norte — Praceta Gonçalves Lobato
— Damaia — Praceta da Índia
— Linda-a-Velha — Praceta da Índia
— Dafundo — Praceta a Poente da R. Clemente Vicente
— Oeiras — Frente à Estação do Caminho de Ferro

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

Os Postos da Zona de Lisboa funcionam em todos os dias úteis, das 9 às 14 horas e das 16 às 19 horas excepto os postos do Cais do Sodré e Praça do Comércio cujo horário é das 9 às 14 e das 17 às 20 horas.

NOTA

Em Lisboa também os postos da UCAL asseguram a venda destes produtos a estes preços

ZONA DO PORTO

PORTO

— Praça da República
— Praça Marquês de Pombal
— Foz do Douro
— Av. Marechal Gomes da Costa
— Jardim da Cordoaria
— Jardim 24 de Agosto
— Praça Velasquez (Antas)
— Jardim da Arca de Água
— Largo do Pereiro

MATOZINHOS

— Leça — Junto à Igreja
— Senhora da Hora — Av. Fabril
— S. Mamede de Infesta — Junto à Igreja

MAIA

— Junto ao edifício da Câmara Municipal
— Águas Santas — Junto à Igreja

VALONGO

— Valongo — Largo da Feira
— Ermezinde — Junto à Estação da C. P.

GONDOMAR

— Gondomar — Junto à Escola Industrial
— Rio Tinto — Próximo da Igreja

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

Os Postos da Zona do Porto funcionam em todos os dias úteis, das 9 às 15 horas
(excepto aos sábados, em que funcionam das 9 às 13 horas)

PEIXE

O Serviço de Abastecimento de Peixe ao País (S. A. P. P.) tem em curso uma campanha de venda de pescado congelado pondo à disposição dos consumidores, em todos os locais de venda espalhados pelo País, as seguintes espécies aos preços indicados:

	Preços para a semana de 5 a 10 por kg	Preços para o mês por kg
Chicharro	2$20	3$20
Sardinha	5$50	6$50
Cachucho branco	12$00	12$00
Marmota pequena com cabeça	10$00	10$00

Pescada (preços tabelados)	
Peixe inteiro com peso até 0,250 kg	11$00
Peixe inteiro com peso mais de 0,250 kg a 0,500 kg	13$00
Peixe inteiro com peso mais de 0,250 kg a 0,800 kg	15$00
Peixe inteiro com peso mais de 0,800 kg a 1,500 kg	17$00
Peixe inteiro com peso mais de 1,500 kg a 2,400 kg	20$00
Pescada congelada vendida à posta	17$00

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

O ROSSIO LISBOETA VISTO DO ALTO

Dedico esta crónica aqueles jovens leitores que insistem comigo para que lhes fale da Lisboa do meu tempo. Ora Lisboa para mim começa no Rossio

Naquele quarteirão que faz esquina com o Largo de S. Domingos creio que ainda hoje existem, a não ser que estejam encobertas por algum complicado anúncio luminoso, três janelas de água-furtada, debruçadas sobre o Rossio. Foi, de lá de cima, que comecei a ser lisboeta. Com os olhos. A ver e amar. Às vezes tendo perto de mim ronronantes casais de pombos talvez tão curiosos quanto eu...

ROSSIO 2

Não é que eu morasse ali, não. Quem ali residia era a tia Mariana que, segundo recordo, tinha dedicado a meu pai o carinho maternal que ele perdera, quando ainda criança. A casa era enorme, pombalina como sabem, de grandes salas com rodapés de azulejo figurativo, em azul e amarelo, e nela moravam, além da tia Mariana, então já viúva, sua filha, a prima Adelaide, e o marido, o maestro Taborda, professor do Conservatório, e primeiro violino na orquestra do teatro da Trindade. Era um sujeito gordo, maníaco, que ali criara o seu estúdio, onde acreditava estar inventando um novo instrumento, misto de piano, harpa e contrabaixo. Negócio que não deu em nada, é claro. Um bom homem, mas autoritário e despótico. Devo confessar que não me dava a menor confiança. Fechava-se à chave, na sua busca de um novo som. Isto, imaginem, nos começos do século vinte...

Bem, o importante para mim eram as janelas. De lá não saía. Podiam vir outras crianças da família convidar-me para jogos e brincadeiras. Eu embezerrava, agarrava-me ao parapeito, e de ali não arredava pé.

Foi assim que aprendi o abecedário de Lisboa, do alto daquelas três janelas, desde os seis anos de idade, se bem me lembro, até que faleceu a tia Mariana, e o maestro entendeu que o barulho do Rossio não o deixava encontrar o conjunto de sons imaginado, indo morar, com a prima Adelaide, para um certo recanto silencioso da Rua das Taipas.

Aí, porém, eu já não precisava mais ver Lisboa lá do alto das águas-furtadas, na esquina do Largo de São Domingos. Aí eu, também já começava a ser Lisboa. E a fazer parte do Rossio.

Bem. Agora eu vou contar a vocês o que vi lá de cima durante quatro a cinco anos...

ROSSIO 3

Nesse tempo no Rossio ainda existiam árvores. E entre as árvores, quiosques. Uns quiosques repletos de objectos coloridos nas constantes mutações de um caleidoscópio. E entre as árvores e os quiosques, bancos onde adormeciam incautos a quem os gatunos roubavam as carteiras. No centro, Dom Pedro IV, que ainda deve ter nas quatro faces do sopé da sua estátua quatro PÊS de bronze. Só muito mais tarde vim a saber a interpretação que o Zé Povinho dava à insistência daquelas quatro letras.

ROSSIO 4

Havia, é claro, o teatro. Só o via, e imaginava lá de cima. Era imenso. Fascinava-me. Um dia o maestro Taborda reparando no meu êxtase, disse a rir: — Ali, noutros tempos, funcionou a Inquisição, que ainda hoje nos faz muita falta!

Mas, sobre o teatro, preferia as histórias da prima Adelaide, e outros membros teatreiros da família, que sabiam a vida de todas as actrizes, e de todos os actores, das peças que eram representadas e de autores então famosos como D. João da Câmara, Marcelino Mesquita, e até de um Júlio Dantas que, nessa época, ali estreara «Um Serão nas Laranjeiras», peça que indignara o maestro Taborda, classificando-a com rudeza como uma afronta ao visconde de Almeida Garrett.

Ao, teatro (como é que se chama agora?) ah, teatro Dona Maria II, quantas vezes eu quís atravessar com olhos mágicos as tuas colunas, sei lá, talvez para desafrontar esse tal visconde de Almeida Garrett...

ROSSIO 5

Foi daquelas janelas que vi acontecimentos espantosos. Até visitas e passagens de reis, príncipes e heróis. Vi mesmo, num carro puxado por quatro cavalos brancos, desfilar um presidente da República francesa. Mas isso recordo mal. Gostosos eram as manifestações populares. Vocês não podem nem adivinhar o que era o Entrudo, visto lá de cima, das janelas da tia Mariana. O Rossio era um redemoinho. Um mar revolto de cores, com gente que vinha de todos os bairros, de Alcântara, da Esperança, do Bairro Alto, da Mouraria, da Alfama, elas talvez como vivandeiras, eles, em regra, envergando uns longos trajes de bebés, em cores berrantes, com faixas na cintura, e touca na cabeça, gritando, pulando, enquanto cegadas representavam seus enredos em verso com música de fado, para, mais adiante, meus olhos ficarem presos à dança da LUCTA, com dezenas de gladiadores romanos executando números de circo. E velhas de capote e lenço. E xéxés. E zés pereiras ribombando os seus bombos. E gritos. E alegria. E malícia. Pierrôs e Colombinas.

Se vocês se lembram das velhas gravuras italianas do Carnaval napolitano, podem crer, era assim mesmo o Carnaval lisboeta, aí por volta de 1908, 1909, visto lá de cima das janelas da tia Mariana, de onde ninguém me tirava nem à força. Prima Adelaide deixava que eu almoçasse e jantasse ali mesmo:

— Este menino, se pudesse, morava nesta janela, como pássaro dentro de uma gaiola!

ROSSIO 6

Para a casa da tia Mariana não se entrava pròpriamente pelo Rossio. Dava-se a volta pelo Largo de S. Domingos, virava-se à esquerda, passávamos diante de Alfama e odorosa CASA DAS ISCAS, que, diga-se de passagem, frequentei mais tarde em noites alegres e divertidas, e logo a seguir abria-se a longa e escura escada de pedra, que tantas vezes subi e desci. Ao chegar à rua meus olhos voavam como balas para o ângulo vizinho da Praça da Figueira, no seu tumulto de gente e pregões. Mas meu pai nunca deixou que eu me emaranhasse naquele burburinho. E forçava-me a entrar na igreja. Ele rezava. E eu, contrariado, persignava-me, ungido pelo incenso espalhado no oiro da nave imensa...

Mas da igreja de S. Domingos tenho uma das impressões mais vivas da minha infância...

ROSSIO 7

Num dia de eleições coube a meu pai, não sei porquê, votar naquele templo. Viviam-se tempos agitados quando ao que parece as paixões políticas já eram indomáveis. Fiquei em casa da tia Mariana. Na janela, está claro. O Rossio ardia em polvorosa, como se dizia então. Lá em baixo, o povo, façanhudo, discutia alertado. A Guarda Municipal rondava para cá e para lá. Havia maus presságios no céu. Meu pai, cumprido o seu dever, depois do almoço, quís ir embora. Tia Mariana não deixou. Que era um perigo atravessar o rio com aquela criança pela mão com o povo excitado como estava. Ficámos. E eu na janela. O sol foi caindo para os lados do poente. Entardecia. A hostilidade crescia, contida porém num silêncio pesado de ameaças. De repente, um grito:

— Querem roubar os nossos votos!

E começou o tiroteio. Vindo da rua do Carmo vi avançar a cavalaria, de espadas desembainhadas Virou direito à igreja. Então, foi um inferno: — Sai dessa janela, menino!

Pânico. Debandada. Gente ferida. Já havia mortos. Vi com espanto homens ensanguentados que, correndo, mergulhavam nas águas do lago, quando então a água começava a avermelhar-se...

E eu na janela.

Depois tudo serenou. Anoitecera. Meu pai entendeu que já podíamos ir para nossa casa. Descemos. O ambiente estava tenso, estático, petrificado. Virámos para o Rossio. Então, a nossos pés, de olhos abertos, fitava-nos um morto. Fora ele que, com seu próprio sangue, começara escrevendo na parede: VIVA A REPUB...

ROSSIO 8

Mas esqueçamos isso. Lembremo-nos do Rossio nas folias do mês de Junho. Ainda não havia marchas organizadas. Era tudo espontâneo. O Rossio enchia-se de gente. Povo, é claro, sempre povo. Fogueiras. Queima de alcachofras. Balões. Organizavam-se bailaricos. Queimavam-se foguetes luminosos que subiam alto, alto, e depois vinham morrer em pequeninas estrelas junto, do peitoril da janela: — O fogo de vista da Vida? exclamava com falso cinismo o maestro Taborda...

ROSSIO 9

Nessa época havia muitos cómicos republicanos nos terrenos então ainda abandonados do que viria a ser o Parque Eduardo VII, ou em Alcântara, ou no Alto Pina. Na volta, em dezenas de carros, passavam no meio da euforia da multidão aqueles temidos monstros da eloquência que sabiam fascinas o povo. E lá no alto das janelas da tia Mariana, eram apontados a dedo:

— Aquele é o António José de Almeida. Aquele é o Alexandre Braga. Aquele é o Afonso Costa.

Isto enquanto o maestro Taborda lamentava não ter uma arma. Porque se tivesse matava-os lá de cima, a todos, à bala.

Mas não tinha. Possuia apenas um velho violino, e, no meio do estúdio, aquela armação complicada, que deveria ser, e nunca foi, um misto de piano, de harpa e de contrabaixo.

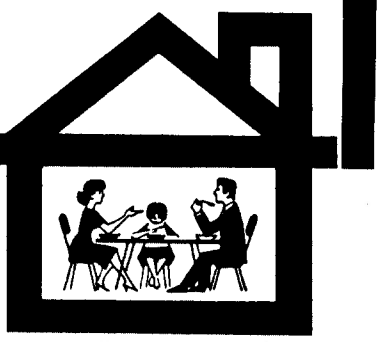
ROSSIO 10

Depois veio a República. Assisti a muitos desfiles. Prós e contra. Também, lá do alto, assisti ao primeiro aniversário do 5 de Outubro. Em Maio tinha completado os meus nove anos. Foi depois disso que morreu a tia Mariana. E desde então nunca mais voltei a ver o Rossio, lá do alto daquelas águas-furtadas onde aprendi a conhecer o Rossio. No bem e no mal.

Copacacabana, Janeiro 73

PARA CORRESPONDÊNCIA: Rua Fernando Mendes, 28 - Ap. 908, Copacabana - G. B. — BRASIL

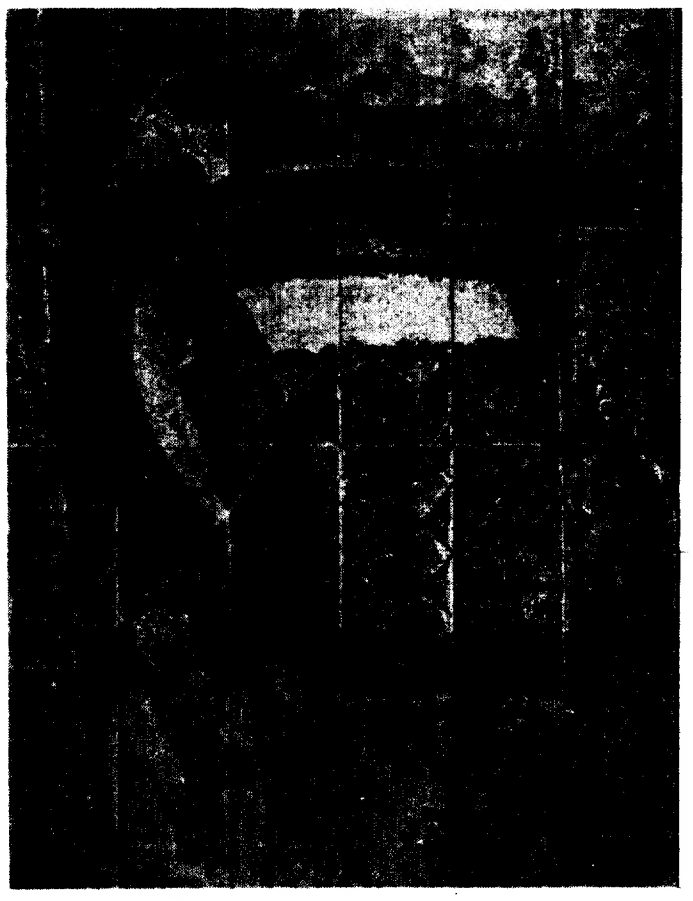
ANÁLISES CLÍNICAS
DE URGÊNCIA
CLÍNICA DE DIAGNÓSTICOS
DR. FERNANDO TEIXEIRA
R. Rodrigues Sampaio, 30-A-3.º, esq. — Lisboa
Com início em 1 de Fevereiro, serviço permanente, diurno e nocturno, incluindo Sábados, Domingos e Feriados
Colheitas domiciliárias
Chamadas pelos telefones 555527 - 555561

COLESTEROL ?
ATEROSCLEROSE ?
o seu problema alimentar
será fàcilmente resolvido
através dos mètodos de
ALIMENTAÇÃO RACIONAL diese
Através do Gabinete de Estudos de Nutrição faculta-se o estudo, planificação e organização de Esquemas Alimentares, adaptados ao seu caso particular, quer para profilaxia, quer para normalização dos seus problemas de saúde.

contacte o
GABINETE
DE ESTUDOS
DE NUTRIÇÃO
av.república,46 - lisboa1
se mora em Lisboa, utilize o telefone 767141

A velha Lisboa romântica, híbrida, coalhada de azulejos nas fachadas, de «exageros» de estilo falso-mourisco, de autênticos palacetes setecentistas cor-de-rosa, delicado e evocativo, de pitorescas vivendas à antiga portuguesa, com seus jardins exóticos e odorantes, essa Lisboa absurda, apaixonante e ligeira, onde convizinhava o pagode chinês (estilizadamente adaptado) com os telhados vermelhos, com o negro da ardósia, com as belas, líricas mansardas, com as casas de ressalto e até com as casas de boneca, quase miniaturais, essa urbe deliciosa, um pouco fantástica, de onduladas perspectivas, de luz quase africana — desapareceu,, ou está (e é pena) em vias de extinção.

ARTES

HOMENAGEM DO SOL A LISBOA NA ARTE DE UMA CERAMISTA



Sucederam-lhe os horríveis caixotes em série, sucederam-lhe os frutos estética e socialmente atrozes da especulação desenfreada, embora, no meio disto tudo, tenham aparecido, a afirmar a continuidade do génio criador dos arquitectos portugueses, os já célebres «mamarrachos», ou seja, os admiráveis produtos da invenção criadora de alguns isolados pesquisadores (quem nos dera planificadores) de uma cidade nova.

A cerâmica tem o seu papel — e de importância considerável — na decoração da cidade, dos parque, dos edifícios, dos interiores. Foi por isso que procurámos Maria Emília Araújo (Mariaújo), que tem dado, ao longo de uma obra já extensa, apesar da sua juventude, as melhores provas de originalidade criadora, de aplicação e perfeição artesanal, de sentido da harmonia dentro de uma propensão barroca que entronca na mais lídima tradição lusitana.

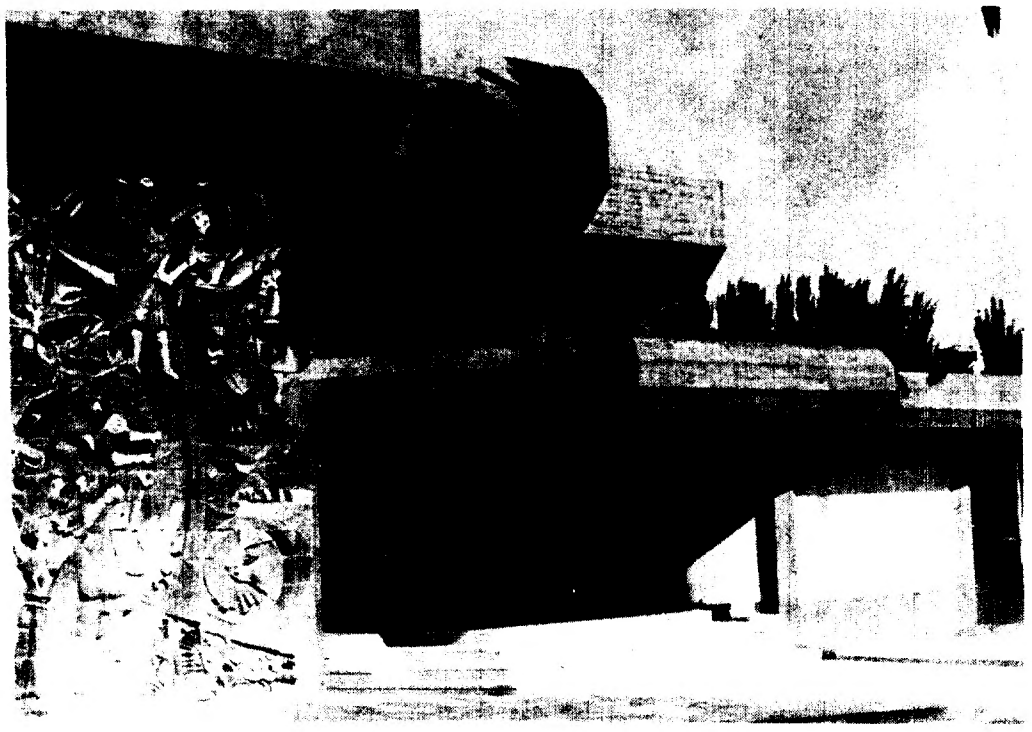
Maria Emília Araújo, que foi já cenógrafa da TV, é a autora do lindíssimo painel cerâmico «Homenagem do Sol a Lisboa», que se encontra no Restaurante «Alvalade» (7 metros x3,5, com relevos 40 cm.), tem o culto do «ofício». Sabe meticulosamente como compor as suas «cores» suaves, diáfanas. Perguntamos-lhe:

— Que pretendeu exprimir com o seu painel «Solidão», um dos mais importantes que lhe conhecemos?

— Pois bem, quis dizer, na minha linguagem (que é esta a da cerâmica), a serenidade, a alegria do corpo, mas humilhadas por condicionamentos que determinam a solidão. De resto, pouco monta, afinal, o que eu quis dizer ou não: mais vale considerar aquilo que, obedecendo aos meus imperativos profundos (que talvez eu própria desconheça) consegui — ou não consegui — traduzir.

— E daqui em diante?

— O mesmo: exprimir-me pelos meios que possuo. Até através da encomenda, sou sempre eu. Creio que sim. Claro que não posso escolher tanto como me apetece. Mas vai-se lá dar: ao essencial. Quero dizer: àquilo que me cabe — «revelar», por pouco que seja...



As economias bem aplicadas valorizam-se

consulte:

J. PIMENTA, SARL

UMA ORGANIZAÇÃO DE SÓLIDAS ESTRUTURAS

LISBOA — Pr. Marquês de Pombal, 15 — Telef. 45843 - 47843
SEDE SOCIAL — Queluz — Av. António Enes, 25 — Telef. 952021/2

Um aspecto do conjunto urbanístico da Reboleira-Sul

LOCAIS ONDE CONSTRUIMOS, VENDEMOS OU ALUGAMOS APARTAMENTOS MOBILADOS

ALAPRAIA (S. João do Estoril)
ALGARVE (Praia da Rocha)
AMADORA (Centro)
CASCAIS (Alto da Pampilheira)
COIMBRA (Rua Nicolau Chautereno)
LISBOA (Olivais)
LISBOA (Rua Carlos José Barreiros)
LUANDA (Rua Eng.º Artur Torres)
PAÇO DE ARCOS (B.º Comendador Joaquim Matias)
PAÇO DE ARCOS (Quinta do Meireles)
PAREDE (Bairro do Junqueiro)
PORTO (Rua da Piedade)
REBOLEIRA-NORTE
REBOLEIRA-SUL
VENDA NOVA

REPORTAGEM

CAPARICA

DO PORCO MORTO AO CORPO EM RISCO

O temporal que assolou, de uma forma especial, as nossas costas, acabou por causar não só os danos que são, de imediato, assinaláveis, como alguns outros que chegarão a fazer-se reflectir num sector da economia nacional tão importante como o do turismo. E o caso, como já foi assinalado no nosso jornal, das praias compreendidas entre a Costa da Caparica e a Fonte da Telha que tivémos, num destes dias, oportunidade de percorrer e fotografar.

— **Este ano a coisa assumiu dimensões muito especiais** — começou por nos afirmar o cabo-de-mar daquela popular praia. **Bem, isto vinha a tornar-se cada ano mais grave, porque dantes havia areia por toda a Cova do Vapor até ao Bugio. Agora aí já há água. Isso quer dizer que o rio desagua por dois sítios e o que está deste lado vem tudo aqui parar por causa das correntes que se fazem sentir.**

Foi assim que fomos avisados da situação. «In loco» varificámos que a situação é mesmo muito grave, pelo menos em nosso entender. Torna-se evidente que as dunas por detrás das praias foram violentamente batidas pelas vagas durante o último temporal. E foi nessa faixa que mais lixo se foi acumular. Desde as garrafas que no Verão fizeram as delícias da gente sequiosa que as frequentou, até a restos de embarcações salva-vidas que estouraram com a rebentação, de tudo aí se encontra.

Espectáculo insólito e pouco convidativo nos foi dado presenciar. Um porco, já em relativo estado de potrefacção jazia meio enterrado na areia que bordeja as dunas. O cheiro dizia bem da vigilância e alarme que reina, mesmo tendo a boa memória suficiente para nos recordarmos do que no ano passado aconteceu na Costa do Sol.

QUEM SERÁ?

Agora põe-se o problema da limpeza do que está sujo. Quem limpa? Ouçamos o mesmo cabo de mar:

— **Nós temos uma verba que vem da Polícia Marítima para procedermos à limpeza das praias desta zona. Mas agora ainda é muito cedo. Mas não somos quem procede à higiene total das areias. Os banheiros têm também o seu cargo a limpeza da zona que lhes foi concedida.**

E no local, praia da Nova Vaga, que encontramos um dos banheiros sèriamente atingido, do ponto de vista económico, pelos ventos, e mar, alteroso. Trata-se de Domitílio Viegas Correia, reformado da estiva, que montou, há cerca de dez anos, o negócio onde agora teve 120 contos de prejuízo.

— **Somos nós quem contrata os homens para tirar daqui tudo o que agora pode ver. Isto demora sempre cerca de uma semana, com vários homens a ganharem. Fica-me por uma média de sete oito contos ao ano.**

No entanto, nem tudo está a cargo de particulares. Muitas porções de orla marítima não têm concessionários, na qualidade de zona de banho, o que legitima a hipótese de no Verão que se aproxima não haver uma higienitação séria dadas as reservas que se têm posto por parte das autoridades que disso deveriam estar encarregadas. E que o diga o repórter: quando voltou desta pequena incursão ao mundo das praias, tinha a baínha completamente banhadas de nafta, ou alcatrão, ou outra substância que não lhe fica atrás em poder conspurcador.

MAIS DUAS QUESTÕES

Outras duas questões de interesse subsistem para a região. Uma, a do paredão que deveria evitar o arrastamento das areias da praia, assegura-nos o cabo de mar não ser um problema sério, isto contra a opinião de populares. Outra, a da pesca de arrasto, mesmo defronte à praia, só aconteceria em casos excepcionais, quando o mar agitado não permite, segundo a mesma autoridade, a vigilância e a repressão dos exageros que põem em sério risco a pesca de tipo artesanal.

Voltando à primeira questão, a verdade é que, já o dissemos neste jornal, os esporões provisórios que foram construídos na Caparica, foram em grande parte arrastados. Portanto, algo se passa.

— **A muralha actualmente existente protege a povoação** — assegura-nos, ainda, o cabo de mar.

— **Isto pode vir a ser perigoso** — diz um homem tisnado pelo sol.

Quem tem razão? Que o diga quem sabe.

Lixo.

Este lixo é mesmo na praia.

Um porco, já em putrefacção, encontrado na praia.

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

TÉCNICOS DE RÁDIO E ELECTRÓNICA

— Curso Industrial, 2.° ciclo liceal ou instrução primária e formação profissional adquirida em organizações oficiais ou privadas de reconhecida idoneidade;

MECÂNICOS DE AVIÕES

— Curso Industrial ou 2.° ciclo dos liceus ou equivalente oficial.

OUTROS REQUISITOS:

— Nacionalidade portuguesa;
— Serviço militar cumprido ou dele isento;
— Menos de 36 anos de idade;

OFERECE:

— Vencimento compatível;
— 13.° mês;
— Subsídio de férias;
— Salários diferidos;
— Regalias Sociais;
— Viagens.

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

Inscrições na Divisão do Planeamento do Pessoal — Edifício 25 — 1.° andar — Aeroporto de Lisboa.

CHEVROLET CAPRICE
8 000 Km • COMO NOVO
SEM AVERBAMENTO — CAIXA AUTOMÁTICA
AR CONDICIONADO
VER EM: MUNDAUTO
RUA DE SANTA CATARINA, 1232 — TELEF. 488123 — PORTO

ADM. UNIVERSIDADE
MAIORES DE 25 ANOS — PREPARAÇÃO INTENSIVA
EXTERNATOS
São Vicente — Rua do Paraíso, 28 — Tel. 864100
Marquês de Pombal — Rua Morais Soares, 93 — Tel. 82 02 21/83 46 58
Álvares Cabral — Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) — Tel. 70 69 74/5
LICEAL — PREPARATÓRIO — COMERCIAL — INSTITUTOS

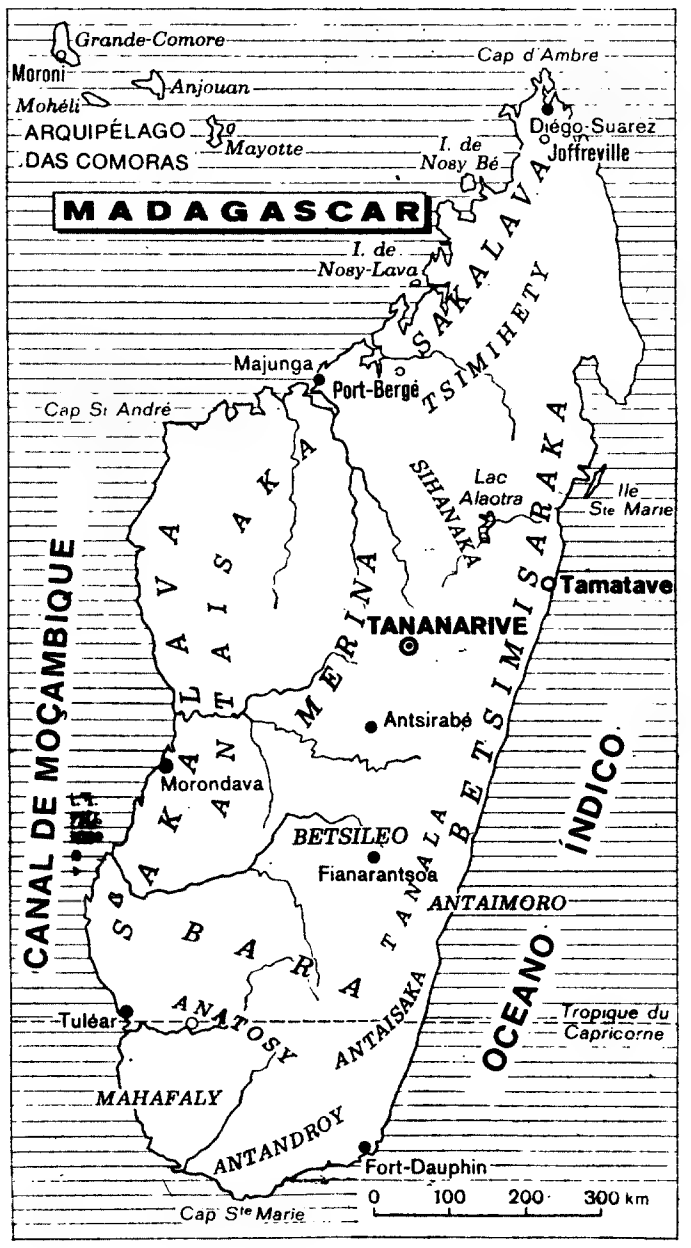
1

Madagáscar

NOVO REGIME VELHOS PROBLEMAS

Os trabalhos preparatórios das negociações sobre a revisão dos acordos de cooperação franco-malgaxe iniciaram-se, em Paris, no passado dia 22 de Janeiro, ao nível de especialistas. As negociações ministeriais começaram no dia 25. O Governo malgaxe pediu aos dirigentes franceses que tais conversações terminem, o mais tardar, no dia 29 de Março.

Philippe Decraene evoca na série de três artigos cuja publicação hoje iniciamos, as relações entre a França e Madagáscar e faz o ponto sobre a situação na Grande Ilha.



Por PHILIPPE DECRAENE

Incertezas em Tananarive

INCERTEZAS EM TANANARIVE

TANANARIVE — Para o habitante do litoral, o «mérina» das terras altas é mais estrangeiro do que o «vazaha» (europeu)», afirma um etnólogo francês que, há várias dezenas de anos, se dedica a investigações e procede a inquéritos sobre as populações do litoral malgaxe. Um dos seus compatriotas, diplomata de carreira recentemente chegado a Tananarive, acrescenta: «Madagáscar não é uma ilha, mas um arquipélago, tão diverso é o mosaico das populações que o habitam». Contestada embora por grande parte das «élites» malgaches, a tese segundo a qual a unidade nacional do país continua muito frágil parece, no entanto, perfeitamente válida. Os trágicos acontecimentos de que o porto de Tamatave foi teatro, no decurso do mês de Dezembro do ano passado, são disso testemunho.

Há muitos séculos já que razões históricas, geográficas, económicas, sociais e religiosas opõem os habitantes dos planaltos do centro da ilha, os «mérinas», às tribos das planícies do litoral. A colonização, utilizando tal antagonismo como método de Governo, contribuiu muito para o exacerbar, e pode fazer-se, sensìvelmente, o mesmo reparo a propósito do defunto regime de Philibert Tsiranana, herdeiro directo do poder colonial, de 1958 a Maio de 1972.

Herdeiro do poder colonial francês, o presidente Philibert Tsiranana marcou de 1958 a 1972 a história do Madagáscar.

MÉRINAS E «LITORAIS» FRENTE A FRENTE

Claro, a vida política malgache não é exclusivamente dominada pelas rivalidades entre «mérinas» e «litorais», mas não se pode compreender a sua complexidade sem fazer frequente referência àquelas animosidades ancestrais, que muitos dirigentes locais se comprazem em utilizar para lisongear a sua clientela eleitoral. De igual modo, é indispensável ter em conta a existência, no interior da sociedade mérina tradicional, de diversas castas, em princípio endogâmicas: os «andrianas» (nobres), os «hovas» (homens livres) e os «andevys» (servidores).

Os homens do antigo regime admitem, depois de terem sido afastados do poder, a permanência e o vigor dos antagonismos étnicos. Um deles, originário da costa oriental, depois de ter adoptado, durante os últimos dez anos, uma posição oficial radicalmente oposta, confiava-nos, umas semanas antes dos tumultos de Tamatave: «As relações entre os «mérinas» e os «litorais» são mais espinhosas do que nunca... Quando fiz campanha na região de Betsimisaraka, para convencer os meus eleitores a responderem «sim» ao referendo de 8 de Outubro, aqueles puseram inúmeras objecções e perguntaram-me porque é que eu os convidava a apoiar o Governo «mérina». A «malgaxização» do ensino arrisca-se, aliás, a ser um logro e a consagrar o triunfo do imperialismo cultural «mérina», porque os habitantes dos planantos continuam todos a falar francês e, se o malgaxe é a língua deles, a verdade é que não é a dos «litorais».

Em tais afirmações, anunciava-se, de certo modo, a premonição dos tumultos de Dezembro do ano passado. Fazendo o elogio da sua região, o nosso interlocutor acrescentou: «Na altura da revolta de 1946, foi a província de Tamatave a pagar o mais pesado tributo a uma repressão colonial que, pràticamente, poupou o centro da ilha...» Feitas estas reservas, o nosso interlocutor exprimia, sem dúvida, o ponto de vista de muitos políticos da sua geração, a dos «pais da independência», ao afirmar: «A experiência Ramanantsoa deve obter êxito porque representa a nossa única esperança de evitar a Madagascar os horrores da guerra civil...»

Esta ameaça de enfrentamentos fratricidas, brandida na véspera do referendo de Outubro último, por Philibert Tsiranana numa última e vã tentativa para congregar os seus antigos pertidários, com vista a reconquistar o poder, está presente em todos os os espíritos. O problema, no entanto, põe-se de maneira diferente na capital, onde os «mérinas» constituem perto de 90 por cento da população, e nos resto do país onde os «mérinas» são, em geral, minoritários.

Um estudante originário da costa oriental afirmava-nos sem rodeios: «Em Tamatave, nós vigiamos o regime de Ramanantsoa», acrescentando, ainda mais azedo: «Porque ele é «mérina».

Claro, o homem que arrancou as rédeas do Estado a Philibert Tsiranana, faz agora nove meses, pertence a uma família «mérina» de alta estirpe. A maior parte das pessoas que o rodeiam é de origem «mérina», tal como o são os membros do seu gabinete, que detêm os postos-chave. No entanto, esforçou-se por manter, no interior do seu governo, um subtil equilíbrio, não apenas entre militares e civis, mas também entre «mérinas» e «litorais». Assim, o capitão-de-fragata Didier Ratsiraka, ministro dos Negócios Estrangeiros, considerado como um dos homens mais enérgicos da equipa governamental, é de origem «betsimisaraka».

No dia 8 de Outubro, após um escrutínio que toda a gente concorda em não ter sido manchado por qualquer irregularidade grave, o brigadeiro Gabriel Ramanantsoa conquistou 96 por cento dos votos, entre os quais uma larga percentagem proveniente de eleitores «litorais». Há muito quem pense que aquela maciça votação representa mais uma condenação de Tsiranana do que sinal de confiança em Ramanantsoa. A este propósito, os especialistas em questões malgaxes chamam a atenção para o seguinte: A «fanjakana» (administração) — termo derivado de «fanjaka» (soberano) — apresenta um carácter sagrado. Para o camponês do mato, para o homem do povo, há sempre qualquer coisa de sacrílego em votar contra a «fanjakana», seja qual for o chefe. Deste modo, a própria noção de liberdade de voto pouco sentido tem aqui...»

PERSISTÊNCIA DA CORRENTE CONSTESTATÁRIA

Os homens do «movimento de Maio» recusam-se, por seu lado, a dar qualquer espécie de importância às questões étnicas. Assim, Manandafy Rakotonirina, professor de sociologia, preso durante três semanas, sob o regime anterior, e que fundou o M. F. M., movimento cuja sigla significa em malgaxe «os pequenos ao poder», afirmava-nos, aqui há uns tempos: «A unidade nacional constitui um falso problema. Ninguém quer, nem poder, provocar uma secessão territorial, embora Tsiranana tenha feito uma política tribal em 1971, na altura da revolta do Sul... O único problema sério é o do povo se apodera da gestão do país...»

A contestação do regime pelos intelectuais continua a ser uma coisa muito séria. Embora se não possa avaliar a audiência exacta de «leaders» como Manandafy, deve-se, no entanto, admitir que o seu programa político se apresenta isento de equívocos. «Os quadros», afirma-nos, «são inúteis. A população é capaz de tomar conta dos assuntos.

«É necessário, para tanto, suprimir o Governo, as prefeituras e as províncias e nomear em cada aldeia, em cada bairro, assembleias populares». E acrescenta: «Aceitamos o epíteto de maoístas se o mesmo for empregado no sentido de partidário de um poder saído da base e encarniçado adversário de toda a burocracia...»

No xadrez político, Manandafy e os seus amigos ocupam, sem dúvida, uma posição marginal, mas não devem ser ignorados, na medida em que pretendem continuar a acção do «movimento de Maio», cristalizado, em certa altura, nos KIM, pontas de lança da contestação universitária, e nos ZOAM, desempregados e desertados da capital malgaxe.

Com influência mais directa sobre o campesinato, o MONIMA, de Monja Joana, «leader» da insurreição popular do Sul, verificada em 1971, nunca se afastou de uma certa reserva em relação ao novo Governo, ao contrário da A.K.F.M., do pastor protestante Richard Andriamanjato, antigo partido da oposição, que, afirmam os seus adversários, «aspira a tornar-se o novo Partido governamental». Os doutrinadores do Monima através de Charles Ravoajanahary, professor em Tananarive, afirmam: «Embora a situação política malgaxe ainda não seja realmente revolucionária, a verdade é que alguma coisa se «mexeu», e nós devemos, a partir de agora, implantar-nos nos campos, transigindo com os nossos militantes, com vista a respeitar os costumes ancestrais.» A

África Portuguesa debatida por Gibson e Jomo Kenyatta

NAIROBI, 4 (F.P.) Mário Gibson Barbosa chegou ontem ao Quénia tendo-se encontrado com o presidente Jomo Kenyatta.

Embora não tivesse sido publicado qualquer comunicado acerca do encontro, crê-se saber que foi debatido o problema da descolonização dos territórios portugueses na Africa. Aaliás foi o próprio ministro dos Negócios Estrangeiros queniano, Njorge Mungai que disse à imprensa que o seu Governo gostaria que «o Brasil contribuisse para a independência dos territórios portugueses». Tal contribuição, diz-se do lado brasileiro, só seria possível se ambas as partes interessadas (portugueses e africanos) o pedissem explìcitamente.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel José Godinho «Casa Magel». Rua de S. Pedro, 6 MORA

propósito da distribuição, pelos camponeses, das terras devolutas, Ravoajanahary esclarece: «Os camponeses querem continuar na terra dos seus pais e recusam-se a instalar-se noutros pontos. Os próprios colonos franceses compreenderam isto porque na região dos «antandroys» os plantadores de sisal preservaram os inúmeros túmulos, assim como o respectivo acesso, através dos seus campos...

TOMADA DE CONSCIÊNCIA DO CAMPESINATO

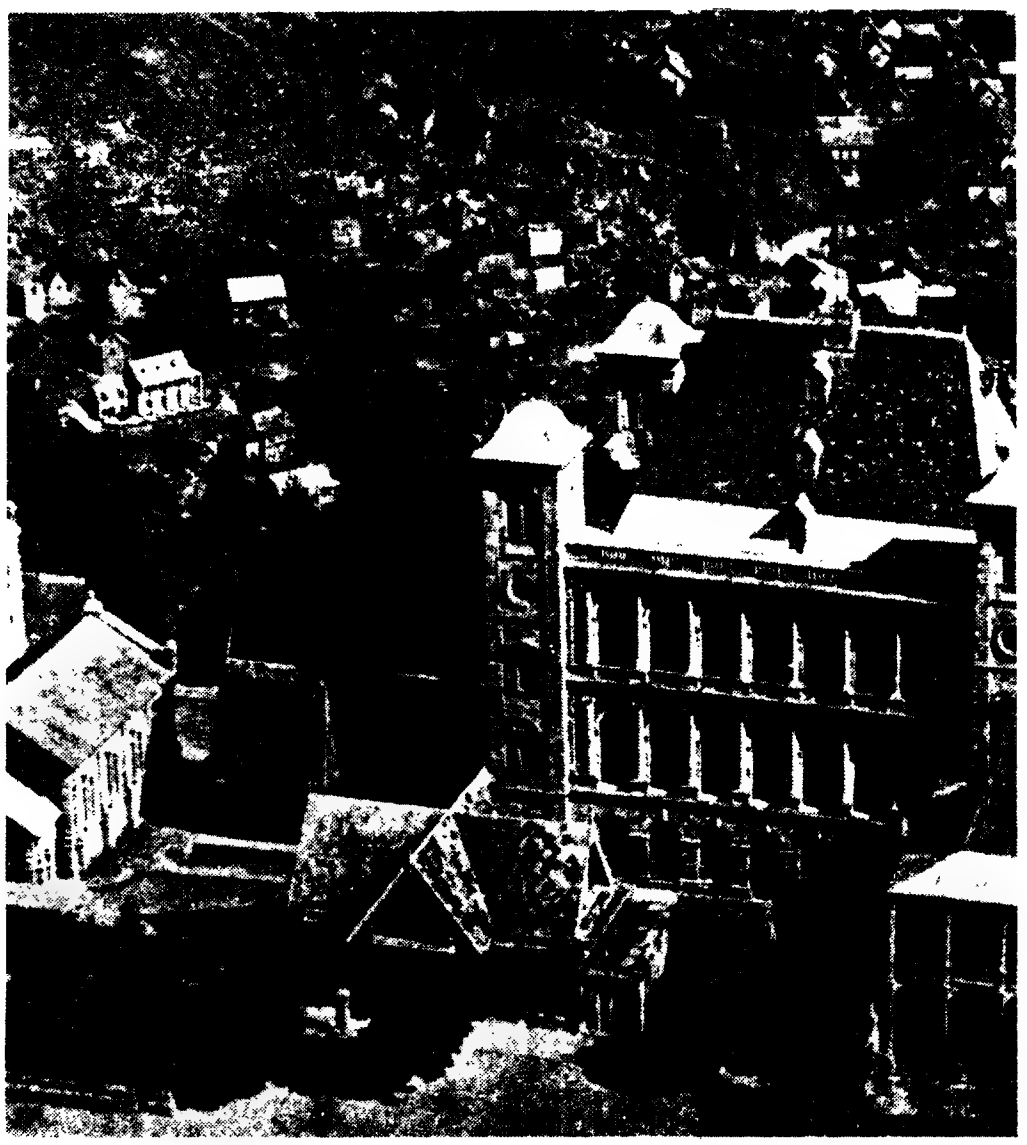
Também não se pode minimizar a contestação dos intelectuais, sempre susceptível de renascer das cinzas, dado que um malgaxe em sete, é aluno da instrução primária, dos liceus ou da universidade.

Aliás, depois do dia 13 de Maio de 1972, em que os tumultos se assenhoraram das ruas de Tananarive, o receio da Polícia e das forças republicanas de segurança (F.R.S.) transformou-se em ódio. Por outro lado, os princípios de hierarquia e autoridade foram completamente postos em causa. Aos que objectam que se trata de um fenómeno limitado a Tananarive, é fácil responder como um estudante de letras de etnia «mérina»: «Em 1971, foram mortos vários milhares de camponeses, no Sul, sem provocar profundos ecos no país. Em Maio de 1972, foram mortas trinta e cinco pessoas em Tananarive, e foi a revolução».

Entretanto, a revolta do Sul teve como primeira consequência uma certa tomada de consciência do campesinato. Se bem que «apenas quatrocentas mil pessoas entre os sete milhões de habitantes com que conta Grande Ilha se encontrem em contacto directo com a vida moderna», conforme observava um político, a verdade é que está em curso uma mudança, e o campesinato pode muito bem vir a tornar-se, a curto prazo, um eficaz grupo de pressão.

Se a renovação tem, até agora, parecido romper o equilíbrio da célula aldeã, é porque os que procuram impor o modernismo não pensaram em transigir, em certa medida, com a sociedade tradicional. Novas forças políticas, como o Monima, por exemplo, compreenderam tal erro e extrairem dele a lição.

A aldeia é um microcosmos, dentro do qual vivem, em estreita simbiose, os camponeses, os seus antepassados e os espíritos escondidos na natureza. Trata-se de um universo metafísico que o «estrangeiro», mesmo «mérina», tem até agora, subvertido. Deste modo, explicava-nos um sociólogo, «para evitar os dissabores que encontrou entre os «sihanasakas» do lago Alaotra, o poder central deveria ter-se dirigido ao feiticeiro e não ao sub-perfeito. Mas, em vez de sacrificar a certos rituais, preferiu-se suprimir, brutalmente, no decurso de cerimónias solenes, os «fadys» (interditos) considerados prejudiciais ao desenvolvimento económico. Realizaram-se cinco cerimónias, e os «fadys» continuam a dar sinais de si... Outro exemplo: na região de Brickaville, o chefe de cantão, embora «bestsimisaraka» como os seus administradores, é tratado por «vazaka» (europeu), de tal modo a noção de autogestão está profundamente enraizada no espírito dos aldeãos e faz parte integrante da lógica interna do seu sistema...



O palácio da rainha Ranavalo, que domina Tananarive. A entrada do palácio, considerado o «Versailles malgaxe», rica de sugestões da dinastia dos Merinas, é dominada por uma águia de bronze oferecida por Napoleão III à sábia rainha Ranavalo III.

A REVISÃO DAS RELAÇÕES COM A FRANÇA

Ameaças de crise étnica, persistência da corrente contestatária entre os intelectuais, tomada de consciência do campesinato, tais são alguns dos problemas a que deve fazer frente o Governo do brigadeiro Ramanantsoa. A revisão das relações com a França vem acrescentar-se ao clima de incerteza hoje reinante em Tananarive.

Por enquanto, permanecem em território malgaxe quatro mil soldados franceses, comandados pelo general Bigeard. No entanto, há muitas razões políticas e motivos psicológicos a imporem a sua retirada. Se alguns especialistas preconizam uma transferência para a Reunião, Djibuti ou Mayotte, no arquipélago das Comores, nenhum responsável francês parece ter encarado a sério uma ou outra daquelas eventualidades.

Há ainda muitas sociedades de colonização agrícola activas através de todo o país. Situação anárquica se a julgarmos por estas afirmações que nos fazia, em Outubro último, o ministro malgaxe dos Negócios Estrangeiros: «O essencial é que os malgaxes tomem conta do seu destino economico. Os capitalistas estrangeiros deveriam ter a inteligência de dar o primeiro passo... Os europeus raciocinaram, durante muito tempo, em termos de rendimento a curto prazo, até mesmo imediato, sem pensarem no desenvolvimento da economia ou no estado das finanças locais...»

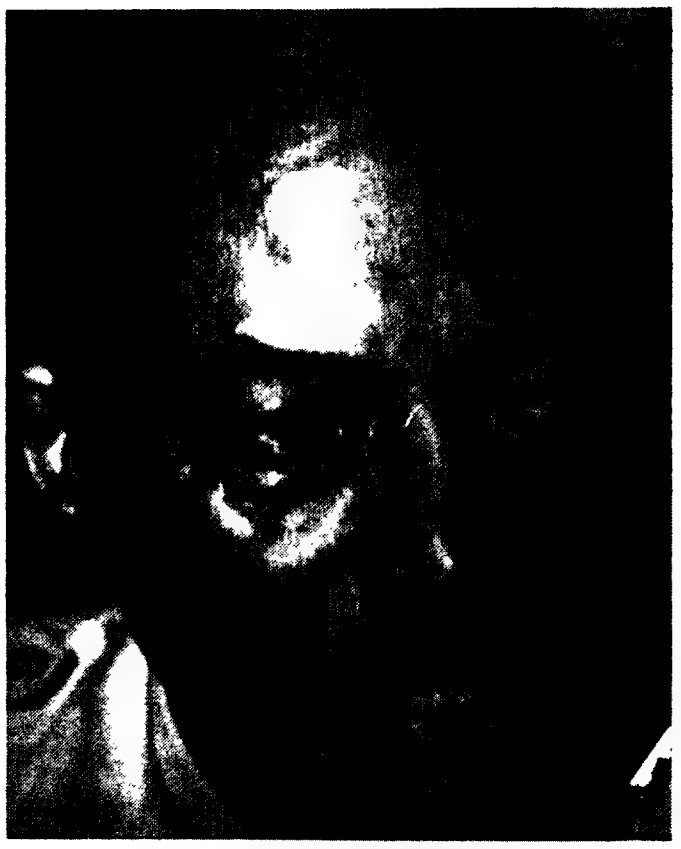
Duzentos cooperadores agrícolas, oitocentos e cinquenta professores e trezentos jovens do continente servem ainda como assistentes técnicos.

No entanto, alguma coisa mudou desde Maio de 1972, e Madagascar já não é «A última colónia francesa em Africa». A partida do antigo embaixador, Alain Plantey, substituído por Maurice Delauney, foi aqui considerada como uma viragem decisiva. A «camarilha» europeia que rodeava Tsiranana e lhe continuou fiel, ao contrário dos ministros malgaxes, regressou a França. Várias dezenas de cooperadores, divididos pelos diversos ministérios, de que controlavam o funcionamento, foram demitidos. No ensino, no exército, no funcionalismo público, todos os lugares de responsabilidade foram «malgaxizados», tendo-se pedido aos assistentes técnicos franceses que se limitassem ao seu papel de «conselheiros».

Tendo em consideração estas primeiras medidas, os dirigentes de Tananarive, de Maio de 1972 a Janeiro deste ano, para formularem, oficialmente, o problema das suas relações com Paris. E verdade que se sentem muito preocupados com o evoluir da situação nas províncias malgaxes.

Próximo artigo:

TENSÕES EM MAJUNGA



O brigadeiro Gabriel Ramanantsoa, que arrancou as rédeas do Estado a Tsiranana.

REDUÇÕES DE FORÇAS NA EUROPA

A União Soviética está a mostrar nova «flexibilidade» relativamente aos problemas que até agora têm bloqueado as conversações sobre reduções de tropas na Europa entre o Ocidente e o Leste.

Diplomatas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) e do Pacto de Varsóvia afirmaram ter esperança de que os contactos permanentes efectuados esta semana ao nível particular tenham produzido acordo suficiente que permita o início, na segunda-feira, das conversações oficiais.

No entanto, espera-se que haja mais contactos durante o fim-de-semana.

Negociadores dos dois blocos reuniram-se em Viena, na quarta-feira, durante trinta e cinco minutos, para a inauguração oficial de conversações exploratórias da Conferência sobre Reduções Mútuas e equilibradas de Forças (MBFR, na sigla inglesa) na Europa Central. Deu-se então início aos contactos privados para dar os últimos retoques nas bases das conversações.

O problema principal residia na insistência da URSS em que, não só os seus aliados da Roménia e da Bulgária como também os países neutrais da Europa fossem admitidos nas conversações com estatuto igual ao dos doze países da nato e do Pacto de Varsóvia que possuem tropas na Europa Central.

O Ocidente opunha-se a tal, mas a Roménia insistia. Porém, os mesmos diplomatas declararam que « a posição russa está a mostrar flexibilidade» sobretudo no desejo de relegar a Roménia, a Bulgária e os países neutros para a qualidade de observadores.

Cinco países da NATO que não têm tropas na Europa Central aceitaram já o estatuto de observadores e têm estado a exortar a Roménia a seguir o seu exemplo.

Diplomatas ocidentais salientam que a própria Roménia compreendeu que não tem apoio e que procura uma forma honrosa de retirar a sua exigência.

A URSS poderá voltar a abordar o problema da participação dos países neutrais, mas sem insistir muito.

O rítmo lento a que as conversações têm decorrido e a dificuldade em dar início às sessões oficiais provoca receio de que mais tarde a URSS faça arrastar as sessões. No entanto, funcionários ocidentais empregaram palavras como «progresso» e «encorajadora» para descrever a atmosfera que rodeou os contactos particulares, e mostram-se confiantes em que os russos não tentem bloquear as conversações, nesta altura.

Os países ocidentais tomaram a iniciativa de promover esta conferência e não foi sem grande esforço que conseguiram que a URSS concordasse em participar.

INDÚSTRIAS CAMBOURNAC

Das nossas fábricas directamente ao público
A bem da sua economia consulte-nos

FIOS PARA TRICOT

Em defesa da sua comodidade utilize a nossa Frota Automóvel que, gratuitamente, transportará as encomendas a sua casa.

Descontos especiais às tricotadeiras
FILIAIS E DEPÓSITOS
Largo da Anunciada, 11 - T. 326415
Av. Almirante Reis, 28-B - T. 833811
LISBOA

PRÉDIO

MOSCAVIDE — 2.200 c.

Construção semi-moderna, composto de 4 pisos c/ 8 inquil. c/ 3-4 ass., coz., c/ banho e despensa.. Revestida a marmorite. Rende 172.260$00.

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45-3.º, Esq.º — Telfs. 323172 - 367444

S. MARCOS

PRAÇA DE LONDRES

EXPOSIÇÃO DOS NOVOS MODELOS

Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira

CURSO PARA DIRECÇÃO HOTELEIRA (APERFEIÇOAMENTO)

Informações e Inscrições:

No Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira, Rua Duque de Palmela, n.º 2-2.º, esq.º, Lisboa, telef. 562261/2; ou na Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa, Avenida António Augusto Aguiar, 21-1.º, Lisboa, telefone 46806.

Início — 26 de Fevereiro de 1973

Duração — 4 meses

NA INTIMIDADE DO "VELHO MAGO"

Fala-se de escritores Russos

Entrevista com Vladimir Nabokov

— **Tenho em andamento um romance demasiado difícil para me permitir entregar-me a outras preocupações** — diz Vladimir Nabokov.

Há lágrimas nos seus olhos azuis, por causa da intensidade da luz. Caem devagar na camisa de «sport» amarela. Esfrega os olhos, mas as lágrimas continuam a correr-lhe para a camisa.

Nabokov sorve o **gin** gelado. Ou o **martini**. Ou o **whisky** e soda. Não é **vodka**. Porque não bebe ele **vodka**?

Estamos sós no salão junto ao bar do Palace de Montreux. Ele e a mulher, Vera, fazem casa do hotel. Durante o ano todo. É uma enorme estrutura barroca, lúgrebe durante a estação morta, com quase todos os quartos vazios. Na sala de jantar, em certas noites de Inverno, contam-se apenas três senhoras velhas e um casal idoso, informa Nabokov, que tem setenta e dois anos.

Mas aprecia o serviço. — **«Quando envelhecemos, passamos a adorar os hoteis»**. Tomam-lhe conta da correspondência. — **O porteiro é genial**.

Quando viaja, o hotel de Montreux faz-lhe seguir a correspondência; o que acontece depois é que nos outros hoteis não se interessam, e a deixam transviar-se; por isso Nabokov só gosta de escolher hoteis que assumam essa responsabilidade.

O Hotel Gritti, em Veneza, é excepção entre esse desleixo geral. Passou-se aí um caso curioso. Um dia. Nabokov pensou ver passar de relance Lord Snow e Pamela Hansford Johnson. Sua mulher disse que não eram eles. Tornou a ver o casal e foi perguntar ao porteiro. Não, respondeu o porteiro, aqueles não são os Snw — embora os Snow estejam cá no hotel.

Não é uma estranha coincidência? — murmura o romancista, enquanto continua a enxugar os olhos.

Que provação é viajar em Itália! — decide ele. Quando lá vai, a primeira coisa que acontece é uma greve. Ri. Mas as greves tornam a vida impossível: a correspondência não chega ao destinatário...

P. — **O que faz para enfrentar as dificuldades da vida?**

. R. — Barbeio-me todas as manhãs e tomo o pequeno almoço para estar a postos se tiver de tomar um avião de repente.

A mulher sofreu uma intoxicação alimentar e está no hospital. Tiveram de cancelar a viagem a Lenzerheide, que ainda não conheciam. Lenzerheide é uma estação de montanha, na Suiça, e uma região que proporciona belos passeios.

P. — **Quais as qualidades literárias que procura atingir, e de que maneira?**

P. — Passo a pente fino o vocabulário, com o auxílio dos melhores léxicos, escolho associações de sons e peso o ritmo a dar, à frase tentando exprimir o mais fielmente possível o que quero dizer.

Antes do envenenamento, os Nabokov tinham estado num novo hotel em Anzère, que fica mais perto de Montreux do que Lenzerheide. Nabokov pediu um quarto virado ao sul. O gerente explicou que por causa dos ruídos das obras lhes daria um quarto virado a sul e outro virado a norte — assim moviam-se à vontade e fugiriam do barulho sempre que quisessem. A coisa resultou. E resultou que Nabokov pôde trabalhar. Acabou 80 páginas de um novo romance, a que chamou «Transparent Things» (Coisas transparentes). Mas não se trata das coisas transparentes que usam as senhoras, diz.

P. — **Quais os pecados literários pelos quais pode um dia vir a ser acusado, e como se defenderia dessa acusação?**

. R. — Ter poupado nos meus livros muitos políticos tontos e intelectuais menos sérios, dentre os meus conhecimentos. Ter sido brando na escolha dos ataques.

O novo livro não será tão extenso como «Ada», mas é muito complexo, e de um género novo para ele. Trata laboriosamente o texto, fechado no quarto, mas também junto da piscina. O barulho em redor da piscina não o incomoda. Às vezes o manuscrito apanha salpicos de água. Mas no quarto o silêncio é a regra. Escreve de pé a uma mesa alta, de rodízios. Assim pode mover-se com toda a facilidade para consultar os dicionários.

P. — **Qual é a sua posição no mundo das letras?**

R. — Vê-se daqui uma vista catita.

De manha sente-se em forma; e quando decide mudar uma palavra, uma frase, um conceito, rasura cuidadosamente os réus. Ao fim do dia, à medida que se fatiga, começa a riscá-los de qualquer maneira. Costumava escrever com uma antiquada pena de pato. Depois mudou para a caneta de tinta permanente. Agora usa uma esferográfica que tem uma raspadeira acopulada.

Escreve em folhas de cartolina feitas de encomenda para ele, com linhas só de um lado. Quando entregou o manuscrito de «Ada» à Biblioteca do Congresso norte-americano a sua oferta foi registada para efeitos de imposto numa importância ridiculamente pequena. **«Pensaram que as folhas de cartolina eram apenas notas»**, explica.

P. — **Que problemas lhe põe a si a existência do ego?**

R. — Um problema de linguística: o acto singular de evolução mimética a que devemos o facto de, na Rússia, a palavra «ego» significar «seu dele», «a ele».

Tanta gente pensa que Nabokov é um escritor muito mais rico em russo do que o rico Nabokov se mostra em inglês. Pensa traduzir outra vez poesia russa?

Na continuação da conversa declara que não compreende o entusiasmo pelas obras de Solzhenitsyn, autor que considera inferior. Mas espera que apareça o seu último livro. E Pasternack também goza de uma fama maior do que merece, acrescenta.

A mulher de Nabokov leu o livro de Nadezhda Mandelstam, «Esperança contra Esperança», e recomenda-lho. Mas ele acha que é uma péssima tradução. Alguém lhe roubou o volume russo, e agora espera que lhe enviem outro para poder lê-lo no original.

P. — **Que pensa do esforço do homem para elevar-se acima da lama8**

R. — Admirável. Pena é que haja tanta lama ainda agarrada a cérebros entorpecidos.

Quando se soube pelos jornais que três astronautas russos tinham morrido na cabine da sua cápsula, sentiu-se dividido entre dois sentimentos. Nabokov cada vez mais se tinha afastado do regime soviético que despreza. Não podia passar a aclamá-lo, nem perante as conquistas do espaço. **«No entanto, aqueles pobres astronautas... Três bonecos, na sua gaiola»**.

P. — **Que devemos pensar da morte?**

R. — «Deixem-me só, diz, melancólica, a morte» (epitáfio num túmulo vazio).

— Já sabe que Gore Vidal se tornou católico? — pergunta Nabokov? — Graham Greene pelo menos, está convencido do facto. Mas não. Muito longe disso.

Foi Graham Green dos primeiros a admirar «Lolita» e a contribuir para o seu êxito fulminante. Nabokov admira-o e sente-se grato.

Desde «Lolita» que Nabokov é bombardeado com manuscritos pornográficos e obscenos, até por parte de editores que lhe pedem a opinião. Esses mal cheirosos envios seguem-no de hotel para hotel. Nabokov não responde. Porque havia ele de ser tomado como especialista?

. P. — Quais os grandes problemas que não chegam a interessá-lo, e quais aqueles em que se sente mais empenhado?

. R. — Quanto maior for o problema, menos me interessa. Alguns dos temas que mais me tocam parecem manchas microscópicas.

Nabokov acha mais fácil escrever crìticamente do que elogiosamente, embora gostasse de escrever um texto radioso sobre J. D. Salinger.

Talvez não o fizesse sobre Saul Bellow. Nabokov não apreciou o último livro de Bellow.

Prefere Updike, embora pense que foi um erro escrever Bech Juwich. O resultado é que os clichés emergem claramente.

Nabokov levanta-se da cadeira, e, em pouco curvado, sai para o terraço. Defendendo-se da crueza da luz, lança o olhar para Montreux, e depois de novo para a fachada do hotel. Sente-se confortàvelmente instalado.

P. — Que espécie de poder aceita, e qual o que rejeita?

. R. — Para jogar no seguro, prefiro aceitar uma única espécie de poder: o da arte sobre o que não presta, o triunfo da magia sobre a barbárie.

Não se sente preparado para condenar a política da América no Vietname. Nabokov explica que não deu grande crédito ao relatório de Mary Mac Carthy sobre o caso.

P. — Que devemos fazer frente a verdades mal definidas?

. R. — Arranjarmos, se pudermos, um experimentado revisorr para nos assegurarmos que as gralhas e as omissões não irão desvirtuar a verdade de uma entrevista que um jornal se empenhou em fazer com um autor que é particularmente miudinho com a transcrição certa das suas declarações...

ISRAEL SHENKER

OS TRACTORES FORD E O TURISMO

Chegou ao nosso País um grupo de 380 vendedores europeus de tractores Ford que vêm tomar parte num seminário organizado para apresentação de novos modelos de grande potência que vão aumentar a actual gama de modelos de Tractores Ford.

Este grupo de vendedores inclui representantes de vários países da Europa: França, Inglaterra, Itália, Suiça, Alemanha, Holanda, Bélgica, Noruega, Dinamarca, Suécia e Finlândia que foram os vendedores nas várias regiões de cada país de um Concurso de vendas realizado a nível europeu. O seminário e as demonstrações do novo equipamento são realizados no Centro de Treino que o Departamento de Tratores e Equipamento Agrícola e Industrial da Ford Lusitana criou recentemente para treino do seu pessoal e dos colaboradores dos seus concessionários.

Além das reuniões de trabalho estão incluídas no programa de recepção aos visitantes estrangeiros, visitas a vários locais de interesse turístico: o Instituto de Vinho do Porto, a casas de fados, etc. e um jantar no Casino do Estoril.

Com esta iniciativa a Ford Lusitana dá mais uma contribuição para a promoção do turismo nacional.

A natureza cosmopolita deste grupo de convidados e o facto de se tratar de profissionais em contacto permanente com o público dos respectivos países faz prever que constituam uma via efectiva para a divulgação no estrangeiro das potencialidades turísticas de Portugal.

Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

CONVOCATÓRIA

Dia 7/Fevereiro, às 21.30 horas

na **VOZ DO OPERÁRIO** com a seguinte **Ordem de Trabalhos**

1 INFORMAÇÃO E DISCUSSÃO SOBRE A IMPUGNAÇÃO DAS ELEIÇÕES DAS SECÇÕES
2. O AUMENTO DE QUOTAS
3. INFORMAÇÕES SOBRE O CONTRATO PARA O RAMO RETALHISTAS
4. QUESTÕES RELACIONADAS COM OS PERIODOS DE ABERTURA

A DIRECÇÃO

7 DIAS

1 DOMINGO

OConselhodeDefesa da Liga Arabe decidiu colocar todas as suas forças ao serviço da luta contra Israel. Dentro desta decisão ficou acordado que se criaria uma frente, com um comando único, englobando o Egipto, a Síria e a Jordânia. O comandante desta frente é um general egípcio, como era natural. O que esta decisão tem de significativo é o regresso da Jordânia à luta contra o inimigo israelita, juntamente com os seus irmãos árabes. Uma consequência, ao que parece inevitável, desta nova orientação é o regresso de pelo menos alguns grupos de guerrilheiros palestinianos ao reino do sr. Hussein. Se isso se fará ou não, ainda não é completamente certo. Contudo, devem esperar-se graves atritos entre o rei, e os interesses que ele representa, e os «feddayin», inimigos tão grandes do monarca hachemita como dos sionistas. Por outro lado, Hussein aceitou esta decisão ao mesmo tempo que anunciava a sua próxima partida para Washington, onde, evidentemente, o regresso dos guerrilheiros não é visto com bons olhos. Mais uma vez, Hussein parece estar envolvido num jogo isolado do qual, como de costume, não poderá sair completamente vitorioso. Ser servidor de dois amos, como Arlequim, não é modo de vida com grande futuro. O que vai valendo ao pequeno rei é que ele é muito mais fiel ao amo americano que ao outro. Mas esta evolução pode ter como origem a iminência de negociações realmente tendentes a solucionar, pelo menos a curto prazo, a questão do Médio Oriente, através, por exemplo, do abandono, por parte de Israel, de um bom pedaço dos territórios ocupados durante a guerra dos seis dias, em 1967. Os árabes parecem estar a querer construir uma posição mais forte para quando as negociações cruciais começarem.

O primeiro-ministro britânico Edward Heath foi hóspede de honra na Casa Branca.

2 SEGUNDA

O orçamento do presidente Nixon apresentado ao Congresso para o ano fiscal de 1974 apresenta, apesar do cessar-fogo no Vietname, uma verba para despesas de defesa muito maior do que a do orçamento em vigor. De facto, 81 100 milhões de dólares serão gastos nesse sector o que representa 30 por cento da totalidade do orçamento. Aumentando as despesas militares, outro sector teria de ver as suas verbas diminuídas, e esse foi o que integra programas de carácter social, de educação, de saúde e de preparação profissional. A soma global deste orçamento recorde é de 268 700 milhões de dólares a que corresponde um déficit de 12 700 milhões. E apesar da nota belicista, que o presidente justifica pela constante subida de preços, Nixon promete aos congressistas a aproximação de uma meta dourada: a abundância de empregos, a paz e a prosperidade sem inflação. O orçamento apresenta ao cidadão americano, segundo o presidente, uma faceta que lhe deverá agradar e que é a de evitar o aumento de impostos. Este benefício irá contrabalançar politicamente a desagradável redução das verbas dos 70 programas sociais de ajuda federal. A reconstrução do Vietname, que deverá totalizar, nos próximos cinco anos, 7 500 milhões de dólares — 2 500 para os norte-vietnamitas — é matéria que e orçamento de Nixon não contempla. Os gastos, a fazer-se, terão que ser integrados numa rubrica especial. Os programas nucleares continuarão. Mas o Congresso ainda se irá pronunciar e fá-lo-á depois de Nixon ter advertido com o espectro da inflação: «Se as verbas previstas no orçamento forem excedidas por culpa do Congresso o país terá infalivelmente de enfrentar a alternativa entre impostos mais altos, juros mais altos e agravamento da inflação ou os três juntos».

3 TERÇA

O presidente Kenneth Kaunda da Zâmbia criticou o governo britânico por se opor sistemàticamente a tomar quaisquer medidas eficazes para combater o regime branco na Rodésia. Kaunda, como tem acontecido desde que Salisbury proclamou unilateralmente a sua independência, estabelecendo um governo de minoria, responsabilizou Londres pela situação que, agora, ameaça levar a Zâmbia e a Rodésia para um confronto bem mais grave do que o simples encerramento de fronteiras. O governo de Londres argumenta sempre em relação à Rodésia, afirmando que tudo se deve resolver pacificamente, que é contra a violência. Contudo, os católicos da Irlanda do Norte sabem bem quanto estas afirmações são duvidosas. Na verdade, enquanto em Salisbury se instalou um governo enormemente minoritário tendo em conta o número dos que o apoiam em relação ao total da população, na Irlanda do Norte há uma minoria (menos minoria que a anterior) que pretende fazer valer as suas reivindicações. Para o primeiro caso, o governo de Londres recusa-se sistemàticamente a agir em força para vencer uma rebelião contra Sua Majestade. Quem beneficia desta recusa é, evidentemente, o governo do sr. Smith No segundo caso, Londres não hesita em mandar tropas para Belfast e Londonderry, invocando o argumento de que a maioria da população é contrária às reivindicações dos católicos. Nem mesmo se atende a se essas reivindicações são ou não justas. Há aqui uma dualidade de critérios que tem que ver com alguma coisa que não se encontra à superfície, mas que determina as decisões de DowningStreet. Essas razões subterrâneas têm que ver principalmente com os interesses da City nas duas áreas e, marginalmente, com a entrada da Grã-Bretanha para o Mercado Comum Eurppeu. Poderá parecer que esta razão marginal não é muito lógica, porém, se nos lembrarmos que Londres, uma vez integrada na Europa, tem muito menos necessidades das condições de excepção em que comerciava com o Commonwealth.

4 QUARTA

Henry Kissinger, o conselheiro presidencial que megociou o acordo de cessar-fogo que permitu aos Estados Unidos retirarem da Indochina, vai a Hanoi. Segundo as informações fornecidas, o principal assunto a debater por Kissinger em Hanoi é a questão das indemnizações de guerra, que o governo americano designa eufemisticamente por auxílio para a reconstrução. Entretanto, o presidente Nixon fez saber que não virá à Europa tão depressa como se pensava. As duas questões estão intimamente ligadas. Kissinger vai a Hanói reparar, em parte pelo menos, os danos que os bombardeiros americanos causatam no Vietname do Norte. Nixon adia a viagem à Europa porque os europeus ainda estão bem lembrados desses bombardeamentos e têm sobre eles uma opinião que não é pròpriamente lisonjeira para o presidente americano. Aliás, essa foi uma das missões do primeiro-ministro britânico em Washington: dizer ao presidente como estava o ambiente europeu em relação aos Estados Unidos e, especialmente, ao seu presidente.

5 QUINTA

Desenha-se nova crise no sistema monetário internacional. O facto já não surpreende ninguém, uma vez que estas crises têm um carácter endémico e se inserem numa muito maior crise que diz respeito ao sistema económico de iniciativa privada, tido no seu todo e à escala mundial. Desta vez, interessaria talvez saber se o desencadear da crise tem alguma coisa que ver com o termo da intervenção americana no Vietname. Não é trabalho que caiba aqui. Mas é, talvez, uma hipótese de trabalho que poderia revelar-se muito frutífera, caso a permissa se confirmasse. De qualquer forma, o que importa ressaltar é que, de novo, o dólar se encontra em dificuldades. Para isso contribuiu, ao que dizem os especialistas citados pelos jornais, o deficit recorde na balança de pagamentos americana. Os Estados Unidos são, ninguém o nega, a maior potência económica do mundo. Contudo issso não quer dizer que a sua economia seja saudável. Pelo contrário, ela apresenta indícios de grave enfermidade. E, por mais que Nixon altere os seus pontos de vista sobre as questões económicas, essa enfermidade não se resolve com os paleativos que possa encontrar. A questão, como disse, insere-se num contexto muito vasto e diz respeito ao sistema.

6 SEXTA

A periódica sondagem à opinião pública promovida pelo jornal da direita francês «L'Aurore» apresenta números inquietantes para o governo do sr. Georges Pompidou. Assim, a União Popular (coligação de comunistas, socialistas e radicais de esquerda) aparece com maior vantagem ainda sobre a coligação no poder. A sondagem, que, aparentemente, apenas apresenta números respeitantes àqueles que têm opinião formada, dá 47 por cento dos eleitores como sendo favoráveis à coligação de esquerda, 37 por cento para os gaullistas e seus aliados e 16 por cento para os centristas de Jean-JacquesServen-Schreuber e Jean Lecannuet. Em relação à última sondagem do «Aurore», a esquerda subiu quatro pontos, e menos seis pontos à actual maioria. Atendendo a que, segundo outras sondagens, muitos (mais de metade) daqueles que votarão no centro no primeiro escrutínio se voltarão para um candidato socialista (sete por cento irão mesmo ao ponto de votar comunista) em detrimento do seu candidato e, por maioria de razão, do candidato governamental, a hipótese de vitória da esquerda surge como uma possibilidade não muito remota. Nos dias 4 e 11 de Março vão passar-se coisas importantes em França. Pompidou e os seus amigos e aliados devem estar muito preocupados, tanto mais que era sua opinião que a União Popular tinha arrancado demasiado cedo. Note-se ainda que esta sondagem foi efectuada após a visita de Pompidou a Moscovo, o que, para muita gente, era considerado como um trunfo do presidente contra os comunistas.

7 SÁBADO

Pela primeira vez, o governo de Saigão e o Governo Revolucionário Provisório do Vietname do Sul concordaram em encontrar-se numa base bilateral. A reunião efectuar-se-á em Paris e destina-se a dar os primeiros passos no sentido de se prepararem as eleições livres previstas pelo acordo de cessar-fogo. O caminho que se encontra pela frente é tão árduo que é legítimo duvidar que ele chegue alguma vez a bom termo. Tanto mais que, apesar do cessar-fogo ter já uma semana, as hostilidades ainda não terminaram, embora a sua intensidade se tenha reduzido. O fosso que existe entre o Governo de Thieu e o GRP é tão grande e tão velho que não se pode galgar. Enchê-lo é também muito difícil.

• COMENTÁRIO INTERNACIONAL

CIVIS E MILITARES

Qualquer pessoa compreende que a segurança europeia tem muito que ver com as tropas em presença no velho continente. É um facto que ninguém discute. Também é compreensível para a maior parte das pessoas que, para haver segurança, convém reduzir essas tropas. Esta afirmação, contudo, poderá ser contestada por todos aqueles que defendem o argumento de que só a força é garantia de paz. Mas esses são cada vez menos, ou têm cada vez menos força (moral, entenda-se).

Se aceitarmos o que atrás se disse, não chocará ninguém dizer que, a uma conferência europeia de segurança e cooperação, se ligam lógicamente as conversações para a tal redução de tropas.Porém, onde as pessoas se dividem é quando se trata de saber se as conversações sobre a redução de tropas se devem levar a cabo antes da conferência, a par da conferência, ou depois da conferência.

Sintomática e l ò g i c a m e n t e aqueles que se inclinam para a opinião impopular de que só a força garante a segurança, são os mesmos que defendem a precedência das discussões sobre questões militares ou, quando muito, o paralelismo entre as conversações sobre a política e a redução de tropas.

Convém, a este respeito, ter presente que esta questão se prende directamente com o que se está a passar, neste momento, em Helsínquia (conversações exploratórias para a conferência europeia de segurança e cooperação) e em Viena de Austria (conversações exploratórias sobre a redução mútua de tropas). Enquanto grande parte dos países ocidentais, sobretudo os que mais estão ligados à Organização do Tratado do Atlântico Norte, se encontram em Helsínquia devido à insistência dos países de Leste, dos neutrais e das opiniões públicas, as nações do Pacto de Varsóvia só foram a Viena porque a NATO fez depender a sua presença em Hensínquia do começo das conversações sobre a «redução mútua e equilibrada» das tropas no centro da Europa.

Se é certo que os países socialistas praticaram uma manobra de diversão em relação aos contactos de Viena (anteriormente marcados para Genebra, na Suiça), não é menos verdade que a NATO fez outro tanto em relação a Helsínquia.

Nas conversações de Helsínquia procura-se chegar a um acordo sobre a Conferência de Segurança, a qual tem como objectivo lógico a criação de uma situação político-jurídica que permita aos europeus viver em paz e segurança sem receios do dia de amanhã. Evidentemente depois de se chegar a um acordo que permita essa paz duradoura no continente, terá de se proceder à redução de tropas. O contrário seria um contrasenso que ninguém poderia aceitar. Neste sentido, quando se pretende discutir antes, ou ao mesmo tempo, as questões militares, o mínimo que se pode dizer é que quer pôr «o carro à frente dos bois».

A lógica manda que se fale de política primeiro, concluindo-se tratados, para, depois, se levar isso à prática, tratando das questões militares. Quase se pode dizer que importa que sejam os civis a mandar nos destinos do continente e não os militares. Essa é, na verdade, a lógica. Mas, como todos sabemos, não é de lógica que se trata em Helsínquia e em Viena, mas de interesses. Interesses que, apesar de uma real «détente», estão longe de ser conciliáveis.

A. VILLAVERDE CABRAL

UMA ILHA EM FOGO

A ERUPÇÃO DO VULCÃO HELGAFELL E A ECONOMIA ISLANDESA

. . . . Os países nórdicos . principalmente a Dinamarca, ligada historicamente à Islândia, durante séculos .. preparam-se para auxiliar os milhares de sinistrados da ilha de Heimaey. Mas há muito quem se interrogue sobre as consequências políticas e económicas que poderá ter sobre a jóvem República da Islândia a erupção do Helgafell. Esta teve lugar numa altura em que uma delegação islandesa encetava, nos Estados Unidos, delicadas negociações com vista a modificar o estatuto da base militar de Keflavik. Ora foi desta base que partiram os primeiros socorros aos habitantes do arquipélago de Vestmann. As forças americanas puderam, assim, demonstrar a sua utilidade no plano puramente político.

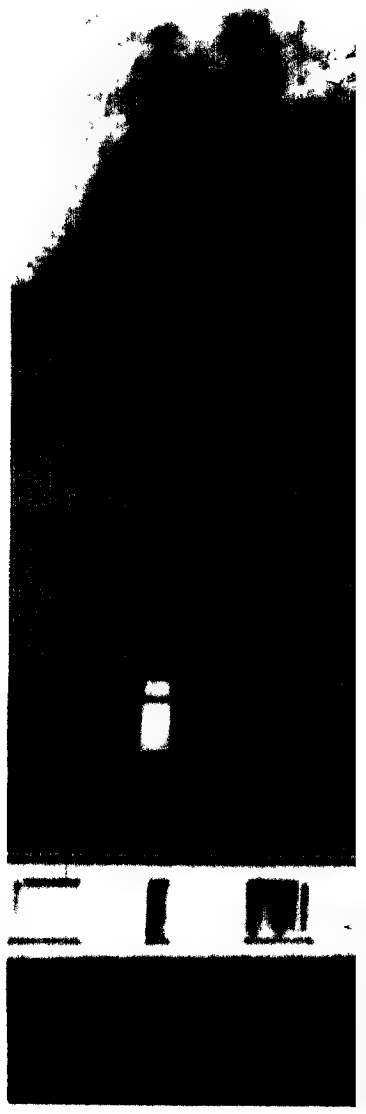
O despertar do vulcão, dado como extinto, coincidiu, por outro lado, com um violento recrudescimento da «guerra do bacalhau», iniciada no dia 1 de Setembro do ano passado. Dois navios de guerra britânicos acabavam, com efeito, de ser enviados para o largo da ilha, a fim de protegerem os arrastões do seu país dos repetidos ataques das vedetas islandesas. Aqueles dois navios ofereceram os seus serviços às autoridades de Reiquiavique, que os recusaram com sobranceria.

O gabinete de Olafur Jhanneson não quer dar sinais de fraqueza, tanto mais que os pescadores escoceses, alemães e outros poderiam ser tentados a aproveitarem-se da confusão gerada para lançarem, com toda a tranquilidade, as suas redes dentro do limite contestado.

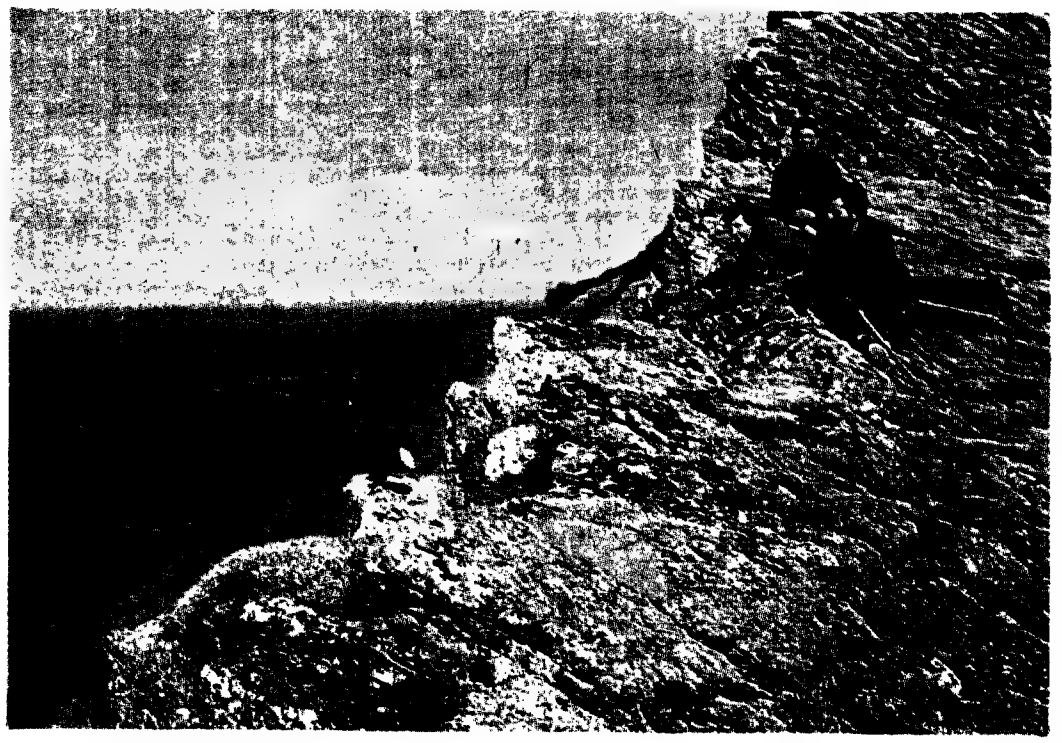
As consequências económicas da erupção do Helgafell vão obrigar a Islândia a proteger, mais do que nunca, a sua principal fonte de receita: as riquezas marítimas.

Westmannaeyjar, que foi quase por completo evacuada, era, até aqui, um dos principais portos pesqueiros da ilha: importantes «stocks» de bacalhau tiveram ali de ser abandonados. Mas o facto de o porto ter sido posto fora de funcionamento vai pesar muito sobre a economia de um país, pequeno e pobre, que atravessava, de há tempos a esta parte, um período de crise aguda. A desvalorização, em Dezembro passado, da moeda islandesa teve em vista reanimar uma exportação estagnada.

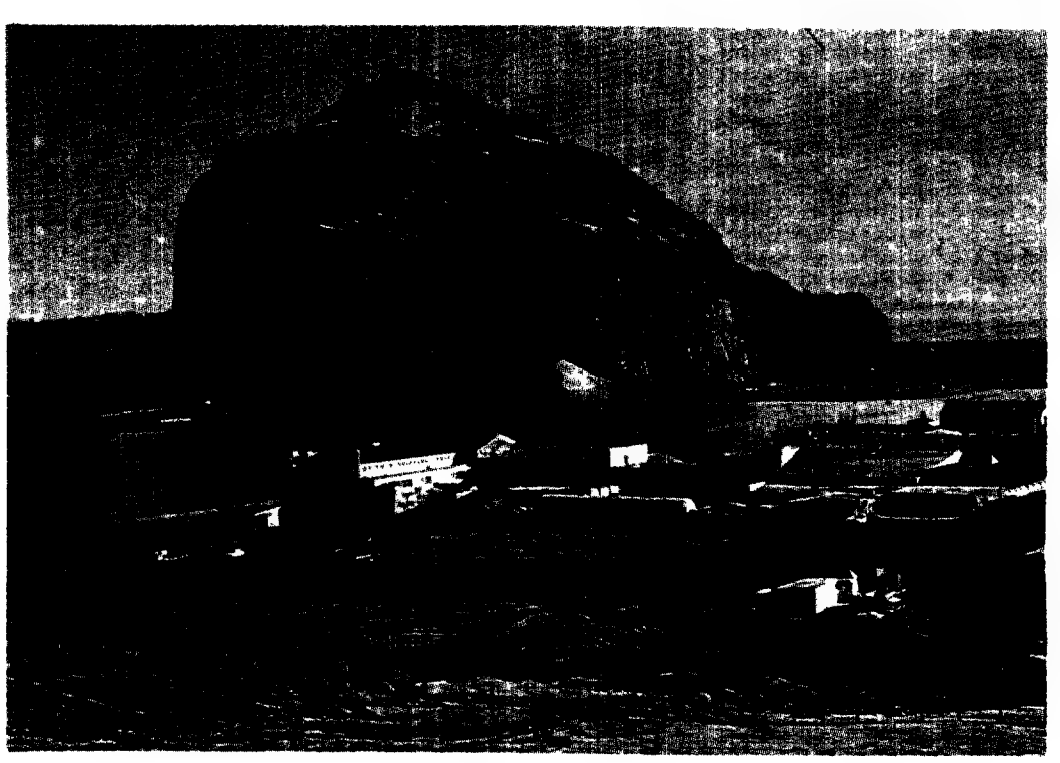
CAMILLE OLSEN



Aspecto impressionante da erupção vulcânica da ilha de Heimaey. Telefoto UPI/Telimprensa a cores, reproduzida pelos serviços técnicos da Renascença Gráfica, proprietária do «Diário de Lisboa».



A cratera do vulcão Helgafell, quando inactivo.



Um pormenor da baía da ilha de Heimaey, vendo-se as fábricas de preparação do peixe. (Foto de José Teixeira).

ISLÂNDIA

Sobreposição de lavas

. . A Islândia é uma ilha formada pela sobreposição sucessiva de lavas, principalmente basálticas, que se têm vindo a acumular desde o princípio da era terciária e que constituem, no interior, plataformas que atingem frequentemente cerca de 500 m de altitude. Fenómenos mais recentes edificaram cones vulcânicos, particularmente numerosos na parte meridional da ilha; o Hekla (1447 m) é o mais conhecido entre eles. Alguns situam-se debaixo dos gelos e a sua erupção provoca explosões extraordinárias. Mas são as fendas cavadas pelas lavas que constituem a forma mais generalizada do vulcanismo que recentemente se manifesta na Islândia. Uma das consequências deste fenómeno é a abundância de «geysers» e de nascentes de água quente, cuja importância, na economia do país, é considerável. A actividade sísmica é também a principal responsável pela existência das reentrâncias que apresenta a costa ocidental da ilha. Fracturas orientadas na direcção N-NO a S-SO deram lugar à formação de «fiordes» que interrompem a costa setentrional e aumentam o contraste com a costa meridional baixa e irregular. O gelo forma ainda uma série de cúpulas que cobrem, no total, uma extensão de cerca de 12.000 km2. Uma das regiões mais vulcânicas do mundo, a Islândia conta com 107 vulcões e milhares de crateras. Como o limite das neves permanentes desce até 900 e 800 m, a maior parte da ilha, sobretudo o planalto de Vatna-Jokull, acha-se coberta por gelos e lavas que descem, por vezes, até à costa. A Islândia tem sòmente cursos de água temporários, originados pelos glaciares que a fusão das neves transforma em torrentes no princípio do Verão. O clima é temperado na parte meridional, que as águas tépidas do oceano aquecem, enquanto as correntes polares arrefecem especialmente a costa norte. A capital, Reykjavik, em que a temperatura média anual é de 5,5º C., é um dos extremos setentrionais da vegetação arborescente. Se bem que durante a Odade Média a Islândia tenha tido muitas zonas de floresta, a flora aí actualmente existente é muito reduzida e formada sobretudo por vegetação rasteira (gramíneas, na sua maior parte) da qual depende a criação de gado. Nas regiões menos abrigadas estende-se a tundra.

. . Não sendo muito numerosos os mamíferos terrestres — criam-se bastantes carneiros e bovinos — as águas islandesas são das mais ricas do mundo em fauna marítima. Existem muitas espécies de focas e as baleias são abundantes; a pesca do bacalhau é uma das principais actividades da enorme frota islandesa. E nos rios encontram-se o salmão e a truta. As suas principais industrias estão ligadas à actividade piscatória; é o caso da preparação dos produtos da pesca — salga e secagem — e da fabricação de derivados do peixe: óleos, farinha, etc. Além do peixe (bacalhau, arenque e salmão) a Islândia exporta carneiros, cavalos, lã e penugem de ganso do Norte. Importa cereais, café, açúcar, vinhos, ferro, carvão, etc.

HISTÓRIA POLÍTICA DA ISLÂNDIA

. . A Islândia (talvez a lendária ilha de Tule) foi povoada nos séculos IX e X por escandinavos, depois de descoberta por «vikings» que, como o seu nome indica, a chamaram de «Terra do Gelo». Em meados do séc. X, a ilha contava já com 40.000 habitantes, que no século seguinte seriam cristianizados. Apesar de anexada pela Noruega, no séc. XIII, a ilha gozou de alguma autonomia em relação à coroa desse país até à sua união com a Dinamarca, de quem se viria a libertar progressivamente. A doença, a fome e algumas erupções vulcânicas dizimaram, no séc. XVIII, parte da sua população.

. . A partir de 1834, a Islândia passou a dispor de 2 deputados no parlamento dinamarquês e, quatro anos depois, de um conselho governativo com sede em Reykjavik. Em 1843 é restabelecido o Althing, parlamento com duas câmaras que se assemelhava ao primitivo sistema de governo que vigorava antes do séc. XIII, subsistindo, no entanto, um governador. Em 1918, uma simples união pessoal ligava a Dinamarca à Islândia. Durante a Segunda Guerra Mundial, depois da ocupação da Dinamarca pelas tropas do III Reich e estando a ilha ocupada pelos americanos, no ano de 1941, o Althing informou o Governo de Copenhaga da sua decisão de renunciar à união com a Dinamarca e de proclamar a república na Islândia. Mas a sua constituição como república independente apenas seria efectivada em 1944, como resultado de um plebiscito realizado a 23 de Maio.

O ARQUIPÉLAGO

O arquipélago de V
de uns trinta quilómetro
Inteiramente vulcânico,
Islândia, que não é mais
sa da longa dorsal médi
conheceu uma primeira
Novembro de 1963, quà
na sua extremidade su
Surtsey. No dia 14 de
efeito, um vulcão subm
nascimento por meio d
res, que projectaram
cinza a mais de 20
sobre as casa de Vestm
longou-se, por fases,
1967, criando, pouco a
de 2,8 quilómetros qu
de basalto deram uma
resistir aos séculos e à
co.

O auxílio internacional as pessoas evacuadas

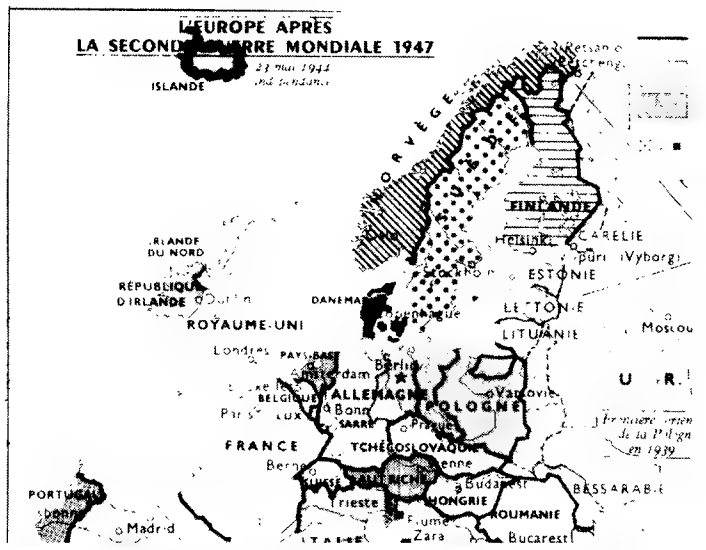
No caso de serem postas condições, a Islândia não aceitará auxílio estrangeiro para os cinco mil e quinhentos habitantes que foram obrigados a abandonar a ilha de Heimaey devido à erupção do vulcão Helgafhell.

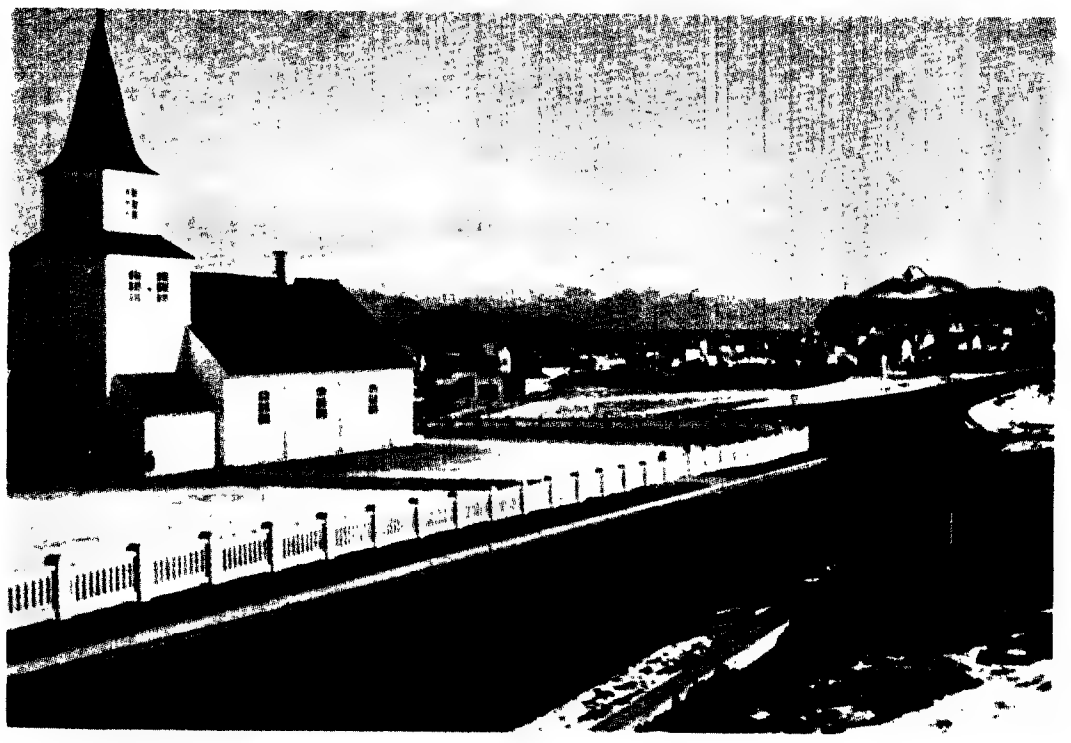
A posição do Governo islandês foi apresentada nas reuniões efectuadas com embaixadores estrangeiros a respeito da possível ajuda a conceder às pessoas que foram evacuadas da ilha e que tentam começar uma nova vida.

De acordo com geólogos, a ilha de Heimaey e a sua cidade principal, Westmannaeyjar, foram cobertas por cerca de quatro milhões de toneladas de cinza vulcânica e de lava desde que o vulcão entrou em erupção.

Apesar de tudo, equipas de salvamento recuperaram haveres de setenta por cento das casas parcialmente destruídas ou completamente cobertas por cinza e lava. Os trabalhos de salvamento foram facilitados pela diminuição da intensidade do vento, que permitiu a utilização de aviões islandeses e de aparelhos da base aérea norte-americana de Keflavik.

De acordo com funcionários, há esperança de que as fábricas de produtos piscatórios de Westmannaeyjar possam ser salvas, se a erupção acalmar. Esta cidade, agora quase deserta, era o principal centro piscatório da Islândia.





Aspecto parcial da cidade de Westmannaeçjan. (Foto de José Teixeira).

A EFTA reconhece a gravidade da situação

O Conselho da EFTA e o Conselho misto Finlândia-EFTA receberam comunicações preliminares sobre a gravidade da situação em seguida às erupções vulcânicas, que se deram na ilha de Vestmann, ao sul da Islândia.

Os conselhos reconhecem a gravidade da situação sobre o ponto de vista humano, dado que a erupção levou à necessidade de evacuar a população da ilha que conta com 5.000 habitantes deixando nela apenas um número reduzido de trabalhadores essenciais na cidade de Westmannaeyjar. Esta situação impõe uma carga pesada ao povo islandês.

O porto de Westmannaeyjar é o principal porto, donde saem os barcos de pesca que procuram o lado sul da região: fica situado sobre bancos de pesca interiores muito ricos e é o maior porto pesqueiro da Islândia. O abandono desta cidade traz um prejuízo enorme ao comércio actual da Islândia e aos seus investimentos de capital.

Os Conselhos da EFTA pediram ao ministro Einar Benediktsson, chefe da delegação islandesa junto da EFTA, que transmitisse ao seu governo a expressão da sua simpatia para com o povo islandês, nos actuais e graves momentos que atravessa.

Actividade única da ilha: a pesca. (Foto de José Teixeira).

OFERTA DE TRABALHO PARA 200 SINISTRADOS

. Foram salvos 70 por cento dos haveres existentes nas casas abandonadas de Vestmannaeyjar, indicou a rádio dinamarquesa.

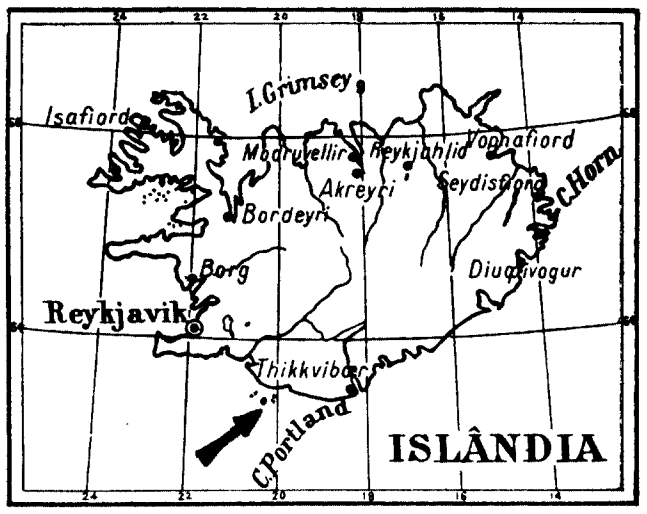
Depois das fortes quedas de cinzas da noite de segunda para terça-feira, a situação melhor o que permitiu a participação de cerca de 600 pessoas nos trabalhos de recuperação dos bens deixados na ilha.

O comité especial encarregado da distribuição de socorros aos sinistros reuniu-se pela primeira vez em Reykjavik, sob a presidência de Johnsson, presidente do Parlamento.

Por outro lado, os estaleiros dinamarqueses de construção naval de Elseneur e de Lindoe ofereceram-se para empregar 100 islandeses cada um.

O DE VESTMANN

Vestmann cobre uma área os, a sudoeste da Islândia. , tal como o é a própria is do que uma parte emerdio-atlântica, o arquipélago a hora de celebridade em ando se viu acrescentado, dsoeste, de uma nova ilha, Novembro de 1963, com marino manifestava o seu de explosões espectacula- enormes quantidades de quilómetros de distância, mknnaeyjar. A eupção pro- até ao mês de Julho de pouco, uma ilha de cerca adrados, à qual as lavas solidez que lhe permitirá às tempestades do Atlânti-



Mapa da Islândia. A sudoeste do país pode ver-se (assinalado por uma seta) o Arquipélago de Vestmann.

Seca de bacalhau em Heimaey. Este peixe, bem como o arenque, é exportado principalmente para a Rússia, Brasil, Cuba, América e Nigéria. A exportação para a Rússia faz-se em troca de automóveis. (Foto de José Teixeira).

O Governo islandês deverá indemnizar os refugiados

A erupção do vulcão Helgafell, na Islândia, em 23 de Janeiro não causou vítimas, mas criou graves problemas ao Governo islandês: em primeiro lugar é necessário realojar os cinco mil evacuados de Heimaey, que se encontram em Revkjavik, na casa de familiares e amigos, e encontrar mil e seiscentas vagas em escolas, para as crianças.

Porém, a partir de sexta-feira a situação agravou-se. À excepção de cinquenta salvadores, todos os habitantes receberam ordem de abandonar a ilha, enquanto as possibilidades de a salvar (ou pelo menos uma parte dela) e o porto de Westmannaeyjar parecem cada vez mais remotas.

Entretanto os especialistas americanos e islandeses estudam a possibilidade de bombardear por avião a cratera principal do vulcão, para desviar a lava de forma a não arrasar a ilha e o citado porto.

E preciso instalar os cinco mil refugiados por semanas, meses, talvez mesmo definitivamente e procurar-lhe trabalho. Os pescadores da ilha não terão problemas em continuar a exercer ali a sua profissão, mas a situação de todos os outros trabalhadores é mais preocupante.

O problema das indemnizações por danos materiais põe-se igualmente. Apenas duas famílias de Heimaey estavam cobertas pelo seguro contra os riscos de erupção vulcânica. Há nove anos, quando o pequeno ilhéu de Surtsey apareceu, aproximadamente a 20 km de Westmannaeyjar, quase toda a gente fez um seguro anti-erupção... Mas com os anos foram-se esquecendo a pouco e pouco de pagar os prémios. E, portanto, ao Estado que cabe pagar os prejuízos de cada um. Para uma sociedade que não conta mais de 200 mil almas, trata-se de uma carga muito pesada. O Governo decidiu dar a cada um dos refugiados 50 mil coroas (200 contos) durante três meses.

C.O.

TRINTA VULCÕES EM ACTIVIDADE

A súbita erupção de Helgafell vem juntar-se à grande lista das mais diversas manifestações que a Islândia deve à sua natureza vulcânica. A maior catástrofe provocada neste país por um vulcão foi a da fantástica erupção do Laki em 1783-84. Em sete meses, a cratera do Laki lançou mais de 12 km cúbicos de lava (o que, em volume, se situa em segundo lugar como a erupção mais forte de sempre), aos quais é preciso acrescentar os 3 km cúbicos de cinzas e diversos fragmentos. As correntes de lava cobriram mais de 550 quilómetros quadrados de solo, enquanto as cinzas, durante meses, encobriram o céu, transformando a décima parte da ilha num árido deserto. O balanço da tragédia foi terrível: a maior parte dos animais selvagens e domésticos morreram e uma extensão de terra tornou-se estéril. A fome e a falta de socorros provocados pela erupção fez parecer mais de dez mil pessoas, num total de 50 mil habitantes.

A Islândia conta com cerca de trinta centros vulcânicos, situados na zona central, que atravessa a ilha do nordeste ao sudoeste, dividindo-se em dois ramos na sua parte meridional. Enquanto as regiões nordeste e sudoeste da Islândia são formadas de rochas vulcânicas, que remontam ao terciário, talvez ao Eoceno (de 45 a 50 milhões de anos), a parte central está coberta de produtos vulcânicos actuais e mesmo muito recentes. Com os seus vulcões, a Islândia terá produzido um terço de toda a lava que apareceu sobre a Terra desde 1500.

Entre todos os vulcões mais activos de toda a história da Islândia (a qual começa no século IX) pode-se citar o Hekla, com as suas 23 erupções, o Katla, com 14; e o Grimsvötn, com cerca de 40.

O Hekla, na sua última erupção, matou com as suas cinzas (contendo fluor), por intoxicação, mais de 6 mil cordeiros e mil e quinhentas ovelhas e cobriu uma fábrica de tratamento de bauxito, que havia sido inaugurada há cerca de oito dias.

O Grimsvötn e o Katla estão na origem de fenómenos muito especiais. Estão cobertos de uma camada glaciar, que eles próprios acumulam mesmo quando estão num período de repouso. Logo que a quantidade de água é suficiente para forçar a passagem por entre o gelo ou que uma erupção facilita a saída da água, formam-se torrentes fantásticas, da ordem dos 150 mil metros cúbicos por segundo.

As manifestações vulcânicas, ao longo da história foram bastante estudadas, tendo os geólogos identificado entre 150 e 200 vulcões activos, nos últimos 15 mil anos.

Na narrativa épica «A viagem de Santo Bredan», escrita provàvelmente no século nono, conta uma erupção subaquática idêntica às que tiveram no mar da Islândia há bastantes anos.

Esta maravilhosa obra, pretende contar a procura da «terra prometida» pelo Santo Brendan, mas foi baseada em descrições de marinheiros ou ascetas que procuravam, especialmente estes últimos, uma terra deserta para melhor se entregarem à sua religião. A certa altura da história de S. Brendan escreve-se:

«S. Brendan e os seus companheiros avistaram uma ilha muito íngreme e rochosa, sem árvores nem arbustos, mas cheia de oficinas de ferreiro. Quando ouviram o barulho das embarcações, todos os habitantes da ilha correram para o mar, lançando barras de ferro em brasa para cima dos servidores de Deus. Depois voltaram para as suas forjas e reanimaram o fogo. As chamas eram tão altas que toda a ilha parecia uma bola de fogo e o mar em volta fervia como um caldeirão sobre uma fogueira bem alimentada de combustível» S. Brendan julgava ter chegado às portas do Inferno, mas o que ele tinha presenciado era, simplesmente, a erupção de um vulcão.

YVONNE REBEYROL

CINEMA

Hallyday e Pascale Rigault num momento culminante da película.

UM FILME DE ROBERT HOSSEIN QUE LISBOA VAI VER EM BREVE

ponto de encontro

FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA

Título: «PONTO DE ENCONTRO»; Título Original: «POINT DE CHUTTE»; Argumento: CLAUDE DESAILLY-ROBERTHOSSEIN; Fotografia: DANIELDIOT; Música: ANDRE HOSSEIN; Produção: LES FILMS MARCEAU-FILMSONOR; Realização: ROBERT HOSSEIN; Intérpretes: JOHNNY HALLIDAY, ROBERT HOSSEIN e PASCALE RIVAULT; Distribuição: DOPER-FILME.

Robert Hossein, Johnny Hallyday e Albert Minsky no filme «Ponto de Encontro».

A HISTÓRIA

Catherine é raptada quando se dirigia da escola para casa. Os seus raptores, três homens, levam-na para uma cabana perdida no meio de imenso areal. Vlad, o mais novo dos três, fica encarregado de guardar Catherine, enquanto os outros dois procuram obter o dinheiro do resgate exigido ao pai dela. Horas depois, quando estes se juntam a Vlad, verificam que ele tirara a máscara com que todos se tinham protegido para efectuar o rapto, e que Catherine lhe vira o rosto. Perante este facto, e pelo perigo que ela representava para todos, decidem matá-la após terem recebido o resgate. Deste modo, não haveria nenhuma testemunha, e poderiam partir descansados. Vlad é encarregado de matar a rapariga. Porém, no momento crucial, Vlad não tem coragem para matar Catherine, nem consente que os outros a matem. Domina os camaradas e facilita a fuga de Catherine, após o que foge ele também. Quando ambos se encontram no areal, o chefe do bando mata-os sem piedade.

TEM A PALAVRA O REALIZADOR

Os heróis de «Ponto de Encontro» pertencem a meios muito diferentes. Ela, Pascale Rivault, (Catherine), vem duma família provinciana, muito boa sociedade. Ele, Vlad, (Johnny Halliday) é um vagabundo, desembarcado dum navio de carga, uma espécie de vagabundo perdido que vive de expedientes.

Junta-se aos adultos vivendo à margem da lei, e da sociedade. Quando fazem apelo aos seus serviços sente-se muito lisongeado por ser tomado a sério.

A história seria banal se não nos levasse muito mais longe. Trata-se dum rapto com pedido de resgate. Ela está fechada numa cabana à beira-mar e é ele, Johnny, que fica encarregado de a guardar. Mas é a história desse contacto, sem «amo-te» sem amor. Eles não têm nada a dizer um ao outro; lutam por não se prenderem.

Não se trata dum filme com mensagem, é apenas uma história simples de duas personagens que vivem um drama, o seu drama, e é aí que reside todo o suspense do qual gostaria que se saísse com uma espécie de impressão de necessidade de viver.

Ele, é Johnny Halliday, é a personagem ideal. Ela, Pascale Rivauld, escolhi-a porque ela pertence na realidade a uma boa família. Pretendi alguém que representasse bem uma jovem de hoje, moderna

A história passa-se toda em Pointe de la Courbe (a 20 km de Royan) numa cabana perdida à beira-mar. O mar ora calmo ora bravio, o vento as dunas, a costa árida, as marés,... formam o clima ideal para este filme de suspense.

Um "Magnífico" nos "Centauros"

JAMES COBURN

1960: um ano que constituiu um marco, de certa maneira, no cinema de Holywood. Foi o ano de «Os Sete Magníficos», de «O Apartamento», da morte de Clark Gable.

Nesse ano nasciam novos nomes para serem colocados em caixa alta nos cartazes da especialidade: entre eles, James Coburn, Steve McQueen, Robert Vaughn e Charles Bronson, quatro dos «magníficos». Estava longe o tipo de herói à maneira de Rudolfo Valentino, Tyrone Power etc. Mudavam-se os tempos e os gostos do público. A partir daí, nada podia voltar a ser o que antes tinha sido.

13 anos depois, Coburn mantém-se na primeira linha. Desta vez o filme chama-se «Os Centauros» (The Honkers). Ele tinha começado, há muito tempo, a dar os primeiros passos na TV, em «pots» poblicitários, ao contrário da grande maioria dos actores. Passou, inclusivamente, por um «Western» produzido para a televisão e mandou para o ar em episódios. Só depois entraria definitivamente no caminho do cinema.

A grande oportunidade surgiu pela mão de John Sturges e a adaptação para «western» de «Os Sete Samurais», de Akiro Kurosawa. Nascia, assim, o filme «Os Sete Magníficos» e, ao mesmo tempo, um actor atingia a maioridade: James Coburn.

13 anos depois, Coburn volta ao «western». Ele é um «cow-boy» dos nossos dias que, por entre poços de petróleo e carros do último modelo, regressa à sua cidade natal para entrar num «rodeo».

Aqui, entra em acção o realizador Steve Inhat que, segundo as informações que nos chegam dos EUA dirige muito bem Coburn e companhia em «Os Centauros», filme que em Lisboa começou a ver esta semana.

CINEMA

UMA ANTEVISÃO DO IV FESTIVAL DO FILME TURÍSTICO

Vasco Granja revela

De 9 a 13 de Março próximo, efectua-se, em Lisboa, o IV Festival Internacional do Filme Turístico, manifestação patrocionada pela Direcção-Geral do Turismo, Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos e Câmara Municipal de Lisboa, com a colaboração da Cinemateca Nacional, em cujo cinema (no edifício do Palácio Foz) decorrerá o certame. A organização deste Festival está a cargo do jornal «Publituris» e é seu secretário-geral o crítico cinematográfico Vasco Granja.

Com um mês de antecedência é já possível delinear algo do que virá a ser este IV Festival. Com a intenção de informarmos os leitores, conversámos com Vasco Granja, que nos forneceu todos os elementos disponíveis (e as «últimas» agora conhecidas.

— **Quais os objectivos deste festival?**

— O objectivo deste festival é fazer conhecer os diferentes aspectos de um país, de uma cidade ou de uma região, baseando-se no seu património artístico, histórico, folclórico e cultural e também nas suas belezas naturais.

— **Como se escolhem os participantes neste festival?**

— Podem participar, como concorrentes, todos os fimes de carácter turístico, em dezasseis ou trinta e cinco milímetros, produzidos a partir de 1 de Janeiro de 1971, salientando-se pela escolha do tema e pela qualidade estética e que não excedam trinta minutos de projecção.

— **Fala-se também numa secção competitiva de filme publicitário turístico, o que constitui uma inovação da edição deste ano?**

— O IV Festival Internacional do Filme Turístico comporta efectivamente uma secção competitiva do filme publicitário turístico produzido em Portugal durante o ano de 1972 e que não exceda dois minutos de projecção. Um júri internacional atribuirá o Prémio Publituris ao melhor filme desta categoria.

— **Falando de júri e prémios, primeiramente, no que respeita a prémios, o que há de novo?**

— Os três primeiros classificados na competição serão galardoados com os prémios «Sol de Ouro», «Sol de Prata» e «Sol de Bronze». Duas outras distinções assinalarão este festival: o já referido Prémio **Publituris** para a melhor curta metragem publicitária turística e o Prémio **What's on in Lisbon**, para o filme que mais tenha feito pela promoção do turismo.

— **Quais são os membros do júri internacional deste ano?**

— Como sempre, o júri internacional será composto por cinco individualidades, três das quais estrangeiras. Assim, contaremos este ano com os críticos cinematográficos Forsyth Hardy (inglês), Luis Gasca (espanhol), Francis Bolen (belga) e Lauro António (português). O outro elemento do júri será oportunamente anunciado.

— **Dos três críticos estrangeiros, atendendo a que possivelmente o grande público os não conhece, pode dar-nos alguns elementos referenciadores da sua actividade?**

— Francis Bolen dedica-se ao cinema há mais de quarenta anos.

E o autor da primeira história do cinema belga, única escrita até hoje. Na sua primeira forma, esta história apareceu no semanário francês «Cinémonde», em 1953, números 974 a 1009. A fim de publicar uma segunda edição, revista, actualizada e ampliada, Francis Bolen publica, desde Abril de 1967, uma colecção de cadernos, «Ciné-Dossiers», inteiramente consagrada ao cinema belga.

Francis Bolen é o presidente honorário da Comissão Nacional dos Trabalhadores de Cinema e Televisão, da Bélgica; presidente da Comissão Cinematográfica da Associação Belga de Autores e Compositores; vice-presidente da União Europeia dos Trabalhadores de Cinema e Televisão; membro do Instituto e Academia Internacional de Autores, com sede no Panamá. Presentemente, Francis Bolen é professor do Instituto Belga de Jornalistas.

No que respeita a Luis Gasca, que já foi director de várias agências de publicidade, exerceu as funções de professor na Escuela de Turismo de San Sebastian. Por outro lado, Gasca é um dos especialistas espanhóis em cinema fantástico e de terror. O seu interesse pela banda desenhada levou-o a fundar a editora Buru Lan, especializada na divulgação da narração figurativa clássica e moderna. E autor de várias obras, nomeadamente **Los Comics en la Pantalla**, **Organizacion Turística**, **Tebeo y Cultura de Masas** e **Técnica del Turismo**. Dirige presentemente a enciclopédia «El Cine».

Quando a Forsyth Hardy há muitos anos que mantém uma constante actividade para a dignificação do filme de curta metragem na Grã-Bretanha. Além de colaborar em vários jornais e revistas, como crítico de cinema, foi um dos fundadores da Federação de Cine-Clubes da Escócia, ocupando o cargo de secretário honorário desde há vinte e um anos. Nos anos 40, produziu numerosos filmes de curta metragem, acentuando esta actividade a partir de 1955, quando foi nomeado director de Films of Scotland. Um dos filmes que produziu, **Seawards the Great Ships**, obteve o Oscar de Hollywood, em 1961, como melhor documentário do ano. E autor de numerosos livros sobre cinema, nomeadamente a antologia **Grierson on Documentary**, onde compilou os principais escritos do pioneiro do documentário britânico.

— **Nos anos anteriores, o Festival do Filme Turístico apresentou uma «Secção Retrospectiva» onde se viram importantes obras inéditas no vosso país. Este ano como será?**

— Como habitulamente, o festival compreende uma secção retrospectiva do filme documentário. Entre os diversos filmes incluídos nesta secção, que procura dar um panorama de algumas das direcções actuais do cinema marginal, conta-se a realização do jovem cineasta italiano Gian Franco Mingozzi **Antonioni — Documents et Témoignages**, que traça a carreira exemplar de um dos maiores cineastas modernos: Michelangelo Antonioni.

Também o cineasta britânico Richard Williams estará incluído na retrospectiva deste IV Festival com a exibição do seu recente desenho animado, de média metragem, **A Christmas Carol**, primeiro prémio do Festival do Filme Americano do ano passado.

Baseado em Charles Dickens, **A Christmas Carol** é uma adaptação fiel do universo criado pelo famoso escritor inglês, o qual ressurge numa visão que reconstitui o espírito das gravuras da primeira edição de 1840, devendo ainda salientar-se a colaboração prestada a este filme por Michael Redgrave e Alastar Sim, que se encarregaram, respèctivamente, da narração e da interpretação vocal da principal figura desta obra de Richard Williams, um dos mais inventivos cineastas de animação da Grã-Bretanha.

A Christmas Carol será o primeiro filme de uma retrospectiva dedicada à animação inglesa, onde se poderão ainda ver: Wotdot, de Joy Batchelor, **Linear Programming, de John Halas, A Cat is a Cat, de Vera Linnecar, Trenddsetter, de novo de Vera Linnecar, e ainda I'm Glad You Asked That Question, de Vera Linnecar, Nancy Hanna e Keith Learner.**

Ainda na Secção Retrospectiva deste IV Festival, iremos assistir à projecção da longa metragem do holandês Bert Haanstra, **Alleman**, e também ao documentário de uma hora, produzido pela BBC, sobre Norman Mac Laren e a sua obra: **The Eye Hears, The Ear Sees.**

Este IV Festival comporta igualmente uma homenagem a John Gierson, com a projecção dos seguintes filmes: **Night Mail**, de Basil Wright: **Colour Box**, de Len Lye; **Song of Ceylon**, de Basil Wright; **Love on the Wing, Neighbours, The Hear of Scotland e Seawards the Great Ships**, todos de Norman Mac Laren.

— **Sobre filmes em concurso, muitas participações?**

— Estão já inscritos filmes de variadíssimos países, entre os quais a Suiça, Itália, Austria, Israel, Suécia, Inglaterra, Estados Unidos, Filipinas, Espanha e, òbviamente, Portugal.

— **Muitos filmes portugueses?**

— Realmente já há alguns. Por exemplo: **A Almadraba Atuneira**, de António Campos, filmado em 16 milimetros, na ilha de Abobora, na costa do Algarve. O «**Entremês Famoso sobre a Pesca no Rio Minho**», de Luis Galvão Telles, com fotografia de Elso Roque; dois filmes de Francisco Saalfeld: «**Bago de Ouro**» e «**Museu Nacional dos Coches**»; «**Cenas de Caça no Baixo Alentejo**», de António Macedo; «**Angola**», nde António Escudeiro; «**Estoril Costa do Sol**», de Fernando Matos Silva...

Lauro António

"Perdido por cem..."

Ficha Técnica

Realização — António Pedro Vasconcelos
Fotografia e câmara — João Rocha
Assistente de Imagem — José de Carvalho
Som directo — Ruy d'Almeida e Mello
Coordenação sonora e misturas — Alexandre Gonçalves
Chefe de Produção — Paulo Gil
Assistentes — Jorge Paixão, José Martinho, Paulo Branco, Teresa Vaz da Silba, Fernando Salvador, Jorge Silva Melo.
Fotógrafo — José Nascimento
Estúdio de Som — Valnetim de Carvalho
Canção — «Menina e Moça» Paulo Gil e A. P. Vasconcelos
Laboratórios — Eclair.

Ficha Artística

Artur — José Cunha
Joana — Marta Leitão
Rui — Nuno Martins
Marta — Ana Maria Lucas
Luisa — Rosa Lobato Faria
António Pedro — António Machado
O namorado — António Rama
Albano — Albano Pereira
Féfé — Carmizé
Nuno — Nuno Pereira
Carlos — Carlos Pereira e a participação de Paulo de Carvalho

Depois de «**Que se passa Doutor?**», de **Peter Bogdanovitch**, o novo cinema Castil vai exibir o filme de **António Pedro de Vasconcelos «Perdido Por Cem...»**. Trata-se de um filme do «cinema novo» português que, por variadas razões, suscita a expectativa de todos quantos se interessam pelo cinema em Portugal.

Damos, hoje, a palavra a António Pedro de Vasconcelos, o realizador. Ele explica o filme que em breve será estreado da maneira que se segue.

SE EU TIVESSE VINTE ANOS..

«Perdido por Cem...» é, modestamente, a minha viagem ao fim da noite da adolescência. Nunca soube muito bem para onde ia, como um sonâmbulo que sabe, no entanto, evitar os obstáculos. Queria em todo o caso, um filme onde o risco fosse total, e ainda hoje não creio que se possa dizer o que é a «história» nem o que são os «personagens», se é que uma e outros existem realmente. Quis desde o princípio reagir contra certas ideias feitas e certos lugares-comuns sobre o que seja um «argumento», a «planificação», os «diálogos» e a «interpretação» que fazem do cinema uma ciência à parte. Não quis fazer um filme «moderno», nem um filme sobre a juventude, apesar de os dois jovens do filme não terem mais de 20 anos. Se é possível, como diz Truffaut, definir todos os filmes interessantes numa palavra, eu supunha, a princípio, que, no caso de o meu filme ser um deles, se deveria dizer que se tratava de um filme sobre a «renúncia» que é, para mim, o contrário da resignação. Hoje, o filme pronto, sei que não é dissso que se trata, mas também não me atreveria a defini-lo por outra palavra. PMENSEI NOS «Amantes da Noite», do Nicholas Ray, de que tenho uma recordação longínqua e muito forte, mas ao mesmo tempo, evitei tudo o que pudesse comover o espectador. Não quis, sobretudo, fazer um filme «desenvolto», apesar dos 16 mm. e do som directo serem uma fácil tentação. Pensei sempre, pelo contrário, num filme enquadrado à americana, sem afectação, onde os actores e o «décor» tivessem a mesma importância, mas sem a aparência de estar a contar uma história. Trata-se de um filme reconstituido por uma memória fectícia, com o qual julgo arrumar as contas com os fantasmas da minha adolescência e onde descubro, graças ao cinema, que a noite, afinal, não é mais do que o diafragma fechado, e a morte, a película que chega ao fim.

ANTÓNIO PEDRO VASCONCELOS

Teatro

Teatro de vanguarda em Espanha

Integrado no movimento de renovação do teatro espanhol, na primeira fila dos que «insistem sem tréguas» existe o Teatro Experimental Independente (T.E.I.), um dos grupos «off» que mais contribuiu, nos anos sessenta, para a sua evolução.

Em 1963 com «História del Zoo», de Edward Albee, iniciava-se a sua actividade de investigação: um passo balbuciante, centrado principalmente, no âmbito universitário e com algumas saídas esporádicas no campo comercial. Constituído pelo grupo de professores e antigos alunos do Teatro Estúdio de Madrid continuou a afirmar a necessidade da educação do jovem actor dentro das técnicas dramáticas actuais.

«A actual promoção teatral no nosso país coloca o actor e todo aquele que toma parte numa obra, de uma maneira criativa, numa situação individual — de espera — da acção decisiva do empresário. Uma acção que se baseia, ùnicamente, em fundamentos económicos e impede que o actor, metido numa cadeia de interesses, se possa dedicar à sua verdadeira função de criador. Queremos, portanto, mudar esse mecanismo. Para isso pretendemos criar uma nova modalidade de empresa...»

E abriram o **Pequeno Teatro**. Instalado no n.º 1 da Calle Magallanes. Uma sala que, também, serve de albergue para outros grupos independentes apresentarem as suas produções, as suas vias, as suas concepções do teatro. Ali vimos «El Retábillo de D. Cristobal», pelo Tábana, que diàriamente alternava com «História do Soldado», um dos últimos espectáculos do T.E.I.

«O nível de preços que praticamos justifica-se em qualquer teatro que vive sem subsídios oficiais. No entanto está previsto conseguir-se um preço mais acessíveis a um maior número de público e fortes descontos para universitários e pessoas de outros sectores», explicou um dos elementos do T.E.I. quando manifestamos o nosso espanto perante as 150 pesetas fixadas nas tabelas.

Porém atendendo às condições económicas, bastante precárias, com que se debate o grupo, não podemos deixar de reconhecer que essa medida se impõe como tábua de salvação. O T.E.I. vive dos sócios (pagam mil pesetas por ano) e das receitas dos espectáculos que dificilmente atingem uma verba suficiente para cobrir as despesas e as carências económicas dos actores.

«Lutamos com imensas dificuldades: o público acorre pouco. Pagamos impostos mais elevados que qualquer outro teatro porque não somos considerados uma companhia comercial. Nós, actores, quando as receitas são baixas não cobramos ordenado», disse Begoña, que interpreta o papel de princesa adormecida na «Balada do Soldado», um texto de Charles F. Ramuz, acompanhado pela música de Stravinsky, sobre uma ideia de Taraborrelli. Uma versão do T.E.I. que põe em jogo toda a técnica teatral adquirida nas aulas do laboratório de teatro, dirigido por William Layton.

«As aulas apoiam-se num esquema prévio de interpretação que é, segundo o nosso método, a expressão emocional. As disciplinas estudadas consistem nas técnicas interpretativas de improvisação, da expressão corporal com base na concepção do corpo como gerador dos seus impulsos motores e na técnica do controle da voz, posta ao serviço da expressão emocional».

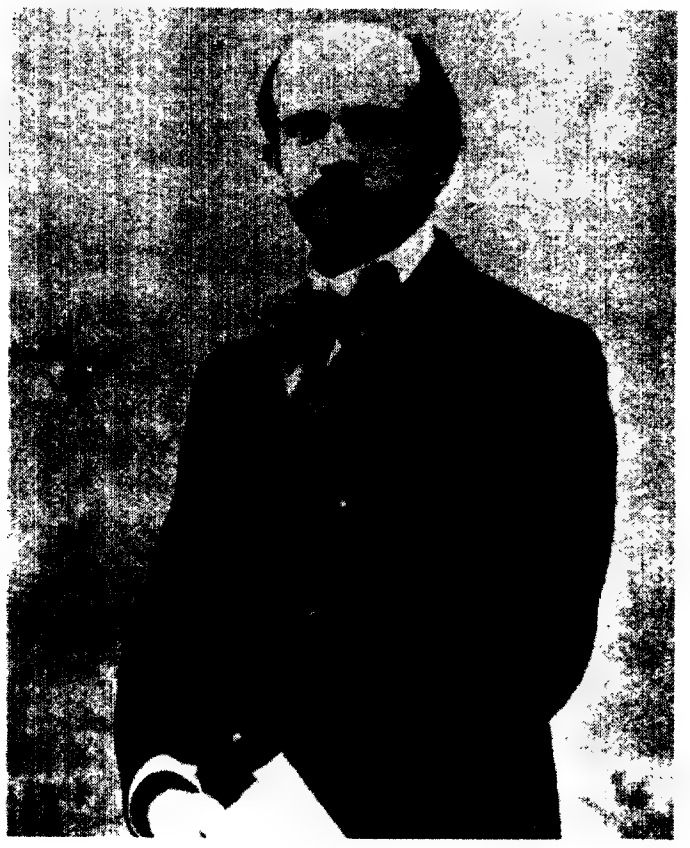
José Carlos, Pepe, Begoña... todos estão de acordo em que fazem um teatro para minorias mas assumem-no, conscientemente como caminho escolhido.

«Nem toda a gente pode entender. No entanto achamos importante que se faça um teatro com características de vanguarda. Evoluimos tècnicamente mas sempre na mesma linha proposta desde o início: dar a conhecer ao público as principais correntes teatrais do momento».

Presentemente o T.E.I., na Calle Magallanes, apresenta «Os Justos», de Camus, uma peça estreada há menos de um mês.

E assim, ao lado do Tábano, de Els Joglars (Barcelona), de Lebrijano (Sevilha), segue o T.E.I., na frente que contraria o mau teatro comercial, cumprindo as necessidades urgentes do desenvolvimento cultural do país.

LOURDES FÉRIA



O "Pequeno Teatro de Madrid" actua amanhã em Lisboa

O conhecido agrupamento teatral «O Pequeno Teatro de Madrid», derivado do Teatro Universitário, que há doze anos nasceu na capital espanhola, vai apresentar-se na Fundação Gulbenkian nos próximos dias 5 e 6 de Fevereiro corrente. Aquele agrupamento, que tem desenvolvido uma acção renovadora do teatro em Espanha, tem uma trajectória artística que poderá dividir-se em duas direcções fundamentais: a apresentação de autores que, por particularidades características, se não adequam à exploração comercial; e a outra, mais recente, devotada à divulgação cultural, por meio de um programa de expansão que cobre o território espanhol e sa alarga, presentemente, aos países estrangeiros.

O «Pequeno Teatro de Madrid» é dirigido por uma figura quase mítica no panorama da arte dramática de Espanha: António Guirau Sena, que pôs em prática um estilo de realização profundamente expressivo e inteligente, adoptando um conceito do actor como elemento fundamental do fenómeno dramático, enriquecendo-o e cultivando-o.

A apresentação do «Pequeno Teatro de Madrid» tem o patrocínio da Direcção Geral Culturais do Ministério dos Assuntos Exteriores de Espanha e terminou recentemente uma digressão por 11 países e 30 cidades da Europa, prolongando-se agora a Lisboa, onde actuará amanhã às 18 e 30, no Auditório Dois da Fundação Gulbenkian, com o espestáculo «Desde a Ultima Vuelta del Camiño», homenagem a Pio Baroja, esse grande e magnífico novelista espanhol, que deixou uma obra de genial penetração humana. No dia seguinte, dia 6, no mesmo local e à mesma hora, apresentar-se-á em novo espectáculo, com «Juan del Enzina y su Tiempo», expressão dramática sobre a vida e a época do famoso dramaturgo e fundador do teatro espanhol, que descobriu para o teatro um caminho moderno, numa aproximação especialmente significativa da obra e acção do nosso grande Gil Vicente.

Os espectáculos têm o patrocínio da Embaixada de Espanha e da Fundação Gulbenkian.

A entrada é livre.

Peter Ustinov novo teatro em Londres

LONDRES — (Por Gregory Jensen, da UPI) O teatro é novinho em folha e a peça tem cinco anos. Não admira, portanto, que a vedeta da noite fosse o edifício.

Peter Ustinov é o autor, director e actor principal da primeira produção do novo teatro de Londres, que é o primeiro a ser construído no West End desde há quinze anos.

A peça é «The Unknown Soldier And His Wife» (O Soldado Desconhecido e a sua Mulher), que nos transporta risonhamente ao longo de dois mil anos de guerra.

É sempre dificil desprender a atenção de Ustinov, especialmente quando ele faz um excelente trabalho como acontece aqui. Mesmo o bom desempenho de Brian Bedford, de Tamara, filha de Ustinov, e de todos os outros actores pouco ou nada faz desviar a atenção de Ustinov.

No entanto, o teatro faz isso. Deve ser um caso único para Ustinov: superado por um palco.

O «New London» foi descrito como o teatro que se move, e move-se mesmo.

O palco está numa plataforma movel de dezoito metros que faz circunvalações completas. As primeiras sete filas estão na mesma plataforma e, como tem um sistema de elevação, à medida que andam de volta sobem e descem. O teatro passa de uma sala vulgar para um teatro em circulo em quatro minutos e até as luzes, o tecto e as paredes se movem para dar uma nova forma ao teatro.

Tal como muitos teatros modernos, o «New London» é um teatro integrado num edifício com outros fins, em vez de ser um edifício apenas destinado a teatro.

A fachada de vidro tem por trás 62 apartamentos, muitas lojas e salas de exposições, um restaurante e ainda um parque automóvel que ocupa cinco pisos.

O auditório fica no segundo andar e tem 911 lugares dispostos em oval, sem pilares ou suportes. Todos estão situados muito perto do palco.

Ustinov utilizou poucas das potencialidades do teatro na produção da sua própria peça, mas parece que o conjunto agora inaugurado é o ideal para a realização de todas as espécies de truques teatrais.

Esta peça é uma espécie de «pião do tempo», que tão depressa está nos nossos dias como recua até à época dos romanos. Ustinov pretende mostrar que não só as mesmas situações, mas também as mesmas pessoas se repetem no tempo.

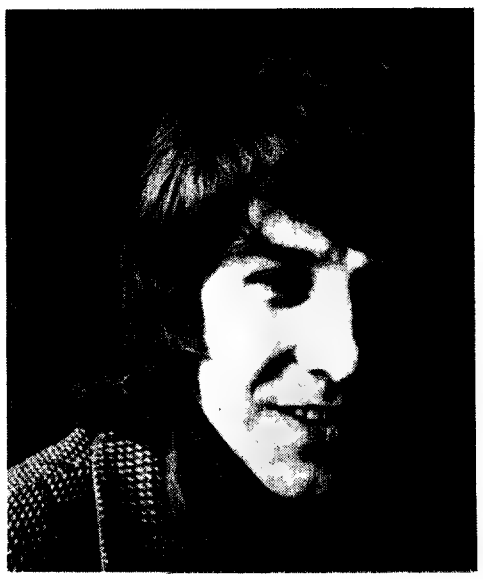
É uma noite bem passada, em contacto com uma filosofia leve, dentro de uma produção excelente. Mas o edifício do teatro «rouba o espectáculo».

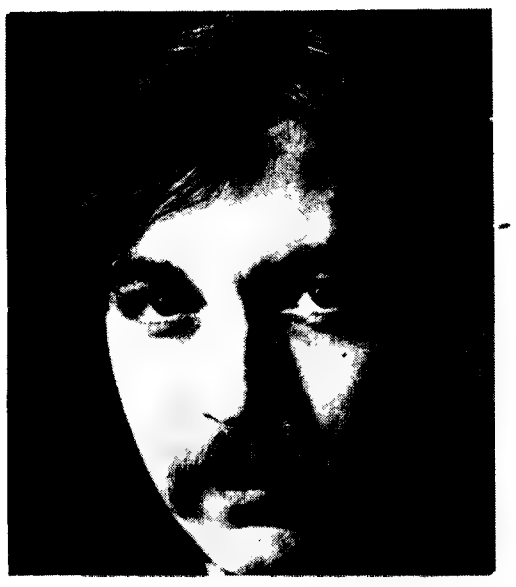
LEIA motor

MÚSICA POPULAR

Os Procol Harum em Cascais

QUEM É QUEM NO CONJUNTO





Conforme noticiámos oportunamente, o famoso conjunto «pop» «Procol Harum» vem actuar nos próximos dias 24 e 25 do corrente a Portugal. Dois concertos estão programados para o Pavilhão dos Desportos de Cascais, que de há dois anos a esta parte tem servido de cenário para os festivais de Jazz que se têm realizado naquela vila.

Hoje, a pouco mais de 15 dias do primeiro espectáculo que os «Procol» darão em Portugal, aqui estamos a dizer aos nossos leitores quem são os componentes do grupo que ficou célebre em todo o mundo depois de gravar canções como «A Whiter Shade Of Pale» e «Homburg».

QUEM É QUEM

Keith Reid — Autor das letras que o conjunto interpreta. Um elemento indispensável na definição do grupo. Não aparece em palco mas desempenha um papel importante, aliás reconhecido (como não podia deixar de ser) por todos os outros elementos do conjunto.

Gary Brooker — Compositor e pianista dos «Procol». Toca, também, orgão e faz acompanhamento vocal. Grande parte do êxito do conjunto que ora nos visita se deve a ele. As suas composições servem perfeitamente os poemas de Keith. Gary dirige, normalmente, os arranjos do grupo o que, como se compreende, define, em grande parte, a música que o conjunto pratica.

Barrie J. Wilson — O baterista. Reconhecido como um dos executantes mais certos no seu instrumento.

Mick Grabham — O novo guitarrista dos «Procol». Adaptou-se com toda a facilidade às características do grupo sendo, actualmente um elemento quase imprescindível.

Chris Copping — Uma espécie de «complemento» de Gary Brooker. Explicando melhor: o instrumento que toca é (ou, talvez mais exactamente, no plural: os instrumentos que tocam são) o(s) mesmo(s). Chris não é compositor, asm músico por excelência. E tão bom como Gary, embora este seja, para além de excelente músico, um óptimo compositor.

ALAIN Cartwright — Sabido como é que os músicos da secção rítmica desempenham, nos grupos «pop», um papel fundamental e acrescentando a isso o facto de Alain ser de todos reconhecido como um óptimo executante, compreenderemos a importância deste Cartwright num grupo com as características do «Procol Harum».

QUE PÚBLICO

Com os «Vinegar Joe», que nos visitaram o mês passado, foi o que se viu: um grande entusiasmo, com o seu quê de «mascarada» à mistura. O facto tem antecedentes. Já em Vilar de Mouros, auqando do festival «pop» aí realizado, houve quem visse uns meninos vestidos de «hippies» sairem de um «Mercedes» com «chauffeur», sobrançando tendas de campanha — a mascarada. Em Cascais, vila onde se vai realizar o concerto dos «Procol Harum», quer no primeiro, quer no segundo festival de Jazz, viram-se muitos meninos e meninas que só se vestiram daquele modo para aquela ocasião, sem repararem que estava a ser tão burgueses como os que, ao domingo, vestem o «fatinho de marujo»...

De qualquer modo, e pelos exemplos anteriores, quer nos festivais de Jazz, quer no concerto dos «Vinegar Joe», espera-se para Cascais, nos dias 24 e 25 deste mês, uma assistência que saiba o que vai ouvir, que esteja razoàvelmente informada sobre estas coisas ou que, pelo menos, esteja interessada em aprender, no sentido de saber como é. Os «Procol Harum» são um marco importante na música popular dos anos sessenta e conseguem perdurar através desta primeira parte da década de setente. Para quem esteja verdadeiramente interessado na (boa) música que se produz, com características populares, por esse mundo fora, um concerto a não perder.

Procol Harum ao vivo

UMA PRODUÇÃO MUSICORDE

Pavilhão de Desportos de Cascais

FEVEREIRO

24 às 21.30 H. — 25 às 17.00 H.

BILHETES À VENDA

LISBOA:

Discoteca VALENTIM DE CARVALHO, C. I.
Rua Nova do Almada, 95

Discoteca SINFONIA
Av. Roma, 44-A

Discoteca MELODIA
Rua do Carmo, 23

Discoteca ROMA
Av. de Roma, 20-C

Discoteca APOLO 70
Av. Júlio Diniz, 10

Discoteca COMPASSO
Rua Saraiva de Carvalho, 268

Discoteca PHILIPS
Av. Duarte Pacheco, 6

Livraria ULMEIRO
Av. do Uruguai

AGÊNCIA A. B. E. P.
Restauradores

AGÊNCIA CONVÉS
Av. Fontes Pereira de Melo, 45

CASCAIS:

Discoteca AI-FAI
Av. Frederico Ulrich, 7

Restaurante OK
Junto ao Pavilhão

ALMADA:

ALMALAR, LDA.
Rua Luís Queirós, 5-C

PORTO:

Revista MUNDO DA CANÇÃO
Rua Passos Manuel, 134-1.º
(com transporte assegurado)

PELO CORREIO:

MUSICORDE
Rua Coelho da Rocha, 69-P 1
LISBOA

Artistas contratados por intermédio de INTERARTES
AGÊNCIA ARTÍSTICA E DE REPRESENTAÇÕES, LIMITADA

ESTES ESPECTÁCULOS NÃO SÃO TELEVISIONADOS

BILHETES À VENDA

(GRUPO B - M/ 10 ANOS)

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203-r/c., Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

TEATRO MARIA MATOS

ÚLTIMO DIA

Hoje, «Matinée», às 16 horas
«Soirée», às 21.45 horas

Ruth Escobar

apresenta

Missa Leiga

de CHICO DE ASSIS

Prémio da crítica brasileira para a melhor encenação e a melhor música

●

50% para estudantes e jovens até 18 anos, devido a um subsídio da Fundação Gulbenkian

M/ 14 anos

VÁ AO TEATRO !!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos:

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

27.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

HOJE — 2 SESSÕES

com JOSÉ VIANA

no protagonista

SUA EXCELÊNCIA O PENDURA

com

DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, Artur Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

Segundas e quartas-feiras, às 21.45 horas; quintas, sextas e sábados, 2 sessões, às 20.45 e 23 horas; domingos, às 16 e 21.45

3.ª feiras: descanso

HOJE

2 SESSÕES — 20.45 e 23 horas

TELEF. 55 51 33

Uma fabulosa Revista de Bons e Maus Costumes no Teatro MONUMENTAL

Uma produção de VASCO MORGADO

com

CAMILO de OLIVEIRA

em

MULHERES É COMIGO!

com AIDA BAPTISTA

MARGARIDA MAUPERRIN

e ainda

LINDA SILVA

CRISTINA CASSOLA

e a atriz VITÓRIA MARIA

THE RED ROSE BALLET

Grupo 18 anos

Amanhã: «matinée» às 16 horas
À noite: 2 sessões às 20.45 e 23 horas

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

7.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIROS

Sexo, nunca! somos britânicos...

No elenco

IRENE ISIDRO

Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariana, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTÁVIO DE MATOS

Encenação de

Maria Helena Matos

2.ª, 3.ª e 5.ª — ÀS 21.45 H.

4.ª-FEIRAS — Descanso da C.ª

6.ª-FEIRAS, SÁBADOS E DOMINGOS — 2 sessões: ÀS 20.45 E 23 HORAS

DOMINGOS — «Matinée» 16 h.

Trabalhos de renovação da via

LINHA DO OESTE

Por motivo dos trabalhos complementares de Renovação da Via, na Linha do Oeste, a que se vai proceder, entre Ramalhal e Outeiro, a partir do dia 1 de Fevereiro de 1973, serão suprimidas, nos dias úteis (de segunda-feira a sábado), as seguintes automotoras:

AUTOMOTORA N.º 4025 (que parte de Lisboa-Rossio às 13-45 h) - Entre Ramalhal e Outeiro, fazendo-se o transporte de passageiros e bagagens entre estas estações por autocarros;

AUTOMOTORA N.º 4122 (que chega ao Cacém às 17-35 h) Entre Outeiro e Ramalhal, fazendo-se o transporte de passageiros e bagagens entre estas estações por autocarros.

A automotora n.º 4025 retoma a partir desta data a sua partida de Lisboa (Rossio).

Pedimos desculpa dos inconvenientes que estas supressões possam causar e esforçar-nos-emos por reduzir o período em que o teremos de fazer.

TOP 10

The Sweet, goza agora a segunda semana no topo da tabela de classificação dos «singles» na sua nativa Grã-Bretanha, conseguiu-o por fim.

O conjunto de quatro rapazes teve já grandes êxitos antes, basta lembrar «Wig Wam Bam», «Poppa Joe» e «Co, Co», mas é esta a primeira vez que alcançou a cobiçada posição cimeira nos «dez mais» de Londres.

Admiradores na República Federal Alemã e na Bélgica costumam saber mais acerca do Sweet do que os seus compatriotas. Contudo, com a chegada de «Blockbuster» tudo mudou, bastando citar o guitarrista Andy Scott: «Estamos agora a tocar onde antes nem mesmo nos deixavam varrer o lixo».

Os seus admiradores no estrangeiro não esqueceram, também, o conjunto, pois o Sweet encontra-se em primeiro lugar em Bona e Amsterdão.

A fama de Gary Glitter, de «Rock And Roll Parts One And Two», voltou à tabela de classificação britânica com outro disco de «rock» — «Do You Wanna Touch Me».

É, também, uma grande semana para o cantor britânico Elton John, cujo disco «Crocodile Rock», pulou para a posição cimeira na tabela de classificação de «singles» em Nova York, enquanto o seu novo acetato «Daniel» aparece em nono lugar em Londres, onde está a obter sucesso.

Uma música que está a conseguir grande êxito no panorama da «pop-music» dos Estados Unidos é um novo «single» do conjunto War, antigamente associado com Eric Burdon. «The Wolrd Is A Ghetto» é tirado do album com o mesmo título.

A seguir, os «top-ten» da semana em centros mundiais escolhidos, com a classificação da semana passada entre parêntesis:

LONDRES

1 (1)_«Blockbuster»: Sweet.
2 (3)_«You're So Vain»: Carly Simon.
3 (__)_«Do You Wanna Touch Me»: Gary Glitter.
4 (4)_«Long Haired Lover From Liverpool»: Little Jimmy Osmond.
5 (2)_«The Jean Genie»: David Bowie.
6 (8)_«Wishing Well»: Free.
7 (5)_«Hi Hi Hi/c Moon»: Wings.
8 (6)_«Ball Park Incident»: Wizzard.
9 (__)_«Daniel»: Elton John.
10 (__)_«If You Don't Know Me By Now»: Harold Melvin And The Bluenotes.

Lennon __ a terceira posição da tabela de Estocolmo.

NOVA YORK

1 (2). «Crocodile Rock»: Elton John.
2 (1). «Superstition»: Stevie Wonder.
3 (4). «Why Can't We Live Together»: Timmy Thomas.
4 (3). «You're So Vain»: Carly Simon.
5 (7). «Oh Babe What Would You Say»: Hurricane Smith.
6 (8). «Hi Hi Hi»: Wings.
7 (5). «Your Mama Don't Dance»: Loggins And Messina.
8 (__). «Trouble Man»: Marvin Gaye.
9 (__). «The World Is A Ghetto»: War.
10 (10). «Love Jones»: Brighter Side Of Darkness.

AMSTERDÃO

1 (3)_«Blockbuster»: The Sweet.
2 (2)_«Donna»: 10 CC.
3 (1)_«Crazy Horses»: The Osmonds.
4 (7)_«Long Haired Lover From Liverpool»: Jimmy Osmond.
5 (5)_«Clap Your Hands And Stamp Your Feet»: Bobby St. C,air.
6 (4)_«Ben»: Michael Jackson.
7 (6)_«Papa Was A Rollin' Stone»: The Temptations.
8 (__)_«Love Story»: Nino Tempo And April Stevens.
9 (10)_«Me And Mrs. Jones»: Billy Paul.
10 (__)_«Go Like Elija»: Chi Coltrane.

Elton John é n.º 9 em Londres, com «Daniel», n.º 1 em Nova Iorque, n.º 1 em Estocolmo e n.º 5 em Bona, com «crocodile Rock».

ESTOCOLMO

1 (5). «Crocodile Rock»: Elton John.
2 (1). «Sofia Dansar Go-Go»: Stefan Ruden.
3 (2). «Happy Christmas (War Is Over)»: John And Yoko Lennon.
4 (4). «Loop Di Lova»: Shag. 5 (__). «Made In Japan»: Deep Purple.
6 (3). «Hey Barberida»: Leif «Burken» Bjoerklund. 7 (6). «A Teenager In Love»: Donny Osmond. 8 (__). «Feliz Navidad»: José Feliciano. 9 (__). «Hi, Hi Hi»: Wings.
10 (8). «Mama, Papa»: Cyan.

BONN

1 (1)_«Wig Wam Bam»: Sweet.
2 (2)_«Elecred»: Alice Cooper. 3 (3 (7)_«Crazy Horses»: Osmonds.
4 (8)_«Solid Gold Easy Action»: T. Rex.
5 (3)_«Crocodile Rock»: Elton John.
6 (6)_«Delta Queen»: Ricky Shayne.
7 (5)_«Gudbuy T'Jane»: Slade.
8 (3)_«México»: Les Humphries Singers.
9)__)_«Clair»: Gilbert O'Sullivan.
10 (10)_«6 Uhr Frueh (6 A.M.)»: Christian Anders.

HONG KONG

1 (1). «A Brand New Song»: Cliff Richard.
2 (3). «I Never Said Goodbye»: Engelbert Humperdinck.
3 (2). «Separate Ways»: Elvis Presley.
4 (5). «Alive»: The Bee Gees.
5 (4). «I'd Love You To Want Me»: Lobo.
6 (6). «Sweet Surrender»: Bread.
7 (__). «I Won't Last A Day Without You»: Carpenters. 8 (8). «Dreidel»: Don McLean.
9 (7). «And You And I»: Yes.
10 (__). «Looking Through The Eyes Of Love»: Patridge Family.

ESPECTÁCULOS

SUCESSOS EM LISBOA

O «Violino no Telhado» mantem-se como constante de um espectáculo e duradoiro êxito nas tabelas do Top lisboeta. Denis Roussos com «My Reason» continua a afirmar-se como sucesso de vendas.

Também não é nada de espantar a classificação de «Montanha» de Roberto Carlos dado à popularidade que este artista brasileiro goza no nosso país.

Porém inesperadamente surgiu uma surpresa: Sérgio Godinho, com «Os Sobreviventes», ocupa (e ainda bem) a sétima posição na tabela.

1 - Violino no Telhado
2 - Montanha __ Roberto Carlos
3 - Escuchame __ Los Cuervos
4 - We Bwlieve in Tomorrow __ Freddy Breck
5 - Hello my Love __ Theo Vanes
6 - My Reason __ Denis Roussos
7 - Os Sobreviventes __ Sérgio Godinho
8 - Canoa __ Carlos do Carmo
9 - Delta Queen __ Groundfoot

"ALGO TERÁ MUDADO NO FESTIVAL DAS CANTIGAS ?"

«Este disco representa, para mim, apenas uma das mais belas canções que eu tenho feito com o Fernando, que estava pronta há muito tempo e de antemão preparada para sair agora. Portanto, só os coros é que têm a ver com o Festival. O resto não».

Começava assim uma conversa breve com Ary dos Santos. Decorria o «cocktail» oferecido pela «Tecla» para lançar um single de Fernando Tordo, o primeiro trabalho do artista para essa editora, com as canções **«Eu Não Vou Nisso»** e **«Invenção de Amor»**, ambas com poemas de Ary.

E quanto ao Festival, José Carlos?

«Quanto a mim, será uma amostra de seis poemas sérios que não são, como algumas coisas que fui obrigado a fazer para chegar, meras letras para cantigas. Para além disso, e referindo-me ao que se está a passar aqui, numa reunião de equipa como a de hoje, estarem cá para além dos valores normais da Imprensa, da Rádio e da TV, o Nuno Gomes dos Santos, como está, o Correia da Fonseca, o Manuel da Fonseca como é, o José Niza como escreve. Mais ainda: não se viam normalmente, os intérpretes das canções, juntos, sem entrarem nas guerrilhas etiqueteiras. Reuniram-se aqui com o espírito de camaradagem e de equipa que este ano o Festival tem. Alguma coisa terá mudado no festival das cantigas?».

Ary diria ainda, sobre a dupla José Calvário __ José Niza:

«Dou-lhes a maior importância. Devo dizer que, no festival, o Niza não será um adversário, mas um companheiro».

A terminar: **«Este festival, para além do grande e reconhecido talento de um Paulo de Carvalho e de uma Simone de Oliveira, pode trazer a revelação saudável de duas pessoas que não são desconhecidas mas, tão só, mal conhecidas: Fernando Tordo e Paco Bandeira».**

A figura central, a que justificava todo aquele aparato, era Fernando Tordo, que nos disse:

«Eu gostava que este festival fosse um festival de compreensão, de amor, de música. Não estou interessado em guerras».

E quanto ao disco:

«É um disco que foi gravado quase há um ano, em Madrid. Tem duas canções totalmente diferentes e é mais um momento da minha colaboração com o Ary dos Santos. O disco, em si, não tem nada a ver com o próximo festival, porque não foi feito para promoção, como se pode ver pela data em que foi gravado. É um disco consciente, como todos os que faço com o Ary».

VIOLA, VIOLINO
ADQUIRE-SE
De preferência italianos
Boa qualidade e antigos, p/ solista
G. LAYEFSKY, COURT HILL HOUSE
Letcombe Regis, Wantage
Berkshire, England

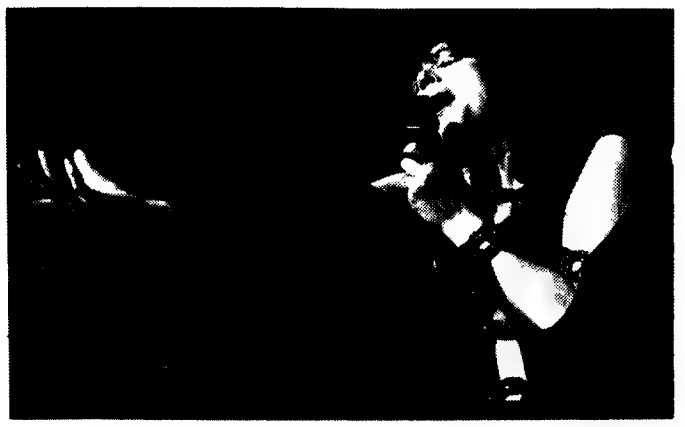
TELEVISÃO

"Domingo à noite"

UMA VOZ E DOIS BAILARINOS

Duas vozes que rimam bem, uma pandeireta e uma viola desafinada: um duo de Los Angeles que veio cá para demonstrar a diferença entre Simon e Garfunkel e eles próprios...

«Domingo à Noite» começa com «ballet», o do costume. Não sei se as meninas que o compõem se envergonharam, uma hora mais tarde, quando Jorge Trincheiras e Magda Cardoso, apesar de uma certa insegurança, dançaram no mesmo palco. E não são eles as «estrelas» do espectáculo. O programa que esta noite os telespectadores vão ver terminará com a actuação de Tereza, a jugoslava que representou a canção do seu país no último festival da Eurovisão e que Artur Pereira trouxe até Portugal.



CONCURSO: 2.ª FASE

Não sabemos quais foram os artistas apurados para a segunda fase do concurso **«Nossos Artistas, Nossas Canções»**, mas que **Paulo Jorge, Dina do Carmo,** e **Vittorio Santos** passaram à segunda eliminatória, disso temos a certeza. Essa a razão porque os vimos, na quarta-feira à noite, no Teatro Maria Matos, actuar, de seguida e pela ordem indicada, cantando, respectivamente, **«É Urgente Amar Alguém»**, **«À Beira do Cais»** e **«Mariana»**, esta última canção uma pequena traição de Vittorio Santos que, na primeira eliminatória, cantara «Angelina»...

Assim se cumpriu a primeira etapa da segunda fase do concurso. Assim se pôde constatar no que dá uma votação «popular»...

AS PIADAS

Florbela, claro. Acompanhada por **Norberto de Sousa,** por duas vezes, a primeira das quais foi logo a seguir ao concurso, ou seja, logo depois de Vittorio Santos ter acabado de dizer, muitas vezes, **«Oh, oh, Mariana, eh, eh, Mariana!»**.

«Traz alguma moeda no bolso?», começa Florbela. E, a partir daí, surgiu um «gozo» aos coleccionadores de moedas e não só...

O pior foi à segunda, quando se falou do festival da canção. Havia tanta coisa a dizer, senhores! Havia tanto a aproveitar! Porque se foi logo para aquele campo? Porque se fez uma paródia ao facto de Ary ter concorrido com X canções? Porque se falou no nome de três intérpretes, um dos quais também é compositor? Porque não se falou dos outros? E com que intenção se falou destes? Para «gozar»? Para fazer promoção? Desta maneira?

BALLET

A sério, não o outro, do que surge fatalmente em todos os programas assim a modos que como interlúdio. No palco, um «pas-de-deux» a cargo de **Jorge Trincheiras** e **Magda Cardoso.** Algumas falhas não chegam para desmerecer a actuação. Talvez que, assim, se possa fazer uma comparação entre o que se dança (?) normalmente nos «Domingos à Noite» e o que se dançou **mesmo** neste. O **«Encontro»** dançado por Magda e Trincheiras, para quem tiver os olhos abertos, não tem nada que ver com aquele arremedo tirado do **«Weste Side Story»** dançado pelo «ballet» do costume.

MÚSICA

Chamam-se, segundo Eládio Clímaco, **Patrick,** tanto um como outro dos elementos do duo inglês que actuou neste programa. Eles até nem cantam mal. Para já, as vozes rimam muito bem uma com a outra. Mas tocar com aquela viola tão desafinada é que não pode ser! Terá sido assim que eles actuaram para os soldados do Ultramar? Será assim que eles actuam em Los Angeles, de onde são naturais?

Veio, depois, **Paula Ribas.** Recém-chegada do Brasil, ela começou por cantar **«Something»**, de **George Harrison** e, depois, uma canção em que dizia: **«Nada mais existe neste mundo para mim/que a tristeza do meu coração/Não basta dizer, para qualquer entender, como é triste esta tristeza de viver...»** etc. Ribas acabaria a actuação com uma canção inglesa **(«My Way»)**, depois de ter cantado uma canção brasileira. Portanto, no final, Inglaterra 2, Comunidade luso-brasileira, 2.

TEREZA

Depois do intervalo, o «ballet» a sério, ao qual se seguiu a exibição de um ilusionista português que demonstrou ser um bom manipulador. Não devia ter falado, mas... esqueçamos isso. Seguiram-se as piadas ao festival da canção. Que não concorreram a nenhum festival de humor. Perdiam, com certeza.

Foi então, que surgiu **Tereza**, a voz de Tereza, a presença de uma senhora que sabe cantar, como já o demonstrara no Festival da Eurovisão do ano passado. Tereza, premiada em «Split» e no México, convidade, agora, epla RTP para o final de «Domingo à Noite», entrevistada por Eládio Clímaco assim:

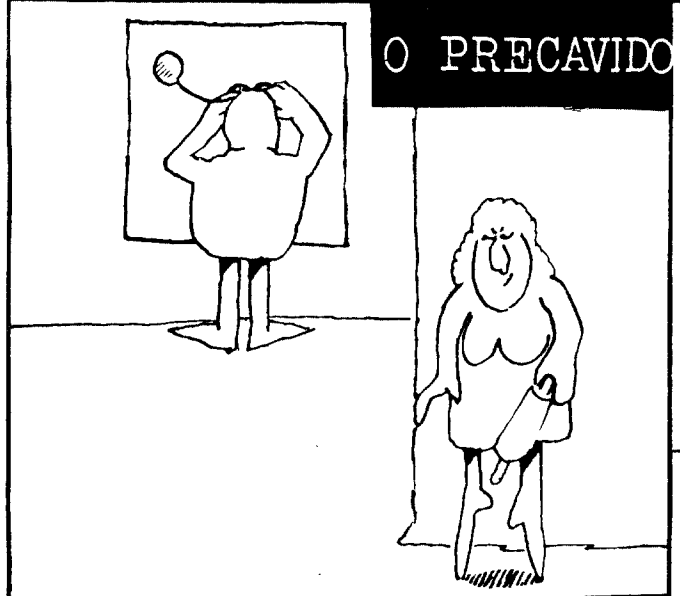
– **«Como você não fala português, nem eu falo jugoslavo, você vai cantar e eu vou ouvir».**

Tereza cantou cinco canções em francês e uma em italiano.

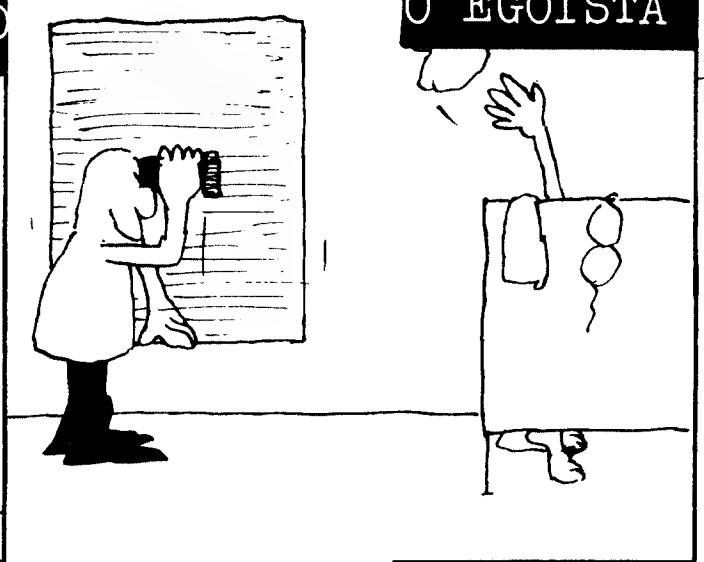
NUNO GOMES DOS SANTOS

OS BINÓCULOS por TOPIN

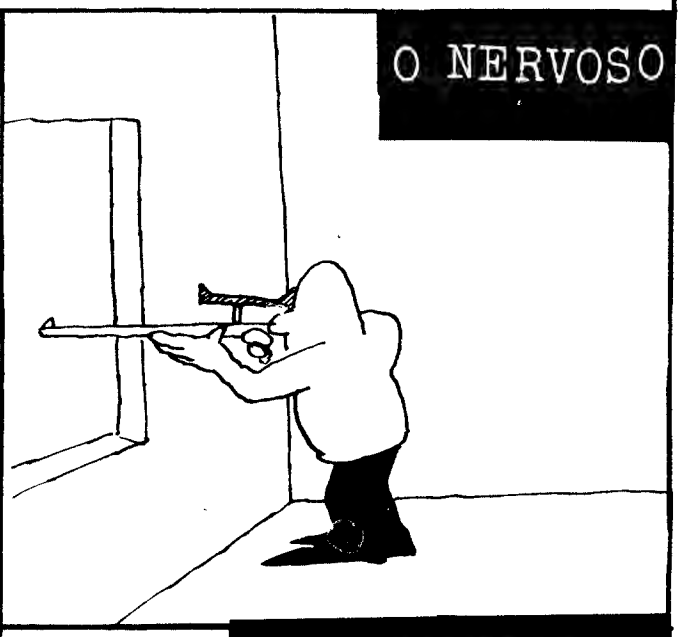
O PRECAVIDO



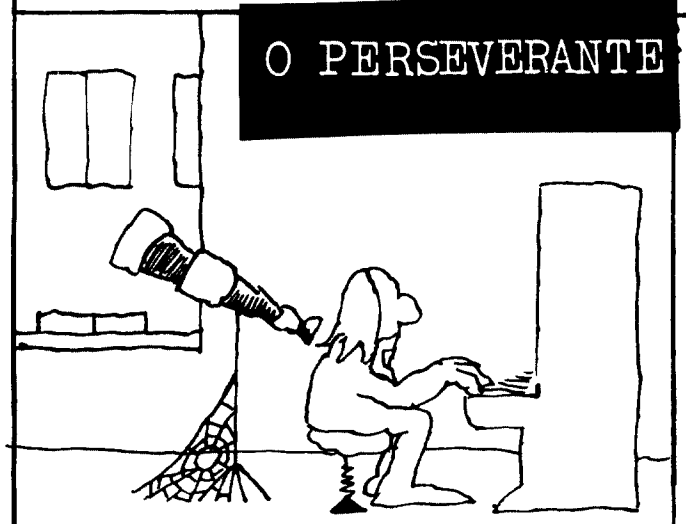
O EGOISTA



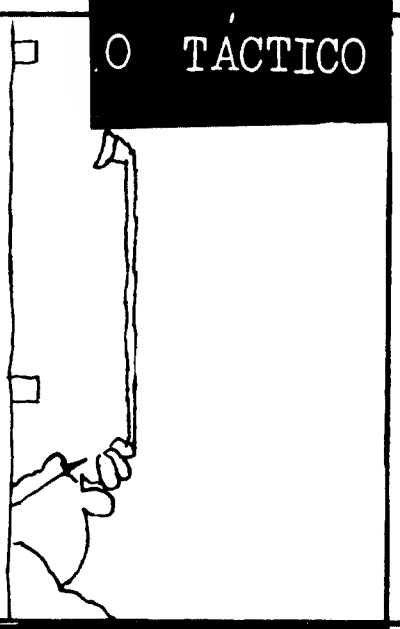
O NERVOSO



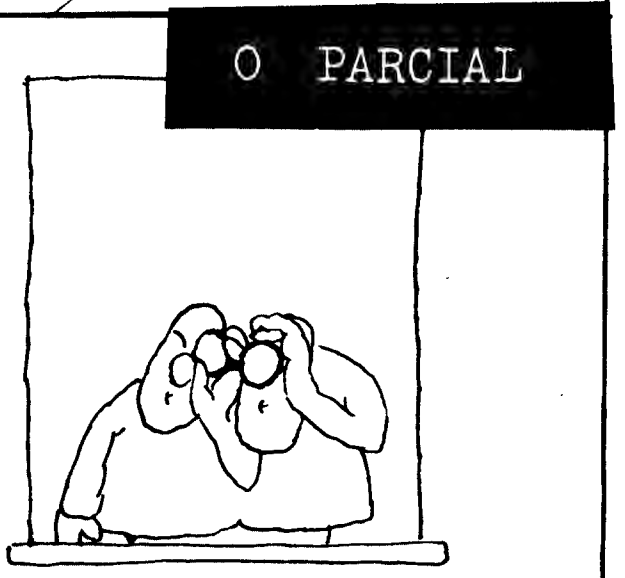
O PERSEVERANTE



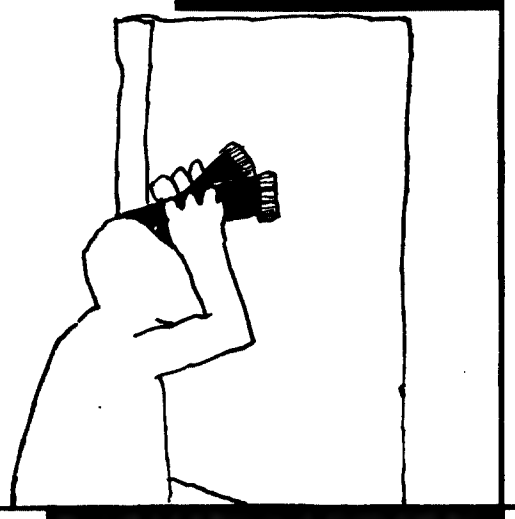
O TÁCTICO



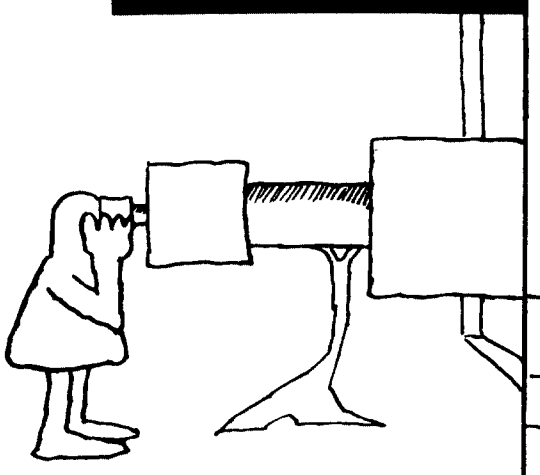
O PARCIAL



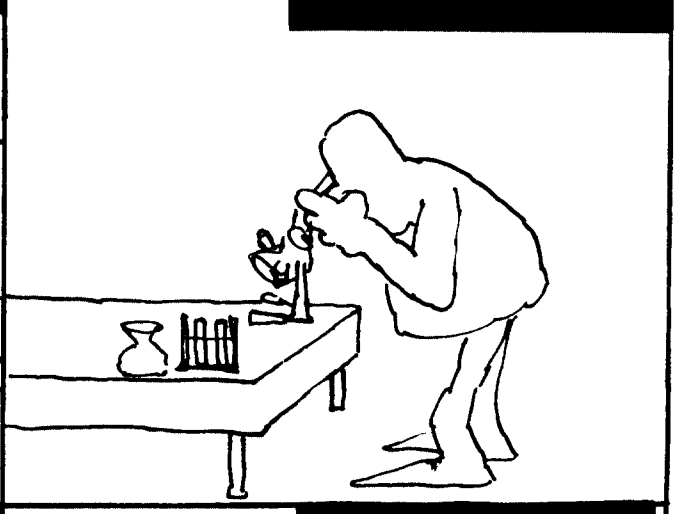
O IMPACIENTE



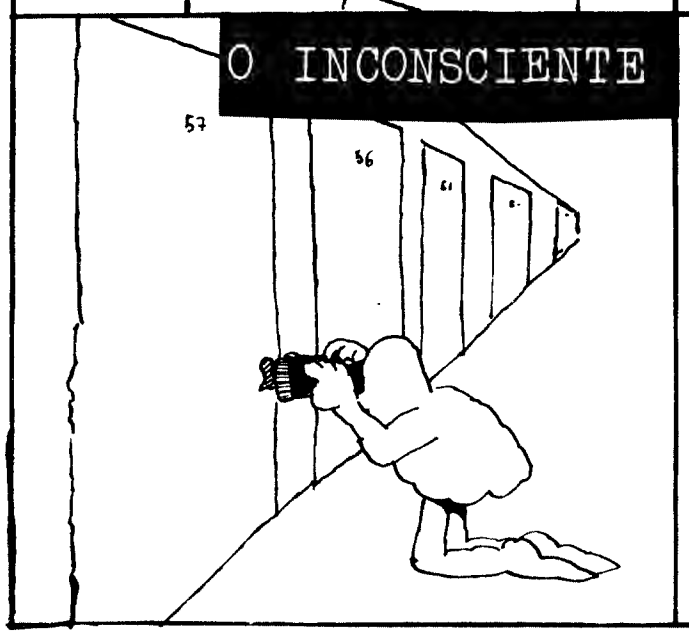
O LUNÁTICO



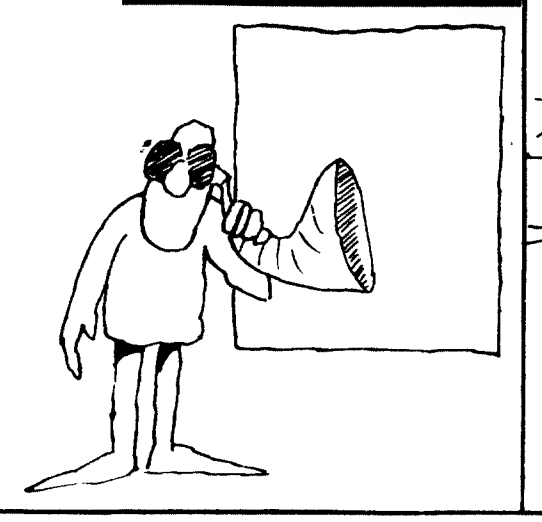
O METICULOSO



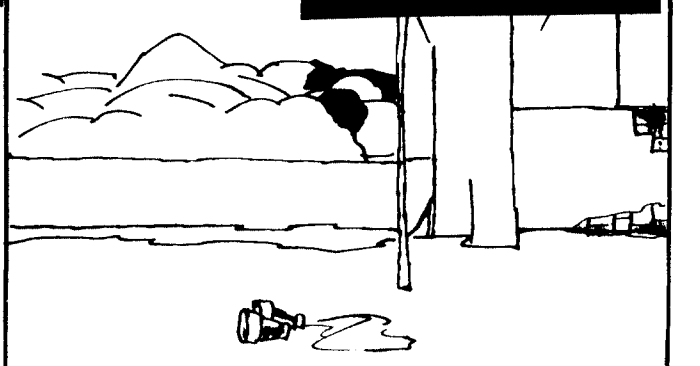
O INCONSCIENTE



O CONFORMISTA



O INUTIL



O CAMPEONATO AO QUILÓMETRO VINTE

Ao marco número 20 (dos 30 a percorrer) há gente na berma da estrada (desfalecida e sem folego para continuar) há os que se arrastam (trôpegos) apenas porque o calendário semanal lhes marca um passo em cada domingo e há (finalmente) os poucos para quem o caminho (continua a ser ladeado de verdes áleas de esperança e a quem sorriem as honrarias próprias dos bem sucedidos.

Comecemos por falar destes últimos. Chamam-se Benfica, Belenenses, Boavista e Leixões. Os campeões nacionais colhem os frutos do investimento passado, junto à sorte de possuirem nas suas fileiras craques do melhor que há por aí, no mundo da bola. O passeio tem sido por demais senhorial para se apontarem restrições. Para além de duas outras vitórias apertadas (lembramo-nos do Barreiro, com a Cuf, da Luz, com o F. C. do Porto e do Bonfim, com o Vitória) impressiona o «palmarés» dos novos e antecipados campeões: 20 jogos, 20 vitórias, 68 golos marcados, 10 sofridos. Média de 3,4-0,3: o que impressiona e promete continuação.

O Belenenses, por seu lado, constitui a sensação da última meia dúzia de campeonatos. Bom, bom (no Belenenses) era falar das glórias passadas. Os que resistiam e se mantinham fiéis faziam da frustração presente o seu pão quotidiano, enquanto recordavam (saudosos e tristes) os bons tempos de Artur Quaresma, Capela, Vasco, Feliciano, Eloi, José Pedro, Amaro, Rafael e outros mais.

Pois chegou um argentino tranquilo, velho e sabido, com alguns cinquenta anos de bola em cima do corpo, com os sapatos manchados pela poeira dos mil caminhos do mundo. Viu, olhou e pediu três reforços. Houve quem risse, houve quem gozasse. Mas o argentino tranquilo (que só recebeu duas das três pedras indicadas como reforço do «team» azul trabalhou, ensaiou e insistiu: e lá vai, hoje, um segundo lugar indestrutível. A 10 pontos do guia (é certo) mas a meia dúzia de avanço em relação aos que lhe almejam a posição.

Caso curioso e que mostra até que ponto é inconstante a bola de futebol: o mesmo Scopelli esteve no Restelo há uns anos, como treinador na fase de penumbra do Belenenses e, como todos os demais sucessores de então, não conseguiu fazer brilhar o sol. Agora foi chegar, ver e vencer.

Descendo na classificação, topamos entre os «iliminados» das 20 primeiras jornadas um Boavista de orientação moderna, empresarial (na medida em que isso pode suceder no futebol português de especulação e inflação) e de comando técnico perfeito. Nas mãos de um brasileiro chamado Aimoré Moreira, os Mouras, os Salvadores e os Moinhos ameaçam tornar-se em vedetas como nem sonhaam! E o «team» das camisolas xadrez lá vai: agora em quinto, mas ainda assim magnífico. É um dos grupos sobre que recai a expectativa: nos últimos jogos (porém) a sua estrela tem súbitaente deixando de brilhar e nunca se sabe o que pode acontecer até final.

Por fim, e deste grupo de felizes da vida, resta o Leixões. A lição dada por António Teixeira aos que em Assembleia Geral lhe queriam proibir (definitivamente) possíveis e futuros ingressos no clube, tem sido excelente. Faz lembrar a passagem do mesmo Teixeira, há uns anos atrás, pelo comando dos bebés» de Matosinhos. Sóbrio, eficiente e com a equipa a ganhar pontos: ainda que ninguém dê por ela nem os lances da escada estejam a ser trepados com demasiada celeridade. Parabéns.

UM QUARTETO DESTRUÍDO

Em oposição a este quarteto de glória, arrasta-se pelos caminhos do Nacional de futebol um quarteto de desilusões e frustração. Formam-no Sporting, F. C. do Porto, Farense e Atlético.

O Sporting reunia todas as condições para o êxito, quando no final da época transacta Mário Lino recuperou moralmente a equipa e, por trabalho honesto, lhe deu uma plataforma de base magnífica para o salto derradeiro. A «Taça Independência» conferiu personalidade e prestigio internacionais a três dos seus avançados: Peres, Dinis e Chico. Com Yazalde completamente «au point» e já integrado no ambiente, com as aquisições de um sensacional Fraguito e de um excelente Alhinho, só faltava um treinador. E veio exactamente o que a massa associativa, até por pressões de certo Imprensa, mais desejada. Veio Allen, inglês de formação, com um nome feito no futebol e com a vantagem de falar espanhol e poder ser compreendido pelos portugueses.

Mas, começou tudo a desmanchar-se no dia em que Peres não assinou, Dinis retardou o começo dos treinos (a Direcção teve aqui as suas culpas e as suas razões) e Allen mostrou não ser capaz de (ou não querer) adaptar-se aos jogadores que tinha e ao futebol do país onde trabalhava. Tentando jogar «à inglesa», faltavam-lhe unidades fundamentais: como sejam um bom cabeceador e homens fortes na área. Para cúmulo, não aparecia a cabeça e o pé esquerdo de Peres, muito capaz de implantar na equipa um estilo diferente: contrário (talvez) aos conselhos do treinador, mas mais raciocinado e mais positivo para o meio. Chico não entrou a tempo na equipa: e antes ainda de o fazer já tinha sido castigado. Dinis chega ao campo à primeira ou segunda tentativa e vai igualmente para a rua. A derrocada na «Taça UEFA» apressou o fim, arrastando a Direcção que vai ser rendida.

É um ciclo que se fecha. Há a possibilidade de construir tudo de novo: nada mais.

A vantagem de Allen foi destruir muita coisa que estava errada. Contudo, atrás foi parte do edifício que era aproveitável. No futuro, os «leões» terão de viver com os recursos que restam en casa: sem megalomanias, mas com um mais sábio, racional e equilibrado aproveitamento das potencialidades existentes.

No Futebol Clube do Porto, continuou-se em maré baixa, seguindo a desilusão de épocas anteriores. Com um bom técnico (mas de formação defensiva) E alguns extraordinários jogadores, torna-se difícil saber as razões do fracasso. Por nos (e à distância) também não temos veleidades de saber. Mas o desequilibrio de valores, entre o excelente e o péssimo, na média de 50 por 50, não explicará alguma coisa?

Quanto ao Farense, alinhamo-lo no grupo apenas porque se reforçou e em épocas anteriores Manuel Oliveira tinha conseguido equilibrar o barco. Parecia o ano do trampolim para novo pulo, assim um meio da tabela relativamente descansado. Mas, não: o Farense continua lá por baixo, a dois pontos de um trio que tem a corda na garganta.

E o Atlético? Nada a fazer com o lote actual de jogadores. O desastre teria sido maior não viessem, já com a caravana em movimento, dois brasileiros sofríveis e o categorizado Zeca. Porém, não deu para aguentar. Quando muito, para discutir alguns jogos.

Pena foi que o grupo de Ted Smith fracassasse por onde menos se esperava, o guarda-redes Gaspar. Oxalá o insucesso desta temporada não faça desistir o jogador.

Peres: a saudade de um campeonato triste.

RESSAIBOS DE INSATISFAÇÃO E LUTA FIRME ATÉ AO FIM

No grupo dos restantes oito, alinha-se um quarteto com ressaibos de insatisfação e outro quarteto que promete luta rija até ao fim. No primeiro, vai a carruagem dos dois Vitórias, o União de Tomar e a CUF. O Vitória de Setúbal sofreu uma transformação quase total no seu futebol, com a saída de Matine. Enquanto se ajustaram agulhas e se mudou de plano de jogo, nem tudo correu bem. Depois, as preocupações da prova europeia em que participa fizeram o resto. Hoje, Pedroto e os seus pupilos tentam não perder de vista o quarto posto que, segundo a lógica, deve dar para um lugar na carruagem europeias e aplicarem-se a fundo na «Taça UEFA». Quem sabe mesmo se para a discutir até à final.

O Vitória de Guimarães pratica bom futebol, alcança uns empates fora (interessantes) mas queda-se por aí quando se esperava um pouco mais. A CUF já fez melhor em temporadas anteriores. O União de Tomar tem problemas de quantidade e qualidade de jogadores, que nem a mais perfeita moralização (por António Medeiros) consegue suprir.

Por fim, o grupo dos batalhadores. Até ao fim, prometem luta implacável: Montijo (sob as ordens de um conceituado professor de educação física e homem de futebol: Rui Silva União de Coimbra fazendo das tripas coração. Barreirense dos dos homens duros e Beira-Mar dos brasileiros razoáveis mas pouco aguerridos.

Sabem o que mais surpreendeu em todo o campeonato? A escassez de «chicotadas psicológicas». Só uma (em Aveiro) e sem grandes resultados. Será que (finalmente) começa a haver um pouco de bom senso e economia no futebol?

Outro apontamento a desenvolver futuramente e a confirmar: não terá o aumento de 14 para 16 clubes sido grandemente responsável pelo desnível entre uma minoria e as outras e pelo recurso sistemático a jogadores brasileiros? E que a mão-de-obra nacional qualificada é ilimitada e só a apanham os grandes. Aos outros, resta esta insofrida luta do dia-a-dia. E nada mais.

Enquanto Eusébio e seus pares passam o campeonato a ferro, no banco (caríssimo) dos suplentes há tempo para a reinação.

Eles aí vão, a caminho do golo.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Dias MUCIFAL COLARES

Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Leiria

No dia 6 do corrente, pelas 21 horas, realiza-se no Sindicato uma reunião geral de sócios e contribuintes, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Novos horários para o Comércio?
2. Legislação
3. Informações

DESPORTO

VEM AÍ O HÓQUEI EM PATINS

Terminada a aventura da Corunha, perdidas as esperanças da reconquista do título mundial, achado um novo campeão nacional, uma nova época de hóquei em patins vai começar: dez equipas prepararam-se para disputar o tradicional «Torneio de Abertura», que serve de «rodagem» para o metropolitano.

Esta temporada, para além das presenças crónicas do Benfica e do Sporting, estarão presentes neste torneio as turmas do hóquei de Sintra (cujo regresso ao convívio dos grandes, saudamos vivamente), do Oeiras, do Campo de Ourique, do Paço de Arcos, do Estremoz, do Cascais, do Desportivo da Cuf e do Parede, cada qual esperançada num ano cheio de triunfos, cada uma desejosa de vir a provocar sensação no conjunto dos resultados.

Para já, o favoritismo maior terá de ir para a formação da Luz: não apenas porque são donos do título de campeão nacional, mas também porque continua a poder contar o melhor lote de jogadores, de onde sobressai o nome de Livramento esse mago da modalidade que encanta ver jogar. Depois, na linha dos favoritos, surge-nos o Sporting, orientado por homem que sabe de hóquei em patins e lhe conhece todos os segredos.

Benfica e Sporting não adormeceram à sombra das magníficas exibições da época anterior: se bem que a turma leonina tenha claudicado na fase final do campeonato Nacional, não se poderá esquecer a magnífica réplica que deu ao Benfica nos jogos em que se encontraram, nem se poderá ignorar o salto enorme que ofereceu, na comparação com as épocas anteriores.

O Benfica, não obstante continuar a contar com um conjunto bem homogéneo, cinco jogadores que se «conhecem» há já muitos anos, cuidou de arranjar suplentes à altura dos efectivos: assim, garantiu a colaboração de quatro jogadores (Almaça, vindo do Desportivo da Cuf; Rolo, do Campo de Ourique e, principalmente, Virgílio e Manuel Pereira, da Juventude Salesiana), que reforçam o «banco» e darão mais tranquilidade ao seu técnico.

O Sporting obteve o concurso de alguns nomes já grandes no nosso mundo do hóquei em patins: Quim (do Campo de Ourique) e o «Internacional» Salema (Oeiras) virão emprestar à turma a força e a determinação que, porventura, lhe faltavam. A saída de vários elementos (de entre os quais o «internacional» Reis) terá sido recompensada com certa vantagem.

Das outras equipas, espera-se o melhor e o pior: sabe-se que qualquer delas tem vindo a trabalhar com entusiasmo mas só depois das primeiras jornadas do «Torneio de Abertura» de poderá aquilatar das possibilidades de cada turma. Entretanto, aqui fica a relação dos elementos com que cada formação conta para esta temporada.

BENFICA (TREINADO POR VIRGILIO DOMINGOS)

José Pedro, Ramalhete, Vitor de Sousa, António Garrancho, Fernandes Rosa, Carlos Garrancho, António Ferreira, Livramento, Jorge Vicente, António Rodrigues, Aníbal Rosa, Fausto e Casimiro.

Transferências: Almaça (CUF), Rolo (Campo Ourique), Manuel Pereira e José Virgílio (Juventude Salesiana).

Foram promovidos: Albino, Vasques e Choringas.

SPORTING (TREINADO POR TORCATO FERREIRA)

Vitor Ferreira, Carmelino, Valdemar, Geraldo, Vaz Guedes, Paulo, Rendeiro, Américo Sollipa, «Chana», Loureiro, António da Ponte e Manuel da Ponte.

Transferiu-se para oa «Leões»: «Quim (Campo Ourique), Salema (Oeiras), Azevedo (Espinho), Bravo (Juventude Salesiana), José Manuel (Ponta Delgada), Diogo (D. Bosco) e Ricardo (Campo de Ourique).

Sairam do clube: Luis Barata, Eugénio Reis e Amadeu Muge (que deixaram de jogar), Alfredo e Teixeira em serviço militar no Ultramar) Adriano (Académica da Amadora), Vitor Marques (Futebol Benfica), Bernardino e Barreiros (Campo de Ourique).

HÓQUEI DE SINTRA (TREINADO POR FRANCISCO MARQUES)

Avelino Melo, Vitor Santos, Carlos Nascimento, Carlos Saraiva, António Parracho, Amadeu Brandão, Carlos Alberto, José Parracho, João Garcia, Vitor Figueiredo, Mário Moreira e Rui Lucas.

Recebeu um reforço: Jaime Cardoso que veio do Benfica.

Foram promovidos: Damasceno, António Eurilio, José Segreri, José Coelho e Daniel Neves.

ASS. DESPORTIVA DE OEIRAS (TREINADA POR JOSÉ LISBOA

José Manuel, Cristóvão, Rosado Carvalho, Ricardo, Nunes, João Henrique, Manuel Henrique e Camacho.

Cedeu Salema ao Sporting, mas recebeu o concurso de Piteira.

CAMPO DE OURIQUE (TREINADO POR VITOR BARRETO)

Conta, de momento, apenas com 6 jogadores: Luis Alves, Lupi, Júlio, Catarina, Pires e Barata.

PAÇO DE ARCOS (TREINADO POR JOAQUIM RELVAS)

Elias, Alfredo, Rafael, Abreu, Rui Correia dos Santos, Almeida, Lourenço, Moura, Bravo, Valentim, Carlos Alberto, Nortadas, José Rosa Soares e António Rosa Soares.

Foi promovido a sénior o jogador Carlos Alves.

ESTREMOZ (TREINADO POR JOÃO CASCAIS)

Emanuel Candeias, José Ferreira, Sousa, Serra, Chourimo, Calado, Banha, Gonçalves, António Pedro e João Cascais.

Recebeu o concurso de Serra e Banha.

CASCAIS (TREINADO POR CIPRIANO SANTOS)

Luis Barros, José Pedro, Quim, Abílio, Cunha e José Carlos.

FINALMENTE; O PAREDE (TREINADO POR AUGUSTO NOGUEIRA)

António, Vitor Branco, Leitão, Amilcar e Barão. Transferiu-se para o clube o jogador Espadinha, que era da Salesiana e foi promovido José Carlos.

Estas, as «armas» com que contam os dez clubes que dentro de dias iniciam mais uma época de hóquei em patins, na zona Sul: porque no Norte as equipas também estão a trabalhar em força, para que o «metropolitano» deste ano seja rijamente disputado.

Recebeu o concurso de António José, vindo do Benfica.

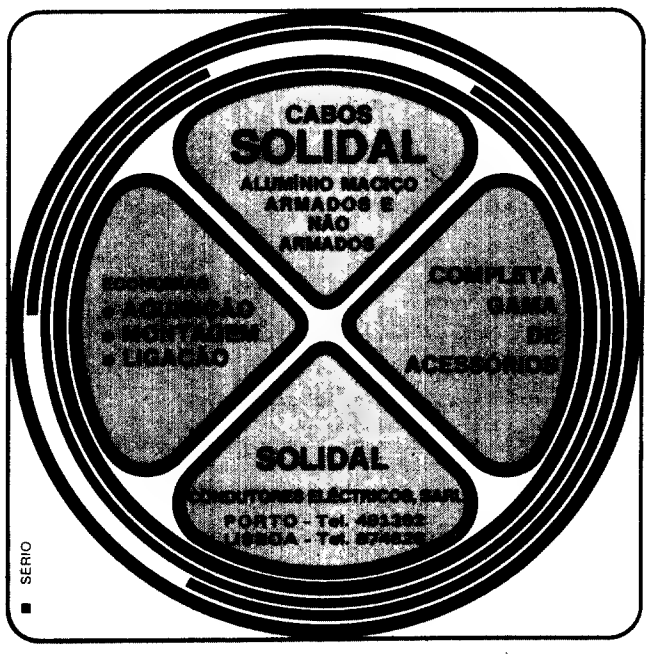
DESPORTIVO DA CUF (TREINADO POR JOSÉ ANTÓNIO)

Vitor Domingos, José Marques, José Carlos, Salustiano, Almeida, Leonel, Artur e Luís.

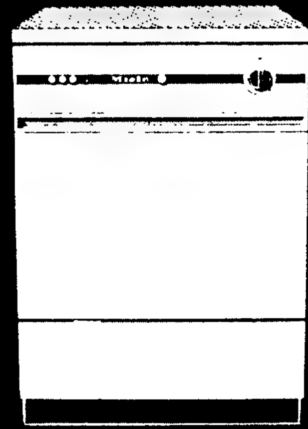
Reforço: Agostinho Alexandre (Parede).

Foram promovidos: Fausto, Oriando, Barreto, Morgado e Rinito.

Livramento e Rendeiro: o eterno Benfica-Sporting.



Máquina de lavar louça G 220 UNIBODY



"Unibody" — um novo sistema de fabrico da MIELE! Maior resistência, menos espaço, melhor isolamento térmico, mais silencioso e naturalmente máxima capacidade de lavagem.

Miele

Agente Oficial:

A. Oliveira

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 91-A
Telef.: 538323-536308-530838
Filial: Rua Angelina Vidal, 63-65 — LISBOA

GRANDIOSOS SALDOS

CARPETES desde 345$00, todas as larguras até 3×4 m — TAPETES, PASSADEIRAS, até 1 m de largura. TERYLENES, com larguras de 1,50 m a 3 m, desde 10$00 — CRETONES, CHINTZ, CETINETAS, suíços e ingleses, RETALHOS para sanefas e ALMOFADAS, desde 5$00. VELUDOS, ALGODÃO, ACRÍLICOS ADAMASCADOS, desde 60$00. REPS, GORGORÕES, SEDAS, tudo a preços incríveis

RAUL NETO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18, 2.º (c/ elevador)
(esqu na da Rua da Prata)

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLINICA —
CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficarà a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERIODO DE 4 A 10 DE FEVEREIRO

horōscopo

pelo astrologo HORUS

ARIES

(De 21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: No plano sentimental ponha em prática os projectos que há já algum tempo vem acariciando. Em meados da semana é possível que surja um problema respeitante a interesses de família.

DINHEIRO: Benéfico para conseguir boas realizações financeiras. As suas possibilidades estão grandemente favorecidas, o que lhe permite melhorar a sua situação económica, mas proceda de acordo com as suas possibilidades.

PROFISSÃO: Propício a todas as iniciativas de carácter puramente pessoal, qualquer que seja a natureza do seu trabalho. Novas propostas lhe serão feitas, estude-as convenientemente.

SAUDE: E chegado o momento de tomar as devidas precauções com a constipação que já vem rondando há algum tempo. O desprezo não é a medida mais adequada... Atenção, portanto!

TAURUS

(De 21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Os aborrecimentos e contrariedades de que vem sofrendo, ligados: à sua vida sentimental estão em vias de solução favorável. Não desespere e aguarde com calma os acontecimentos.

DINHEIRO: Há necessidade de um maior esforço se quiser melhorar as suas condições financeiras. Nesta data cuidado com as despesas supérfluas, lembre-se que se aproximam despesas inadiáveis ligadas à sua vida doméstica.

PROFISSÃO: Encontrará no actual período grandes facilidades para resolver e desenvolver todos os problemas inerentes ao seu trabalho. A semana é indicada para fazer solicitações.

SAUDE: O seu estado orgânico será equilibrado, mas não ponha de parte o regime anteriormente adoptado.

GEMINI

(De 22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Período favorável ao amor e às amizades novas. Aproveite o ensejo para solucionar com êxito, os seus problemas sentimentais e familiares, pois a semana é propícia a acordos, á concórdia e ao bem-estar amoroso.

DINHEIRO: Controle o melhor possível o seu orçamento, porque nesta altura, o seu esforço será de poucos resultados.

PROFISSÃO: Entregue-se as suas iniciativas presentes, dê-lhes maior desenvolvimento, mas não tome novas responsabilidades.

SAUDE: No capítulo da saúde não há a recear perturbações de gravidade, apenas algum nervosismo poderá atacar-vos.

CANCER

(de 22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Dedique-se exclusivamente ao lar e à família. O acaso proporcionar-lhe-à a boa harmonia com amigos que muito representarão para si.

DINHEIRO: Se usar de persistência conseguirá alguns benefícios. Não serão consideráveis, mas contente-se, por agora, com o que o destino lhe oferece.

PROFISSÃO: Tente progredir no seu trabalho, pois a sua influência astral ajudá-lo-à. A boa inspiração de que se sentirá possuidor fará com que seja basttante favorecido.

SAUDE: O aspecto físico é de carácter benigno; contudo, não é indicado fazer qualquer excesso.

LEO

(De 23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: As amizades contraídas durante este período não lhe darão as satisfações desejadas. Se está em vias de mudar de residência, esta é a altura de o fazer. E de toda a conveniência e interesse não entrar em discordância com os seus familiares.

DINHEIRO: Os resultados não são satisfatórios em matéria de finanças. Não atribua a outros as causas dos seus gastos impensados.

PROFISSÃO: No domínio profissional, o seu rendimento de trabalho será, entretanto, afectado por uma circunstância inesperada, ante a qual deve usar de perspicácia e bom-senso, a fim de não comprometer as suas aspirações de ordem material.

SAUDE: Melhorará progressivamente dos seus males. Os que sofrem de coração observarão uma certa melhoria e bem-estar.

VIRGO

(De 23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Os assuntos do coração estão muito favorecidos durante a semana. Aproveite o ensejo para demonstrar os seus sentimentos e fazer declarações séries e honestas. Os seus casos íntimos poderão ser resolvidos agora favoràvelmente.

DINHEIRO: A sua posição em referência a finanças está igualmente favorecida, por essa razão, não será necessário desenvolver uma grande actividade para obter o razoável. Período susceptível à realização de pequenas esperanças.

PROFISSÃO: A sua posição profissional e os seus afazeres caminharão lentamente mas com uma certa segurança. As viagens profissionais permitir-lhe-ão alguns resultados interessantes. Mas, acautelai-vos, um dissabor espreita-vos.

SAUDE: A disposição será excelente, e o seu estado de saúde, tánto quanto possível, será bom.

LIBRA

(De 23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Tendência a descuidar um pouco a sua vida sentimental, familiar e os seus assuntos privados em favor de assuntos materiais. As suas preocupações durante a semana tomam a direcção do materialismo. Esta disposição, no entanto, não afectará a harmonia.

DINHEIRO: Não alimente grandes esperanças com referência a dinheiros durante este período. Porém, deve mostrar-se prudente e sagaz, se quizer evitar dissabores.

PROFISSÃO: Concentre-se no seu trabalho e tenha muito cuidado nos assuntos que tratar e nas transacções que efectuar. Se agir de ânimo leve poderá experimentar grandes dificuldades, pois a desorientação trar-lhe-à consequências desagradáveis.

SAUDE: Vigie convenientemente a saúde, e me caso de anormalidade não descure os cuidados a tomar em relação à mesma.

SCORPIUS

(De 23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Os seus interesses sentimentais estão desfavorecidos. Este aspecto fàcilmente lhe criará desavenças e consequentemente, um clima de infortúnio. Cuidado com devaneios românticos.

DINHEIRO: A actividade financeira não lhe dará resultados compensadores em relação ao esforço dispendido. Conforme-se e não desespere, porque melhores dias virão.

PROFISSÃO: Período de grande actividade; porém, de pouco resultado. Embaraços e dissabores na vida profissional. Dê ouvidos aos conselhos amigos de superiores ou de pessoas idóneas.

SAUDE: Siga um regime bastante racional, a fim de eliminar a possibilidade de más indisposições orgânicas.

SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: As amizades contraídas nesta ocasião são boas, duradoiras e úteis. Boas harmonias no círculo familiar e amoroso. Período de alegrias e bom humor em todas as suas relações e contactos.

DINHEIRO: Explore eficazmente as facilidades que encontrar e verá que os seus rendimentos serão mais prósperos.

PROFISSÃO: Esta semana ser-lhe-à muito proveitosa. Não se deixe levar pela inércia, mesmo se depende de si, porque terá boas oportunidades de obter sucessos dentro da sua actividade, especialmente, se actuar de acordo com o seu pensamento.

SAUDE: Viverá um período auspicioso em relação à saúde. Quadra indicada aos bons e rápidos restabelecimentos.

CAPRICORNIUS

(De 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: O aspecto amoroso no decurso desta semana goza de boas influências, boa oportunidade, por quanto pode dar efectivação aos seus ideais.

DINHEIRO: Os assuntos relativos a dinheiro estão favorecidos, necessitando no entanto, de se aplicar afincadamente para conseguir merecer os resultados.

PROFISSÃO: Toda a actividade profissional decorrerá num clima benéfico. Período propício para fazer viagens ligadas com as suas ocupações.

SAUDE: E quase normal, tirando a possibilidade de pequenas indisposições de carácter passageiro.

AQUARIUS

(De 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Período desfavorável e em que deve redobrar de atenção no seu ambiente familiar ou amoroso, pois qualquer desavença que surgir nesta ocasião, pode ser em parte provocada por ditos e mexericos, provenientes de pessoas alheias à sua família, mas que habitualmente se costuma entregar a essa actividade.

DINHEIRO: Neste campo terá alguns rivais, que além de serem bastante perigosos usarão também de velhacaria. Evite as despesas desnecessárias mesmo que os amigos e colegas vos critiquem.

PROFISSÃO: O rendimento da sua actividade profissional será bastante fraco. Não tome novos compromissos, pois nesta altura dificilmente daria boa conta deles.

SAUDE: Alguns momentos de neurastenia serão a causa de indisposições de saúde.

PISCIS

(De 20 de Fevereiro a 20 de Março)

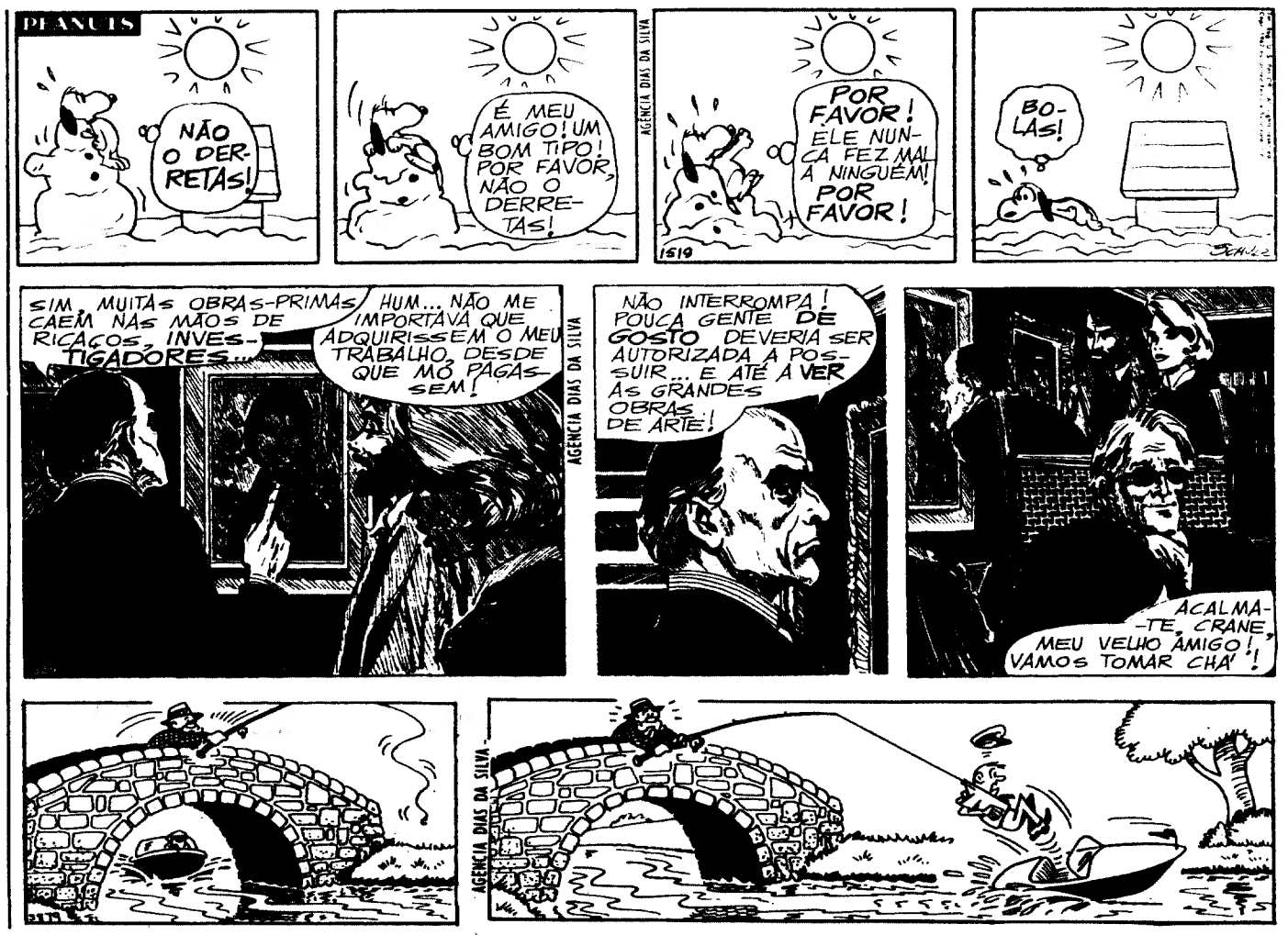
AMOR: Boas perspectivas sentimentais para esta semana. Momento excelente para firmar acordos amorosos. Haverá harmonia nas suas relações e boa compreensão e felicidade entre a família.

DINHEIRO: Os lucros durante este espaço de tempo estão muito favorecidos, e as protecções serão maiores do que as do costume.

PROFISSÃO: Altura em que pode progredir eficazmente na sua actividade profissional. Os empreendimentos terão sucesso. Note que é o momento propício para agir e tomar compromissos. O seu temperamento irrequieto terá o ensejo de ser satisfeito.

SAUDE: Passará por um período auspicioso. Os nativos desta influência zodiacal obterão sensíveis melhoras nos seus males.

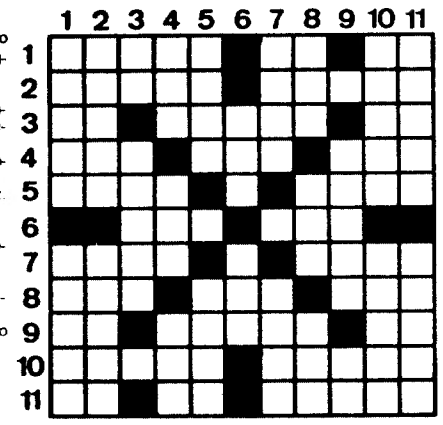
Laura Antonelli e Elsa Martinelli são duas das actrizes que recentemente receberam cartas-armadilha. Em ambos os casos o engenho deflagrou sem prejuízo para as destinatárias. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL).



PALAVRAS ENTRELAÇADAS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10331



HORIZONTAIS:

1 Cessas. Antes de Cristo Preposição latina que designa movimento.
2 Oráculo. Argila.
3 Abreviatura da palavra inglesa *mister* (senhor). Fizera subir. Preposição.
4 Bondosa. Cidade da Finlândia. Caminhar para cá.
5 Antiga moeda de Ormuz. Morada.
6 Criminoso. Colocou
7 Maciço montanhoso da Roménia. Negra.
8 Rato. Jibóia. Suspiros.
9 Oferece (Inv.º). Desconfiara. Manuscrito.
10 Extrair. Fatigado. Tempo do verbo ir. Impressão (pop.).

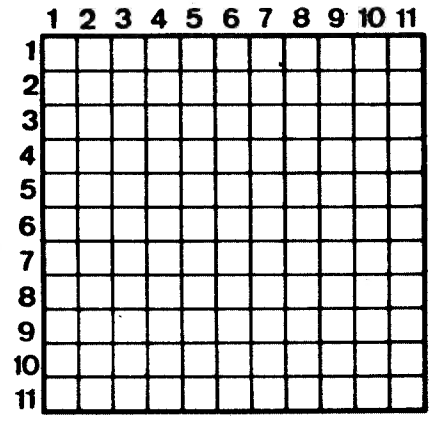
VERTICAIS:

1 Pessoa bondosa (fig.). Ardor.
2 Planta gramínea cultivada nos terrenos pantanosos. Cobres de iodo.
3 Nome que os egípcios davam ao Sol. Irmão de Moisés.
4 Nome de letra. Raer. Desaba.
5 Planta do pé. Criança francesa célebre pelo seu heroísmo
6 Tecido grosseiro de lã. Estou.
7 Descerro. Prendem.
8 Designação genérica das plantas herbáceas. Filtra. Argola.
9 Ampla. Post scriptum.
10 Manhas. Montões.
11 Magoara. Esmonca.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6487



HORIZONTAIS:

1 Ave galinácea de África. Tarimbas.
2 zcidade da Argélia. Ócio.
3 Em as. Animar.
4 Estrépito de desmoronamento. Serra de Portugal. Muito.
5 Estacionar. Igual.
6 Rompe. Retoca.
7 Terceiro. Que goza de boa saúde.
8 Artigo definido. Rio de Portugal. Artigo definido (ant.).
9 Redimis. Prefixo que se signa três.
10 Branda. Irmão de Abel.
11 Vencem (fig.). Grande beberrão (pop.).

VERTICAIS:

1 Distinções.
2 O mesmo que airo. Suspiros. Nota musical.
3 Contracção da preposição em com artigo definido. Letra grega. Chefe etíope.
4 Medida de líquidos japonesa. Página (abrev.). Erra.
5 Encaras. Pronome pessoal.
6 Casa de campo. Transfere para outro dia.
7 Colegas.
8 Escrava egípcia de Abraão. Coisa muito ténue. Cobalto)s. q.).
9 Oceano. Piedosa. Região árida do noroeste da Índia.
10 Atmosfera. Ilha inglesa do mar da Irlanda. A Irlanda.
11 Região da barriga da perna. Fruto da limeira.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10330

HORIZONTAIS:

1 QUEM. Mega.
2 Uru. Meã. Mar.
3 An. Posta. Bo.
4 Sãs. Ita. Cãs.
5 Obreiro.
6 Saio. Sila.
7 Cera. Ohre.
8 Ema. ONU. Eis.
9 Re. Ar. Ra. SS.
10 Cisco. Beiça.
11 Aarau. Erros.

VERTICAIS:

1 Quase. Cerca.
2 Urna SEMEIA.
3 Eu. Soara. Sr.
4 Biá. Aça.
5 Moiro Orou.
6 Leste. Rn.
7 Atais. Urbe.
8 Rio. Aer.
9 Em. COLHE. Ir.
10 Gaba. Arisco.
11 Arosa. Essas.

PROVÉRBIO: Quem semeia, colhe.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6486

HORIZONTAIS:

1 Carro. Marta.
2 Amuar. Arear.
3 Ida. Lis.
4 Dava. Atoe.
5 Ora. Mal. Ari.
6 Sá. Xarau. Aa.
7 Muar. Ural.
8 Imã. Rir.
9 Cavão. Acata.
10 Toro. Oiro.
11 Rosas. Sés

VERTICAIS:

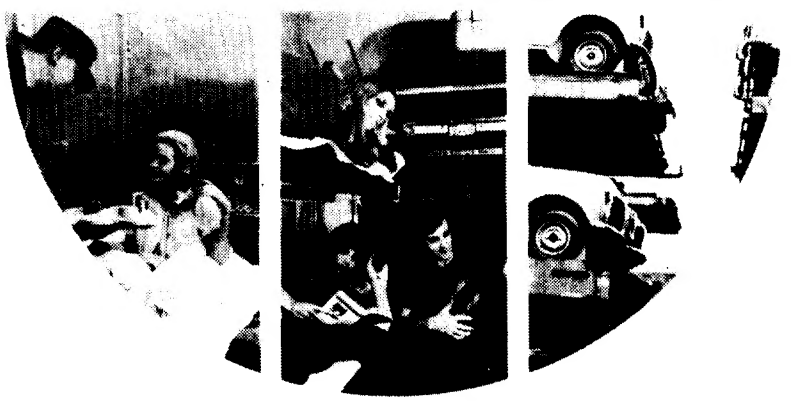
1 Cardos. Açor.
2 Am. Aram. Aro.
3 Ruiva. Uivos.
4 Rada. Xamata.
5 Ora. Marão.
6 Mar.
7 Mal. Laura.
8 Ária. Úrico.
9 Resta, Arais.
10 Ta. Oral. Tré.
11 Arreia. Mãos.

TOPIN

"GO HOME!"

adormeça em Lisboa e acorde em Madrid...

no Lusitânia-Expresso



CP 32A 72

poupe gastos de hotel, viajando de noite

o meio mais económico de centro a centro das cidades

máxima economia: carruagens-beliches
máximo conforto: carruagens-camas climatizadas

de verão, leve consigo o seu carro

ligações para toda a Espanha

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
SEDE — Calçada do Duque, 20 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO

Relação de 205 obrigações da Antiga Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães, 4 1/2 % — 1905, 2.ª Emissão, retiradas da circulação para efeito da amortização do ano de 1972.

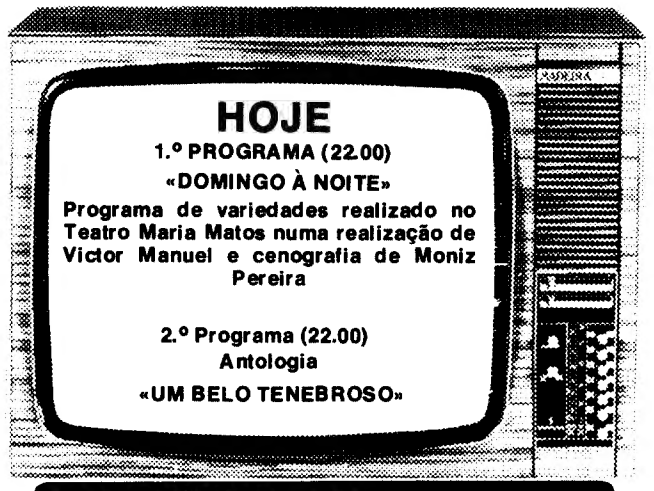
N.os	6 026	=	1
	6 038 a 6 060	=	23
	6 278	=	1
	6 523 a 6 525	=	3
	6 597	=	1
	6 666 a 6 668	=	3
	6 723 a 6 732	=	10
	6 745	=	1
	7 004 a 7 007	=	4
	7 110 a 7 111	=	2
	7 333	=	1
	7 393 a 7 394	=	2
	7 408 a 7 410	=	3
	7 533	=	1
	7 791 a 7 796	=	6
	7 805 a 7 809	=	5
	7 812 a 7 814	=	3
	7 822	=	1
	7 826	=	1
	7 896	=	1
	7 898 a 7 902	=	5
	8 375 a 8 382	=	8
	8 477	=	1
	8 549 a 8 558	=	10
	8 581	=	1
	9 342 a 9 347	=	6
	9 352	=	1
	9 354 a 9 355	=	2
A transportar			107

Transporte			107
N.os	9 369	=	1
	9 385 a 9 389	=	5
	9 601 a 9 605	=	5
	9 770 a 9 773	=	4
	9 829	=	1
	9 906	=	1
	9 909 a 9 910	=	2
	9 926	=	1
	10 068	=	1
	10 121 a 10 140	=	20
	10 325	=	1
	10 352	=	1
	10 363 a 10 367	=	5
	10 570 a 10 589	=	20
	10 727 a 10 733	=	7
	11 045	=	1
	11 055	=	1
	11 057	=	1
	11 162 a 11 166	=	5
	11 242	=	1
	11 248 a 11 249	=	2
	11 267	=	1
	11 320 a 11 321	=	2
	11 383 a 11 385	=	3
	11 390	=	1
	11 392	=	1
	11 421 a 11 424	=	4
TOTAL			205

Todas estas obrigações estão devidamente anuladas e deixaram de representar encargo da Companhia.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

televisão



MADEIRA ISLAND SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e Missa de Domingo
13.10 Dia do Senhor
13.15 Hoje pode ver
13.45 Telejornal - 1.ª Edição
14.00 Eurovisão — Sky — Transmissão directa de St. Anton na Áustria
15.00 TV Educativa
15.30 Tarde de cinema «Plano Tenebroso»
17.00 Domingo Desportivo, inclui o jogo de Andebol de 7 de Juniores Belenenses-Sporting.
18.15 TV Rural
18.40 Variedades com Zimbo Trio.
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 «Adeus 15 anos»
20.00 TV 7
21.00 Agente secreto à força
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Domingo à noite
23.45 Domingo Desportivo - 2.ª edição
00.00 Telejornal - 4.ª edição
00.15 Meditação e fecho.

2. programa

20.30 Abertura e «Regresso de Lucy»
21.00 Dó lá si
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Antologia
23.50 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e «Alvin Show»
13.00 Feminino singular
13.15 «Uma rapariga endiabrada
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Vivendo o futuro
14.25 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 TV Infantil
20.00 Momento Desportivo
20.30 Ao Serviço da Nação
21.00 Desenhos animados
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Série Policial-Columbo-1.º episódio
00.00 Telejornal - 4.ª edição
00.10 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e «Alvin Show»
20.45 Vivendo o futuro
21.00 «Uma rapariga endiabrada»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Museu do cinema
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o vento era fraco de Lesti e o céu estava geralmente limpo.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	7
PENHAS DOUR.	2
COIMBRA	8
PORTALEGRE	4
LISBOA	6
FARO	9
FUNCHAL	15

TEMPERATURAS EXTREMA

Monte Estoril
Máxima 16,

Montalegre
Mínima 2,

TEMPERATURAS NO ESTORI

Água do mar 14º
Atmosfera 11,8º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MA	
4.52	3,9 m	10.29	0,7
17.11	3,7 m	22.39	0,7
Dia 5			
5.23	4,0 m	11.02	0,6
17.42	3,7 m	23.13	0,7
Dia 6			
5.54	4,0 m	11.37	0,6
18.13	3,7 m	23.49	0,7

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANH

Céu limpo; vento fraco de Sueste

AMANHÃ

NASCER ÁS 8.3
OCASO ÁS 19.0

DIA 10 **DIA** 17 **DIA** 25 **DIA** 5

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

14.20 Tarde Desportiva-Futebol-relato do desafio Atlético-Sporting
18.05 Girândola
19.10 Música na Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades no estúdio
22.00 Teatro das comédias
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro — por Fernando Garcia
00.00 Junção — (Entra o MF1 de Lx) — sinal horário de um dia para o outro
00.30 Diário sonoro
00.45 De um dia para o outro
02.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Radio Universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

17.00 Perspectivas da obra de Villa-Lobos: — Valsa da Dor»
18.00 Concerto de domingo — Intercâmbio musical — festival de Berlim
18.31 Cinco canções (Theodor Frohlish) pelo tenor Ernest Hafliger
19.40 Trio em dó m. Haydn) — pelo trio Belas Artes
20.20 Música de câmara
20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais
21.00 Recital de violino por Gerar Ribeiro
21.30 Que quer ouvir! — Programa coordenado por Margarida Brandão
23.00 Emissão em linguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa estereofónico — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical — O Verão Olímpico de 1972 (Gravações cedidas pela Rádio da Baviera) — 1.ª Parte — Serenata para 12 cordas, 2.ª parte — concerto para violino e cordas (Hans Stadlmair)
22.50 A Federico Garcia Lorca (Pop arr. de Lopes Graça).
23.37 Missa em do menor, Cat. K. 427 (Mozart)
00.35 Sonata n.º 2, em si bemol menor, op. 35 (Chopin) Emil Gilels) piano)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda média

14.55 Tarde Desportiva
17.00 Chave do totobola
18.02 Música pelo caminho
18.45 Ritmos em desfile
19.03 Formula 1.
19.30 Vedetas e canções
20.00/21.00 «Rádio 73»
20.00 Divagando
20.15 Comentador Desportivo
20.30 De sete em sete dias
20.45 E estrela da noite
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Mensagens biblicas
23.22 Canções ao acaso
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Pendulo
17.00 Chave do totobola
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa á Gô-gô
23.00 Noticiário e Programa á Gô-gô (continuação)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISB

Rádio Peninsular

Das 6.00 às 8.00 das 10.00 às 12.00 das 22.00 às 2.00

Clube Radiofónico de Portugal

Das 8.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.3

Rádio Graça

Das 12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.0

Rádio Voz de Lisboa

Das 14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

(TURNO M-1 (ATÉ ÀS 22 HORAS)

ALCÂNTARA
Infante Santo, R. so Olival, 290 (T. 661003)
ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B T. 712682); **Estados Unidos,** Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 725859)
ARROIOS
Brasil, R. Alves Torgo, 29 (T. 46843)
AVENIDAS NOVAS
Cardote, Av. Visconde Valmor, 28-A (à Av. da República) (T. 772291)
BAIXA
Frazão, R. das Portas de Santo Antão, 72 (T. 328180)
BENFICA
Vitex, E. de Benfica, 373-B (T. 780548)
CAMPOLIDE
Imparcial, R. General Taborda, 28 (T. 680931)
CAMPO DE OURIQUE
Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726)
CONDE REDONDO
Branco, Av. Duque de Loulé, 61 (T. 45048)
GRAÇA
Monte, R. Senhora do Monte, 30-A (T. 867842)
LUMIAR
Patoleia, R. do Lumiar, 122 (T. 790332)
MADRAGOA
Lys, R. da Esperança, 17 (T. 660913)
OLIVAIS
Central, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (T. 315539)
PEDROÇOS
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (T. 610741)
PICHELEIRA
Marluz, C. da Picheleira, 140-B (T. 720703/728391)
RESTELO
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (T. 610741)
SANTO AMARO
Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A (T. 637070)
S. PAULO
Ultramarina, R. de S. Paulo, 99-101 (T. 321771)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 44000)

TURNO M-2 (TODA A NOITE)

AJUDA
Lídia, C. da Ajuda, 170 (T. 637318)
ALCÂNTARA
Probidade, R. de Alcântara, 15-A (T. 638589); **Infante Santo,** R. do Olival, 290 (T. 661003)
ALFAMA
Anunciada, R. do Vigário, 74 (T. 866360)
ALTO DO PINA
Eusil, R. Barão Saborosa, 104 (T. 841912)
ALVALADE
Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Av. do Brasil) (T. 765262); **Belo,** Av. de Roma, 53-A (T. 776314)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (T. 790969)
ANJOS
Guerra, R. Andrade, 32 (T. 845513)
AREEIRO
Central, Av. Paris, 2 (T. 720820)
AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (à Feira Popular) (T. 763016); **Saldanha,** Av. Praia da Vitória, 53 (T. 43938)
BAIRRO ALTO
Durão, R. Garrett, 90 (T. 324166)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, P. do Norte, 11 (T. 311216)
BENFICA
Marques, E. de Benfica, 648 (T. 700096); **Vilex,** E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **São João,** E. da Luz, 124-A (T. 783179)
CAMINHOS DE FERRO
Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 480125)
CAMPOLIDE
Rualto, Alto de Varvalhão, 5-B (T. 651721)
CAMPO DE OURIQUE
Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 66606)
CHARNECA DO LUMIAR
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969)
CHIADO
Durão, R. Garrett, 92 (T. 324166)
ESTRELA
Gama, C. da Estrela, 130 (T. 660339)
GRILO
Grijó, R. do Grilo, 25 (T. 385264)
OLIVAIS
Fernando Borges, R. Cidade de Benguela, lote 300 (Olivais-Sul) (T. 311091)
PENHA DE FRANÇA
Dimar, R. Conde de Monseraz, 17-B (. 842538)
S. MAMEDE
Cunha, R. da Escola Politécnica, 16 (T. 325455)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS:
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081)
CAXIAS:
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS:
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS:
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE:
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204)
S. PEDRO DO ESTORIL:
S. Pedro, (Tel. 263052)
ESTORIL:
Ostende, R. de Espinho, 1 (Tel. 260391)
CASCAIS:
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 281419); **Nova,** Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA:
Dias, Av. Marques de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); **Campos,** R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); **Clabel,** R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551)
DAMAIA:
Confiança, Est. Militar, lote D (Tel. 9710231)
VENDA NOCA:
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161)
QUELUZ:
Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045); **Correia,** L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)
CACÉM:
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)
MEM MARTINS:
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA:
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA:
Marrazes, L. A:FONSO DE Albuquerque (Tel. 980058)
COLARES:
Colares, Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS:
Gusmão, R. Cândidos dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA:
Castro Rodrigues, Rua Capitão Leitão, 8-A (Tel. 270271)
BAIXA DA BANHEIRA:
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO:
Piçarra, Av. do Bocage, 65-A (Tel. 2274771)
COVA DA PIEDADE:
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Tel. 2764466)
MOITA:
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO:
Diogo, P. Almirante Reis, 42 (Tel. 230032)
SESIMBRA:
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)
SETÚBAL:
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408); **Portugal,** R. Camilo Castelo Branco (Tel. 23211)
SEIXAL:
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

1.º TURNO

SUB-TURNO A

Alves da Silva, Av. da Boavista, 1016. **Azevedo (de),** Rua do Meiral, 503. **Gomes Ferreira,** Rua Faria Guimarães, 449. **Nau Victória,** Rua Nau Victória, 723. **Ordem da Trindade,** Rua Her. e Márt. Angola, s/n. **Terreiro,** Rua da Reboleira, 21

SUB-TURNO B

Antas (das), Av. Fernão de Magalhães, 1076. **Ant. Porta do Olival,** C. Mártires da Pátria, 122. **Falcão,** Rua de Santo Ildefonso, 61. **Ferreira,** Praça D. Afonso V, 55-B. **Lousada,** Largo do Campo Lindo, 62

COIMBRA

TURNO B

Estádio, Rua do Brasil, 348 r/c (Tel. 24410); **Miranda,** Pr.ª do Comércio, 41 (Tel. 23261); **Batista,** Pr.ª da República, 910 (Tel. 23747)

cinemas • cinemas • cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
Grupo B - 10 anos)
14.30-17.00-19.00-21.45
Technicolor. Barbra Streisend e Ryan O'Neal em «QUE SE PASSA DOUTOR»
Rua Castilho - Metro Rotunda
Estacionamento Parque Castil

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
GRUPO D (18 anos)
Panavision — Um filme de Richard Fleischer com George C. Scot CENTURIÕES DO SÉCULO XX
2.ª semana

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.00-17.00-19.00-21,45
(Grupo D-18 anos) 3.ª Semana
A obra prima de Jean Renoir baseado no romance de Emile Zola «A FERA HUMANA» com Jean Gabin e Simone Simon

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
Grupo D (18 anos)
4.ª semana — Por amor a César por amor a David — Entre dois amores... Rosalie CÉSAR ET ROSALIE» com Yves Montand e Romy Schneider (Metro: Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.00-17.00-19.00-21.45
Grupo C - 14 anos 2.ª Semana Um filme de André Delvaux «ENCONTRO EM BRAY» (Rendez-vous à Bray) com Anna Karina, Mathieu Carrière. (Metro: Alameda).

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Joseph Cotten - Anne Baxter num filme de Orson Wells «O 4.º MANDAMENTO» 2.ª semana.

LYS (TEl. 48560)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
MALPERTUIS em complemento COM JEITO VAI GRITANDO (Metropolitano: Intendente).
Às 18.30 «MALPERTUIS»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 4.ª semana Uma adolescente... os sonhos a imaginação... o amor! «DESEJO DE AMAR» Isabelle Adjani e Mauriel Catala.

ROMA (Tel. 727778)
Às 15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Eastmancolor - Johnny Hallyday em «PONTO DE ENCONTRO» com Robert Hossein e Pascale Rivault

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos) 5.ª Semana Goldie Hawn e Eileen Heckart em «SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES» Um filme que faz livre também. Technicolor Tardes infantis (Grupo A 6 anos Hoje às 18.15 - Do génio incomparável dos desenhos animados de Walt Disney «GOOFY E DONALD OLÍMPICOS» - Technicolor

LONDRES (Tel. 731313)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
11.ª Semana
A Estrela do ano Liza Minneli «CABARET» (Adeus Berlim) Snak-Bar «Put The Flag» o melhor encontro gastronómico

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos) 2.ª semana «CHEGA-LHE... AMIGO» com Bud Spencer e Jack Palance Technicolor-scope

BERNA (Tel. 7776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
2.ª Semana Eastmancolor. Duas horas de grande cinema «PERSEGUIÇÃO» Um filme de Rene Clement.

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos) 9.ª Semana Alfredo Landa, Sylva Koscina e Ira Fustenberg em «NÃO DESEJARÁS A MULHER DO DELICADINHO». Um escândalo em graça brejeira

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«CARNE DE PRIMEIRA» Em complemento «OS RATONEIROS»

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana Colorido — Nem tudo na estátua estava certo... A ESTÁTUA com David Niven e Virna Lisi

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
54.ª Semana «Record» de exibição em Portugal! «TRINITÁ COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer. Color - Scope

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«A CÓLERA DE DEUS» e em complemento «ANÓNIMO VENEZIANO»
(Metropolitano: Arroios-Chile)

CONDES (Tel. 322523/326710)
4 sessões diárias
14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos) James Coburn enfrenta... UM CASO DE URGÊNCIA Inquérito sobre um crime sem assassino!

MUNDIAL (Tel. 538743)
18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Virna Lisi, Maurice e Annie Cordy vivem uma apaixonante história de amor! «UM GATO NA RATOEIRA» Alta comédia colorida de Sergio Gobbi À noite, música de fundo por Jorge Fontes e a sua guitarra

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
7.ª Semana Technicolor Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» Com Wood Allen.

CASINO (Tel. 26462/264948)
15.30 - 18.30 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«TRAFICANTES DE SONHOS»

S. JORGE (Tel. 54153/4)
15.15 - 18.15 e 21.30
James Coburn. Indomável! Aventureiro! Dominador!
OS CENTAUROS
Grupo C (14 anos)

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) O Mistério de um assassino desvendado com audácia «ENTRE A LOUCURA E O CRIME» Com George Hilton e Anita Strindberg.

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Eastmancolor - um filme de Jacques Deray, um romance de Françoise Sagan «UM RAIO DE SOL NA ÁGUA FRIA»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Mulheres é Comigo»
CAPITÓLIO
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Sexo, Nunca! Somos britânicos»
MARIA MATOS
21.45 (14 anos)
«Missa Leiga»
VARIEDADES
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência o pendura»
A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
É o fim da macacada»
COLISEU
21.30 (10 anos)
«Grande Circo de Madrid»
TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»
MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»
GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«As Criadas»
CASA DA COMEDIA
22.00 (14 anos)
«Alice nos jardins de Luxemburgo»

LISBOA/Cinemas

CINEARTE
21.30 (14 anos)
«Explosão e garotos»
PARIS
21.30 (14 anos)
«As duas rainhas»
Olímpia
(14 anos)
«O Forasteiro invencível»
JARDIM CINEMA
21.30 (10 anos)
«O Alto, o baixo e o Gato»
«O Perseguido»
MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Minha filha não é minha»
PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«A transplantação»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Os Cowboys»
OEIRAS
Oeiras-cine
21.00 (18 anos)
«Alta traição» e «Smic, Smac, Smoc»
PAREDE
Royal-cine
21.15 (14 anos)
«Adeus Sabata»
ESTORIL
Casino
15.30 - 18.30 e 21.30 (18 anos)
«Traficantes de sonhos»
ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
Heróis de conta própria»
CASCAIS
S. José
21.30 (10 anos)
«A colina dos sarilhos»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«O Comissário Pepe»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«A rapariga das violetas»
QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«A filha dos homens selvagens»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Divida de Ódio»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«X, Y e Z»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Revoltados do Caine»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Os Toiros de Mary Foster»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«A Fuga está na Morte»
BARREIRO
Cine-Barreirense
21.00 (14 anos)
«Entre duas margens»
COVA DA PIEDADE
21.15 (18 anos)
«Aventura é aventura»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
18.00 (6 anos) Para sócios
«A Princesa e o Papagaio»
SÁ DA BANDEIRA
23.00 (18 anos)
«A cama dos comuns»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Cabaret»
S. JOÃO
21.30 (10 anos)
«As noites loucas do dr. Jerry»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«O pecado»
JÚLIO DINIZ
21.30 (14 anos)
«Era uma vez um polícia»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Quatro moscas de Veludo»
TRINDADE
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»
VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«O Diamante cor-de-rosa»
CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Maciste na Corte do rei Salomão»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Desejo de amar»
COLISEU
21.30 (14 anos)
«A noite das oito badaladas»
OLÍMPIA
21.30
«Sartana está de volta»
ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«A casa que escorria sangue»

COIMBRA

AVENIDA
21.45 (18 anos)
«Até à Maternidade»
TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Não desejarás a mulher do delicadinho»
GIL VICENTE
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»
SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«A doce vida da casta Susana»

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades, Maria Helena, Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. **R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h às 21 h e das 22.30h às 05.00h.**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé 69. Telef. 534117.**

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e Jose Luis Tomar; fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria . **Travessa da Queimada, 10 Telef. 362889. Aberto todos os dias.**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384.**

SANZALA — Dancing, Duo Ouro Negro e Conjunto Blackground. Jantares e ceias até às 5 da mamnhã. Avenida Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

EL CIDE — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao conde Redondo) **Telef. 560538** Com variedades.

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 34859/365167**

CASEBRE — Rua da Barroca, 133. **Telef. 369760.** Encerrado aos domingos. Cantam: Carlos Barra, Deolinda Rodrigues e Nazaré. À 1.00 h. convidado special em tempo-Show. Folclore pelos cinco típicos de Vila Franca de Xira. Tocam Carvalhinho e Júlio Gomes.

FRAGATA REAL — Maria Valejo. Maria Jô-Jô Nelo e Joaquim Campos em Fado lisboa, João Queiróz em Fado de Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral. **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

SAN-PAYO — Bar-boite c/música constante. Aberto até às 5h da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Telef. 561422.** (Ar condicionado).

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telef. 368579.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Telef. 320164.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

FONTORIA — Dancing. Música constante. Variedades internacionais. **Praça da Alegri, 66 Telef. 35431.**

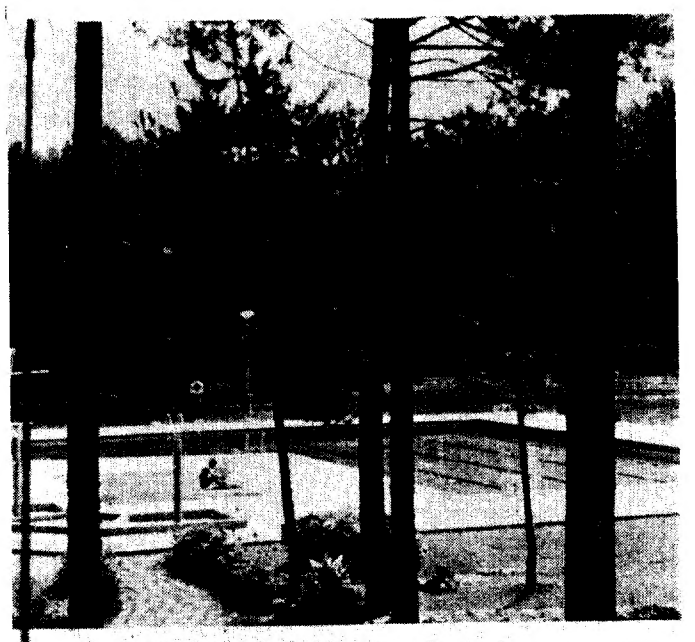
PRINCIPE NEGRO — **Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Telef. 368987.**

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 º2,ºE-4 º
TÉLEF 654531/2-3-4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

A PROPÓSITO DE UM RELATÓRIO

DO CAMPISMO DESPORTIVO AO TURISMO DE MASSA



Expansão acelerada do campismo, mudança não menos vincada do modo de fazer campismo ou da figura tradicional do campismo, assim se poderia resumir o relatório e contas da gerência* de 1972 da Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo.

Em primeiro lugar, a expansão: o número de cartas nacionais passa de 5580, em 1964, para 29 915 em 1972; as receitas representadas pelas taxas federativas crescem em 366 por cento, relativamente a 1967: 1279 milhares de escudos. A tal expansão corresponde um esforço de alargamento das instalações de campo, assim como uma maior integração no movimento internacional: aumento do intercâmbio e das cartas internacionais, escolha de Portugal para o «rallye-1975 da F.I.C.C.» Do ponto de vista da distribuição regional, mantem-se a natural supremacia das grandes cidades e polos industriais: Lisboa (12 328 filiados), Porto (5563), Setúbal (3689), Aveiro (1331)...

Não se deve, no entanto, sobreestimar a importância das taxas de crescimento, pois os pontos de partida são muito baixos. Na realidade, o campismo continua a ser uma forma relativamente marginal de ocupação dos tempos livres. No entanto, não é esse o aspecto que mais nos chamou a atenção neste balanço da actividade campista em Portugal. O O lado mais saliente do relatório é o das transformações a que a expansão da prática do campismo está a dar lugar, facto que os dirigentes federativos não deixam de assinalar:

. **«Forma aliciante e fácil de expressar a liberdade pessoal e uma das mais completas maneiras de despoluição humana, o campismo continua a beneficiar de larga preferência, não já na sua primitiva feição desportiva mas, sobretudo, nas diversas formas de ocupação de tempos livres que a vida actual vem consagrando.**

«Se é verdade que, objectivamente, não se pode distinguir com facilidade um antigo campista desportivo dum actual praticante de ar-livre, de propósitos puramente turísticos, ou recreativos, sabe-se, contudo, que hoje o campismo se pratica em dois grandes grupos. Dum lado os que preferem um campismo itinerante, quer em viagens quer mesmo em saídas de rotina semanal. Outros praticam-no de forma sedentária, com longas permanências em parques, usando a instalação como casa de campo ou segunda residência. São duas maneiras diferentes de se servirem do campismo e dois conceitos quase opostos.»

DUPLO IMPASSE

A conjugação destes vários aspectos leva-nos a perguntar se, apesar de um relativo crescimento, não estará o campismo face a um duplo impasse. O campismo tradicional, entenda-se: por um lado, não oferece condições para um consumo em massas, caminhando antes para se tornar complemento ou acessório das formas actuais do chamado turismo de massa; por outro, o desaparecimento do campismo desportivo afigura-se inevitável, como conseqüência dessa mesma evolução.

Nos «tempos heróicos» do campismo português, este aparece em larga medida ligado a grupos populares urbanos. Trata-se de uma fase primitiva da industrialização do país, em que o campismo não só constitui a forma económica e viável de recreio e saída da cidade, mas também uma forma de associativismo, dando inclusivamente origem a uma espécie de «ideologia campista». Aparece então relacionado com outras formas elementares de associativismo: cooperativas, grupos desportivos, secções culturais, clubes de chinquilho... Ora, não só estão hoje em crise estas formas de associativismo, que correspondem a uma forma já ultrapassada das classes populares urbanas, como, no caso do campismo desportivo, se depara com factores económicos que impedem a sua generalização em massa dentro dos grupos e camadas sociais com menor capacidade de consumo. Escassos os equipamentos colectivos, é cada vez maior a necessidade de recurso aos meios individuais: não só a clássica tenda, mas a caravana, o automóvel, o cada vez mais refinado equipamento interior, que deve suprir as deficiências de equipamento dos campos ou até a sua ausência.

Para ilustrar a necessidade dos meios individuais, basta pensar no problema dos transportes. Em Portugal, como em pràticamente todas as economias de mercado, o sistema de transportes colectivos não só é deficiente como está organizado em função do transporte da mão de obra aos locais de trabalho, quase não existindo em função dos «tempos livres», a não ser para camadas sociais com elevado poder de compra: servem de exemplo as linhas aéreas para o Algarve. A resposta deverá ser dada em termos de meio individual de transporte — o automóvel. No entanto, as necessidades existem e tão mais fortes quanto se concentram grandes massas populacionais nas cidades e nos grandes subúrbios; tanto mais quanto as formas de urbanização decorrentes da economia de mercado arrastam um corte cada vez maior com a natureza, uma forte poluição, um ritmo de vida que cria prementes necessidades de repouso, recreio, contacto com a natureza. Esta situação é particularmente grave para os frupos sociais na base da escala social, para as populações dos subúrbios que, além dos problemas da cidade, sofrem os efeitos da falta de equipamentos culturais e de recreio e da falta de transportes. As coisas passam-se de forma comulativa: os grupos sociais mais atingidos pelas condições de trabalho e por longas deslocações diárias, pela poluição e pela ausência de equipamentos colectivos, são exactamente aqueles que menor margem de resposta têm face às necessidades criadas pelo modo de vida urbano ou pela industrialização.

Concebida em termos individuais, essa resposta levanta curiosas questões de mercado: a quem se dirige a produção dos meios individuais de campismo, recreio, transporte? A que grupos sociais consumidores se dirige o «Nauticampo» que, se interessa a F.P.C.C., interessa ainda mais os industriais do ramo? Naturalmente a grupos sociais com um certo poder de compra. Pode considerar-se o campismo como «**uma importante forma de turismo popular**», mas aqui, «popular» não quer dizer classes populares. Os factores económicos apontados restringem a sua base social, aproximando-a daquilo a que se chama «classes médias», tocando apenas os estractos superiores das classes populares urbanas.

O FIM DO «IDÍLIO CAMPISTA»

Em suma: a forma mais económica de fazer turismo e repousar fora do meio urbano, torna-se cada vez mais cara e menos acessível. Mas, ter-se-á resolvido, pelo menos, o problema daqueles que já têm acesso a essa forma de ocupar os «tempos livres»? Parece bem que não. A mesma evolução que limita socialmente o seu consumo, vem também arrastando a deterioração das próprias condições de «evasão» da cidade e de repouso, de fim de semana e de férias. Exiguidade e superlotação dos parques e praias, poluição generalizada, longos engarrafamentos... E neste sentido que o «idílio campista» passou à história. De resto, o campismo como forma complementar do turismo de massa deverá crescer.

A conclusão que se pode tirar da evolução recente do campismo é a de que, também neste campo, continuam a jogar as determinações sociais: o modo e as condições de repouso e recreio fora da cidade acompanham a diferenciação social na cidade, no trabalho, na residência. E bem diferente passar o fim de semana na residência de campo, tomar o avião para o Algarve ou para paragens ainda não invadidas pelo turismo, e passar horas engarrafado nas saídas de Lisboa, com uma tenda de campismo no porta-bagagem, ou apanhar um comboio superlotado no Cais de Sodré, para ir tomar banho nas «cristalinas» águas de Carvelos.

SHANGRI-LA NO EQUADOR

LONDRES A (UPI-ANI) Na terra, o local mais parecido com Shangrila deve ser Vilacamba, no Equador. Trata-se de um vale onde as pessoas atingem idades avançadas.

O Dr. David Davies, dos serviços de gerontologia da Universidade de Londres, regressou recentemente de vilacamba com aquilo que ele considera provas suficientes de que o patriarca do vale, Jose David, tem 142 anos, e o segundo homem mais velho, Miguel Carpio, tem 123.

Alguns habitantes do Caúcaso reivindicaram idades bastante avançadas, mas não possuem certidões de nascimento para o aprovar, ao contrário do que acontece com David, Carpio e outros centenários de Vilacamba, que são católicos e possuem certificados de baptismo.

Ao dr. Davies foi dito que os centenários do vale conservam as suas faculdades até à hora da morte. Aqueles que ele pode ver por si próprio estavam Lúcidos e os seus dentes eram tão sãos como os dos homens e mulheres várias décadas mais novos.

Contudo, bebem duas a quatro chávenas de rum por dia e fumam entre 40 e 60 cigarros.

De acordo com o dr. Davies, , os habitantes do vale preferem beber água do rio do que do novo reservatório, e cientistas da Universidade de Quito estão a efectuar pesquisas, procurando nas águas do rio factores químicos que possam contribuir para a sua longevidade.

«Devia haver maneira de proteger o vale dos estranhos até se procederem a investigações completas» — declarou o dr. Davies.

A área foi colonizada pelos espanhóis, há quatrocentos anos, e desde então que ali reina a calma. O vale não se encontra situado numa zona sísmica e o clima é estável e temperado. A tensão alta, as doenças de coração e o cancro são relativamente pouco comuns as doenças de coração e o cancro são relativamente pouco comuns. A morte resulta, geralmente, de acidentes ou de gripe contraída pelo contacto com visitantes.

Os habitantes atribuem a sua longevidade a certos chás de ervas que bebem, e a uma dieta em que predominam as frutas e os vegetais- o que equivale a uma média de 1.700 calorias diárias, ou seja: cerca de metade das calorias consumidas por inglês.

"DIÁRIO DE LISBOA"

Acerca do artigo publicado no nosso jornal no passado dia 9 com o título «turismo no Norte», a Direcção da União dos Grémios da Indústria Hoteleira e Similares do Norte, enviou ao nosso director o telegrama que a seguir transcrevemos:

Direcção União Grémios Indústria Similares Norte felicita vivamente V. E.ª pelo oportuno e justíssimo artigo sob título «Turismo no Norte» publicado no exemplar ontem desse prestigioso orgão Imprensa. Numa altura em que os nossos interesses turísticos exigem cada vez mais frequentes e mais rápidas comunicações com mundo exterior é inconcebível caminha-se sob signo do retro. Superiores interesses nacionais reclamam aglutinação esforços no sentido se obviar graves inconvenientes apontados. Apresento a V. Ex.ª respeitosos cumprimentos:

PRESIDENTE
ANTÓNIO ABRANTES JORGE

O «Diário do Ribatejo» transcreveu o comentário «Ouvir os jovens», da autoria do nosso camarada de redacção Jossué da Silva.

Também fizeram transcrições ou comentários ao «Diário de Lisboa» os nossos colegas «Noticias de Setúbal», «Comércio do Funchal», etc.

O futuro do "Euratomo"

BRUXELAS (FP) — O «Eurátomo» terá amanhã a sua «hora da verdade», quando os ministros da investigação científica dos «nove», eventualmente assistidos pelos ministros dos estrangeiros, resolverem sobre o que há a fazer com a Comunidade Nuclear Europeia, criada em 1958 para os «seis» poderem recuperar o seu atrazo no domínio da indústria atómica, em relação aos Estados Unidos e à URSS, e também, na altura, a Grã-Bretanha.

O «Eurátomo» tem vivido de crise em crise desde 1967. O programa da investigação era então de perto de 100 milhões de unidades de conta, anualmente, pagas só por seis países. O programa hoje, que vai ser discutido, é só de 40 milhões de unidades de conta e a dividir por «nove». Para esta redução considerável, contribuiram as rivalidades entre os grandes, preferindo as investigações no plano nacional ou quanto muito bilateral, e uma programação da cooperação demasiado rígida.

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257